

REVISTA JUVENIL

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

Transibunt dies, augebitur scientia.
Bacon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—25000 reis por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO I

Maranhão—Quinta-feira, 10 de agosto de 1876.

NUMERO 1

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO, 10 DE AGOSTO DE 1876.

São hoje pela primeira vez á luz da publicidade a *Revista Juvenil*.

Escusado era dizer que nenhuma veleidade alimenta de vir disputar as palmas do triumpho que a opinião publica confere aos athletas do pensamento, lidadores do jornalismo.

Bastava-lhe, quando mais não fosse, o titulo, para remover semelhante idéa.

A *Revista Juvenil* não é, pois, mais do que modesta arena de combate, onde intentam provar forças ensaiando as armas alguns moços ambiciosos de cultivo litterario.

No meio dessa actividade que caracteriza a epoca, quando a palavra—instrução é a senha do progresso, poderá por ventura permanecer a mocidade indifferente sem tornar-se criminosa?

Obedecendo a este impulso foi que aqui nos congregamos.

Pouco será o que poderemos fazer; mas a certeza nos acompanha de que é todo o trabalho abençoado.

O que é hoje fulgor indeciso allumian-do apenas, quem nos diz que não será amanhã resplendor vivissimo a desprender scintellas que deslumbram?

A questão é não desanimar.

O dia não está longe em que todas as revoluções serão operadas só pelo talento, sob influxo pacifico.

Portanto:

Moços, que sentis na frente o revolutear das nobres idéas, e guardaes no peito ainda immaculados os moldes dos grandes caracteres,—ao trabalho!

—Estas expressões de entusiasticos desejos serão, porém, baldados perante as difficuldades materiaes da empresa que encetamos, si benignamente não nos acoller o favor publico.

Este favor nós o pedimos e ousamos esperal-o.

A voz do seculo.

No século actual, chamado das luzes, a sociedade—grande incremento tem tomado no seu desenvolvimento; as sciencias e as artes teem acompanhado este movimento em quasi todos os paizes; o homem tem applicado com esforço as suas faculdades intellectuaes a todos os ramos de estudo; porem, infelizmente para nós, o Brasil tem se conservado na retaguarda das nações que prosperão, ou, para melhor dizermos, tem permanecido immovel ante as torrentes do progresso, que junto á elle passão.

Mas se assim succede, a culpa não deve ser imputada, nem ao paiz, porque elle não tem responsabilidade, nem á nação, porque ella não gosa de liberdade para se dirigir;—e sim á forma de governo que temos... á monarchia, que com grossas correntes e pesado jugo amarra e opprime esta nação americana, que não pode entrar na lucta, em que se debatem ás suas vistas os paizes cultos e civilizados, aquelles que não admittem em seu seio governo absoluto e ao mesmo tempo corrupto, como o nosso!

O Brasil, paiz extremamente rico em productos naturaes, parece ter o seu nome gravado com o symbolo do infortunio no grande livro do destino!

Tranzas de nefanda tristeza tem soffrido esta vasta região da America meridional desde o seu descobrimento até os nossos dias; á principio dominada pela ambição dos colonos, depois pelo capricho dos seus imperantes.

Esta é a razão porque o Brasil não atende á voz do seculo, que lhe grita—marcha!

Como attender a este grito, se elle está escravizado por um governo que assenta o seu throno sobre os direitos, calcando aos pés a sua liberdade?

Se o governo, conscio das arbitrariedades que pratica, lhe tolhe todos os meios de instrução, unico caminho pelo qual elle poderia encontrar as nações que progridem?

Se o governo para melhor exercer suas despoticas intenções, se cerca de ho-

mens sem prestigio e prostituidos pelo servilismo, afim de escravisar a nação?

Não é debaixo d'uma forma de governo como esta, que se pode seguir os impulsos do progresso! E' preciso que quebre os laços que nos prendem ainda ao throno imperial, lançando-o por terra, afim de, desimpedidos obedecermos á voz do seculo, que nos dá por divisa—a instrução e a democracia pura!

A instrução aperfeiçoa os homens, e, ensinando-lhes a conhecer os seus direitos e deveres, concorre para que elles se capacitem d'esta grande verdade—que a monarchia é a forma de governo, que em si encerra tudo quanto pode haver de immoral, corrupto e immundo; é um insecto vil, que corroe os povos e arrasta-os para os abysmos da perdição: é um obstaculo, que se oppõe ao desenvolvimento e progresso das nações; é a grande barreira, que precisamos ultrapassar para podermos gosar da liberdade que jaz calcada a seus pés!

Esta verdade é tão intuitiva, que vemos o desenvolvimento que teem as nações, cujos governos respeitão os direitos do povo e estabelecem completa liberdade no sólo em que assentão... aquellas, cujos governos são republicanos!

Lancemos uma vista sobre os Estados-Unidos, e admiremos a sua prosperidade, ocasionada pelo governo que dirige esta nação democratica por excellencia!

Admiremos o governo que tem a Suissa; esse paiz, que, não obstante ser pobre e acanhado para a sua população, progride e traz para essa mesma população a felicidade, resultante da sua forma de governo.

Contemplemos a França actualmente; que de progresso não faz! que de felicidade não gosa! Por ventura estiverão os francezes algum dia melhor do que debaixo do governo republicano em 1789 e ultimamente em 1876?

Não; e isto o affirmão a paz de que elles gosão e a prosperidade de todo o paiz.

Depois d'estes exemplos digamos em alta voz:—A republica garante a liberdade do cidadão e a prosperidade da nação!

E, pois, seguindo os impulsos do seculo, tomemos por divisa—a instrucção e a republica!

Estamos n'uma epocha, em que o homem pode pensar livremente; n'uma epocha em que o estudo não está sujeito ás miseraveis sotainas de frades e jesuitas; n'uma epocha em que a ideia de liberdade germina em todos os corações; n'uma epocha em que o throno real já treme ante a aura republicana, que sopra de todos os lados; n'uma epocha, em que começamos a conhecer o mal que produz a monarchia em todos os paizes, onde penetra; porque infelizmente, como definiu um escriptor francez, «a experiencia é um fructo, que, quando se colhe, já está completamente apodrecido»; n'uma epocha, finalmente, em que o povo brasileiro deve erguer-se para fazer respeitar os seus direitos, estabelecendo o governo republicano, unico compativel com a sua indole!

Não é n'esta epocha, que devemos estacionar; acompanhemos o seculo, porque dia virá, em que teremos como resultado dos nossos esforços—a queda da monarchia e o estabelecimento da republica!

E' este o horisonte, que devemos mirar!

Não será difficil de attingil-o, porque temos consciencia de que não nos falta a coragem precisa para continuarmos na senda, que temos encetado; e de que a perseverança em sustentar as nossas idéas, não tem deixado de prestar-nos o seu auxilio!

S. Luiz do Maranhão, 13—6—76.
Reginaldo.

A vida de além-túmulo.

O. D. C.

á saudosa memoria do Dr. Gentil H. d'A. Braga.

O homem é um ser que tem por ponto de partida o nada e por termo o infinito.

(Martinet.)

Ha na existencia do homem dous pontos extremos, diametralmente oppostos e tão distantes que um acha-se collocado dentro das raias do finito, emquanto que o outro é contido pelo infinito; sam dous polos da existencia humana; em um hemispherio o nascimento, em outro a morte.

O nascimento é o primeiro sorriso da vida do homem, que acaba de sair das mãos do Creador, é como o desabrochar da flor pura que frescamente mostra suas petalas aos raios do sol, e recebe as gotas do orvalho com os suspiros da brisa.

A morte é o ultimo alento exhalado das fauces do moribundo, quando o sopro divino, conhecendo que a argilla já não pôde receber sua acção, abandona-a

para volver ao seio, onde *ab-eterno* existira; é como o cahir da flor que, crestada pelos ardentes raios apolineos, desprende-se do galho para desaparecer no solo.

Todos sabem que a vida animal é o estado dos seres emquanto teem em si o principio das sensações e do movimento, é o effeito das relações mutuas entre a alma e o corpo, relações que conhece-se perfeitamente, porque os phenomenos de cada dia nol-o demonstram desde o facto mais simples até os mais altos e mais complicados actos de nossa vida, mas que até hoje a intelligencia humana curva-se sem poder explicar. Ella não depende tão sómente da organisação material, como concebera Descartes na sua physiologia, por que o simples jogo dos órgãos, que sam materiaes, não poderia produzir effeitos immateriaes; da mesma sorte que não pode depender exclusivamente da acção da alma sobre o corpo, como exagerado sustentara Stahl no seu *Animismo*, porque phenomenos ha que mais parecem depender da organisação physiologica do que do principio pensante.

Não devemos, porém, por estes argumentos chegar ao *Duodinamismo* dando uma existencia real e distincta ao ser inorganico e outra ao ser organizado, porquanto, longe de resolvermos a questão, teriamos de recuar ante o grave inconveniente da necessidade de crear um ser imaginario á semilhança do *mediador plastico* de Cudworth para ligar aquellas duas existencias.

Não nos sendo dado resolver a questão, não devemos por isso pôr em duvida ou negar a existencia d'esse facto, porque a sua negeção implicaria o mais grosseiro scepticismo.

A vida, bem se comprehende, é a existencia do ser, é o espirito entre os encantos, na grandeza da paz, nos dulçores da fé, nos arroubos da liberdade, gozando do presente, antevendo e preparando o porvir.

A morte é a decomposição da materia, é a inaptidão dos órgãos para as funcções da alma, é o estado pungente em que o espirito se vê, quando o tenebroso manto do passado obscurece-lhe o presente, eclipsando de uma vez para sempre as esperanças do futuro.

Na vida, está o homem no meio das grandezas e dos ouropeis do mundo, de frente erguida, o passo firme, o porte soberbo, o olhar scintillante, no meio do vendaval das paixões, sentindo girar-lhe açodado o sangue nas veias, sonhando com a gloria, suspirando com um porvir de flores:—na morte, o quadro muda para apresentar a mais tremenda antiítese. O archanjo do sepulchro começa a esvoaçar sobre o leito; pouco a pouco vae-se aproximando do moribundo, de quando em

vez roça-lhe os membros com as gelidas azas e afinal, chegada a hora extrema, segreda-lhe ao ouvido um som lugubre, um *verbo* fatal:—eternidade!

De repente, os olhos scintillantes, ainda ha pouco, começam a embaciar-se, a voz pega-se-lhe na garganta, os movimentos tendem a desaparecer, o rosto empallidece, os labios arrouxêam-se, uma baga de suor lhe cae da fronte, um esforço extremo expelle de entre as fauces o ultimo alento. A rigidez dos membros a frieza total do corpo e o pavoroso silencio dizem:—é um cadaver!

Dentro em pouco, envolto o corpo em uma mortalha, vae ser lançado á sepultura para ser o pasto dos vermes, entregue ás trevas, condemnado ao silencio, cercado pelo horror, separado do mundo pela lage do sepulchro!

Um corpo inanimado e frio, após esphacellado, em seguida—terra e por fim—nada!

Eis o que ha do mundo!

E ainda ha quem ponha em duvida a existencia de uma vida de além-túmulo!

Si a moral fivesse sobre a terra uma perfeita sancção, poder-se-hia, embora por hypothese, pôr em duvida essa existencia de uma vida após esta; mas, si nós vemos que nos dous tribunaes a que podemos comparecer sobre a terra, nem sempre a justiça é distribuida equitativamente, parece que, para estar Deus em harmonia com seus attributos, é forçoso reconhecer a existencia de um outro tribunal, onde o premio esteja em relação ao merito e a pena em relação ao demerito. Ora, os dous tribunaes a que podemos comparecer n'esta vida sam—a nossa consciência é o juizo de nossos semelhantes; mas tanto um como outro sam corruptiveis. Sim; quanto á consciencia, por um lado, o remorso, que é a pena d'este tribunal, só pode martyrisar uma alma ainda não affeita ao mal, e nunca um espirito já callejado e acrysolado na pratica das iniquidades, do vicio e do crime; ao mesmo tempo que a satisfação moral, premio aqui dado, para uma alma verdadeiramente virtuosa e habituada á pratica de boas obras, seria tambem por fim um facto indifferente, que sobre ella já não teria acção. Daqui a insufficiencia d'este tribunal para a sancção moral, a necessidade, portanto, de uma outra vida.

Quanto ao tribunal da opinião de nossos semelhantes, os factos todos os dias centuplicadamente testificam a desproporção em que sam dadas penas e recompensas. Quantas vezes á uma acção verdadeiramente meritoria não succedem o vituperio, o desprezo, as afflicções, as angustias e até a morte? E quantas não se tem visto á perpetração do mais hediondo crime seguir-se o louvor, as honras,

as homenagens das turbas, a consideração publica e até a apothese?

O criminoso, que morre logo depois do crime que perpetrara, escapa a todo o castigo sobre a terra; ao passo que, por outro lado, a tyrannia e o despotismo immolam mil victimas innocentes nas aras da anarchia e do capricho! E quantos innocentes não sam victimas do engano da justiça? Quantos não jeem cahido martyres de sua intima convicção, ante os altares da impiedade?

D'estes argumentos, de que todos teem conhecimento, parece bem evidente a necessidade de uma vida de além-tumulo.

Sim; bem como se pode ter em vida um viver duplice, quando por exemplo a magestade do dever se ergue sobre as cinzas da realza, como succedera a Brutus, quando, á frente do consulado romano, abafara a voz de seu coração, desprezando os raios de sua intelligencia, condemnando e assistindo á execução de seus fillos; assim, não admira que tambem viva, depois de desaparecer do mundo, uma alma nobre, que teve por crença a verdade, por evangelho a virtude!

E, da mesma sorte que se morre continuando em vida, como morrera Marco Antonio, quando sacrificou o amor da liberdade e da patria ao impudico amor de Cleopatra; assim, depois da morte se vive, porque os actos verdadeiramente meritorios immortalisam seu autor.

E quando a intelligencia começa, na vida do mundo, a levantar uma memoria á si mesma; quando o espirito esclarecido, traduzindo seus puros sentimentos e affectos, externando suas idéas, fundamentando sua convicção, expellindo o erro, sublimando a virtude, deixa em um livro registrado o seu pensamento e seu nome,—essa intelligencia, esse espirito não podem mais se apagar da memoria das gerações; porque, guardando o sumptuoso mausoleo, cuja materia prima é a sciencia, a liberdade, o amor, a religião, está um anjo com uma espada de fogo como aquelle que guardara a porta do paraiso, e sobre esse precioso monumento cahem, de envolta com o orvalho, entre os ardores do sol como aos raios da lua, as bençãos do Senhor!

E' assim que ainda vivem Seneca e Plinio, é assim que ainda não morreram Homero e Virgilio, é assim que ainda existem Dante e Camões, é assim que ainda vive Gentil Braga!

Maranhão, 6 d'agosto de 1876.

S.

Epistola.

(A' Mauriz.)

Ouvir d'uns labios murchos, d'um peito resequido pelas miserias humanas o

brado do suicidio moral é quasi que natural,—porque a velhice encerra o que ha de mais prosaico na vida: porém uma alma juvenil como a tua—descrever! descrever, quando o astro-rei illuminando a natureza mostra essas bellas virgens louras, morenas e pallidas! descrever d'esses olhos vivos, fogosos e languidos, que muitas vezes lacrimão de belleza como de brilho scintillão as estrellas, é horrivel, e creio que nada encerra de grande ou de sublime. Amar como um louco para descrever como um cobarde!

Sim; eu sei que quando a razão combate os effluvios d'alma é triste o viver, porque já não é o—sentimentalismo puro favoneando e o calix do amor, é o pensamento morno que estingue a seiva da existencia, é o estupor do coração. Amaste talvez uma unica mulher e julgas que ahi cifrou-se o aneio infinito, o ignoto que a alma sempre aspira?

Mal comprehendes a vida, e eis porque proclamas o teu scepticismo no amor e crês apenas no ouro como o cumulo da felicidade, quando esse louro metal não tendo o colorido da virtude e só doura a iniquidade e o luxo.

Amar uma unica mulher, concentrar n'ella os affectos mais puros e por ella mercantilizar uma vida inteira é uma loucura que te não perdôo.—Esse amor tem o cunho da fatalidade. O verdadeiro amor é aquelle que resulta da junção de dois corações onde estremece a voluptuosidade e o goso. Sentiste d'esses olhos negros extravasar-se o liquido venenoso e porque ao lado d'esses olhos não viste uns olhos castanhos; é porque não provaste a mistura de vinte bellezas peregrinas e não formaste do complexo d'esses amores—um amor só, immenso como o mar, extenso como as entranhas do infinito.

E crês por ventura que essa mulher de que me fallas fosse pura? Sim; se existe pureza na infecção dos tumulos, eu creio que ella o foi. Senhora absoluta de tua alma, essa belleza um dia devia repetir-te o echo do infortunio; mas esse echo, meo caro não te deve lançar a macula do scepticismo. Como tu, hei tambem soffrido.

Envolto nas brumas do passado, eu contemplo um anjo adormecido, ebrio e louco pelo esplendor de sua belleza, e nem se quer uma réstea de luz derrama de seus olhos divinos. Mas que importa isto? «O passado é o que foi, a flor que murchou, o sol que se apagou, o cadaver que apodreceo. Lagrimas á elle fôra loucura!»

Mas além um outro sorriso de Deos. No ultimo revérbero d'essa pallida sombra, la onde morreo o ultimo perfume—da alegria eu vi brilhar o rosto angelico d'uma Huri (tu bem o sabes); essa creatura que n'um fio de seus cabeolls pren-

deria o mundo ebrio d'encantos n'um beijo de fogo ter-me-hia rendido a seus pés, se o bater lento da agonia não sufocasse a voz do coração. Ella que me vio escarnecido, coberta a frente de pó e ainda requeimado pelo ardor da paixão,—não podia amar-me, nem eu solicitar o seo amor. Mas nem por isso eu descrevi, nem no ouro fui buscar remedio para as minhas dores. No santuario de todas as virgens eu rendo um culto dedicado e santo. O meo céu é manso, transparente e lindo como as espumas do mar.

Agora fallar-te-hei do ouro. Adepto, d'essa philosophia que professas, teu companheiro e amigo, não creio que uma nova theoria venha desmentir um bello racionalismo que te encarece, esses grandes pensamentos que revelão a tua nobre intelligencia.

O fogo que te abrasa, esse calor magnetico que o caracteristico do genio não deve ser o apotegma do erro, nem o germe d'um scepticismo, que é a morte da razão e o inimigo da felicidade humana.

Quem luta pela causa da verdade, quem sabe aquilatar o immenso valor da philosophia, não se deve levar pela torrente dos caprichos, pela voz da phantasia, partilha dos homens ignorantes e dos corações pequenos. Columna forte do verdadeiro socialismo, a philosophia da razão não admite principios subversivos e contrarios a ordem do edificio social.

Assim o ouro que dizes ser o elemento principal de nossa felicidade a segurança de todos os nossos direitos é muitas vezes a causa da desmoralisação, e concorre para a quebra da honra dos associados.

O ouro é a espada dos tyrannos; com elle só pode haver direito sem justiça.

Com o ouro se compra a honra, dizes tu! sim; pela mesma razão que com o veneno se d'estroe a saude do corpo.

Moço e democrata, não debes consentir que o ouro domine em tua alma, porque é contrario a todos os principios liberaes. O ouro foi sempre o instrumento para o despotismo, a corda magica de todas as rebellões; e crer que elle possa ser mettido n'uma philosophia que é a representante de todos os direitos humanos, é sustentar que essa mesma philosophia carece de moralidade, que é o liame das sociedades. Se o ouro vale porque sacia a sede do corpo, porque é o elemento do commercio e da industria,—tomado em acceção absoluta, é a guerra que destroina imperios, e sobre suas ruinas levanta monumentos á corrupção. O povo-rei não é aquelle que é rico e que ostenta o absolutezimo e sim aquelle que tem a legislação pura, as artes e as sciencias em apreço e no qual a liberdade é a arteria de todas as instituições.

Não creias no poder do ouro. Crê nos encantos da sociedade, no valor das boas ações, que esta é a divisa da honra e da honestidade.

A. S.

Meu amor ?

(á uma curiosa.)

Meu amor ? eu o guardo encerrado em um cofre que abrir só eu sei; Não o mostro... se o vir profanado, Eu de pena e pezar morrerei.

Meu amor é de fogo latente.
E arde, arde sem nunca ter fim;
Com a vida com elle contente.
E com elle é o mundo um jardim.

Mas porque curiosa e insistente,
Ler tu queres no meu coração ?
Meu amor é um sonho vidente...
Uma virgem... uma flor em botão...

Pensas tu que minha alma está morta ?
Que a ninguém sei amor consagrar ?
Se amo ou não amo, esse amor que te importa ?
Não o tentes por Deos desvendar.

C.

RABISCAS.

S. LUIZ, 10 DE AGOSTO DE 1876.

Um cordial aperto de mão.—Existencia ephemera e passamento prematuro.—Morreu e deu vida.—Appello á pello.—Um bonito trabalho artistico.—A *União Juvenil* e a *Recreação Litteraria*.—Quem tirou o premio grande?—A festa de Santa Filomena.—Quiproquo e disparate.—Na salinha-capitolio e fóra d'ella.

Caro leitor.

Venha de lá um cordial aperto de mão: sou teu conhecido, podes crer, ou pelo menos já me fiz apresentar quando te dei a lér o anno passado a primeira *Columna Telegraphica* do 1.º n. da *Mocidade*.

Então, me dirigia indirectamente á ti e directamente a Arthur Rosa, redactor incansavel d'aquelle periodico.

E elle já não existe ! Hoje faz justamente um anno que recebi d'elle, e que leste, a resposta da minha primeira e referida missiva.

Joven e cheio de esperanças, morreu e com elle a *Mocidade*, cuja existencia, si bem que ephemera, não authorisa a justificar o dito de que no Maranhão não pode existir jornal litterario. A *Mocidade* morreu, é verdade, mas deu vida ao periodico que tens á vista, e cujos redactores eram d'ella collaboradores.

Vem a pello: elles appellam, leitor, para o teu patriotismo e amor ás letras, na certesa de que por ti ajudados, podem garantir que a *Revista Juvenil* terá longa vida.

Dito isto, podemos palestrar como amigos velhos.

Acabo de ver um trabalho artistico bem curioso e interessante—um riquissimo Specimen, em forma de album, que os operarios da typographia do *Paiz* offereceram ao Sr. Themistocles Aranha, no dia 8 do corrente, anniversario do seu natalicio: nas primeiras paginas estão gravados o nome do obsequiado, o de sua Exma. consorte e filhos, os dos operarios, do director da of-

ficina e mais pessoal, e cada qual em caracteres diferentes, notando-se alguns tão bem feitos, que não ficam á invejar aos melhores da Europa.

Vi tambem um rico album que os seminaristas das Mercês, alumnos de mesmo Sr., lhe offertaram, homenagem esta que falla eloquentemente e que prova o interesse com que tão festejado professor trabalha pela educação da mocidade.

Por fallar em mocidade—tenho o praser de communicar-te que as duas sociedades—*União Juvenil* e *Recreação*—vão em progresso.

Na quinta feira passada foi lida na *União Juvenil* pelo 1.º secretario o Sr. Plinio Lima, uma interessante these sobre a revolução *Tira-Dentes*, e hoje será lida uma outra—a *Liberdade do Culto*—pelo socio Vieira de Mello. Na *Recreação Litteraria* discutir-se-ha a que leu o Sr. Mauriz sobre os jesuitas. Aconselho-te, leitor, a ires por lá para animar a rapaziada.

Já sabes quem tirou o premio grande ? —Os liberaes, com a nullidade da qualificação da capital pelo Egregio Tribunal de Justiça, que acaba de sustentar a sentença do integro juiz de direito da 1.ª vara.

Eu cá de minha humilde obscuridade, levanto um brado a tão dignos magistrados.

Agora accende lá o cigarro ou toma a tua pitada, porque ainda temos muito que conversar.

Vou fallar-te da festa de Santa Filomena, que esteve muito desanimada, a excepção das ultimas noites. Mas vou fallar sómente do largo, porque do mais não dou noticia.

Muitas ordens de cadeiras e tambem muitas cadeiras em desordem estavam espalhadas no largo, fazendo labyrinthos intrincados, e eram occupadas pelos papás e tios, e a mocidade de ambos os sexos á formigar em roda, em frente, á esquerda, á direita, em todas as direcções, com um ardor incansavel, aos pares e aos grupos. E toda essa gente n'um motuo continuo a fallar, a segredar e a rir-se.

Eu pilhei muito boas cousas, e em genero differente do que colheu o perspicaz folhetinista do *Paiz*, mas como encerra algumas maliciasinhas, eu as não divulgo, u *pedido de alguns amigos*.

Vá feito, mas não me privem de referir algumas scenas joco-serias, devidas aos *quiproquos*.

Aproxima-se uma familia á uma roda de cadeiras, e no meio dos' cumprimentos, no trocar dos beijos das damas, uma menina espivitadinha e viva como um azougue estála um forte osculo n'uma cara varonil !

Desapontamento para os dois, espanto geral dos membros de ambas as familias, e no meio de tudo isso uma unisona gargalhada veio coroar a obra.

Estava a menina plenamente justificada e desculpada do engano. O rapaz além de imberbe era primo da estouvadinha (como muito bem lhe chamou o papá) e isto de primo, sabes bem, leitor, que é carta branca, não corre risco, pelo principio estabelecido e convencionado de que—santo de casa não faz milagre.

Eu acceito o principio, mas não o disento.

Outro. Iam a embarcar em seus carros dous cavalheiros, um alto e outro baixo com as suas respectivas caras-metades; n'isto, tocam apito, alguns do povo correm (por espirito de novidade sómente) os pares deslocam-se, confundem-se na turba-multa e perdem-se, e só se encontraram já muito tarde, depois de acabada a festa, levando o cavalheiro alto pelo braço a mulher do cavalheiro baixo e este a daquelle.

Nada de juizo temerario. O engano deu-se, é verdade, na occasião de tomarem os carros, mas foi de parte a parte, não podendo queixar-se um do outro, e a prova é que deram graças á sua boa estrella pelo feliz encontro, despediram-se na melhor intimidade, agradecendo-se mutuamente e lá se foram direitinhos cada um para sua casa.

Passejavam dous estudantes e atraz d'elles dous caixeiros: a conversação versava sobre banalidades,

está visto, mas elles não muito distrabidos a olhar para todos os lados.

1º Estudante ao segundo:—Mas, sim, como ia te dizendo, já tive a resposta...

(N'isto, ha forte acotovelamento de povo e os pares deslocam-se).

—O 1º caixeiro:—Pois, meu caro, eu te felicito.

(A resposta foi a proposito, mas a voz não era a mesma. O estudante vira-se e em lugar do collega—dá com o caixeiro, que tambem apercebe-se do engano. Desculpam-se e vão procurar os companheiros que por seu turno foram victimas do disparate.)

2º Estudante:—Da Carolina ?

2º Caixeiro:—Qual Carolina, foi do Codó.

(O estudante referia-se a resposta de que lhe tratava o collega, e o caixeiro fallava de um fumo que recebera do Codó.—O desenlace foi o mesmo.)

Um olhar de relance pela salinha.

Ha alli uma colleção variadissima de typos, principiando pelo carcarrudo presidente e acabando pelo jovial José Gregorio (*Liborio*).

Temos lá o Davidsinho a bater-se todos os dias com os gigantes, que não se abalam, mas elle é enfesadinho e teima a ser o fiscal das repartições publicas.

—E' malhar em ferro frio.

O padre Britto com o seu monumental projecto de reforma do Lyceu, quer por força (quem não vê logo ?) mudar-o para o predio do collegio dos padres, (1..) seus amigos, mas essa medida tem todos os inconvenientes:—é anti-hygienica, anti-economica, impraticavel etc. etc.

E a tal historia de professores ambulantes ? —E' tornal-os em uma verdadeira classe de mascates e carcamanos com o seu banquinho ás costas, como disse em aparte o Sr. João da Matta, que é fino, que está sempre de acordo com todos e com tudo e que é um verdadeiro mediador plastico da salinha.

Bem faz o Sr. Dias Vieira que quando transpõe os *humbraes da salinha esquece-se que é homem para só pensar que é cidadão e que trabalha pela pequena lavoura, a que elle pertence, e que coitada, acarreta sobre seus deus hombros com a montanha do nosso orçamento provincial...*

Cesse, porém, tudo diante do vulto mais sympathico, mais popular e para sempre historico do deputado José Gregorio (*Liborio*), que acaba de um modo bem feliz de estrear a sua carreira parlamentar.

Tem idéas soberbas, grandiosas e capazes de levar o paiz á uma cifra de população estupenda, pela colonisação de mulheres de todas as nações e raças, que devem ser disseminadas pelo Imperio, (indo a maior parte para Vianna), porque, diz elle, homens ha muitos para a pequena lavoura do collega Dias Vieira, o que nos falta é mulheres, porque como sabeis, senhores, (declama) das mulheres é que nós nascemos e para as mulheres é que vivemos, porque a *basta* de uma saia arrasta as multidões, pois, que, segundo um grande sabio, para a realisação dos grandes feitos é sempre a mulher quem provoca...

(Neste momento vae passando (foi isso no largo do Carmo) um grupo de Magdalenas e o nosso deputado, no ardor do entusiasmo, corre á ellas, e as convida a comer doces, offerece-se-lhes medalhas, fitas etc.)

Eu lá o deixei todo satisfeito por ter dado começo a sua missão de angariar *colonas*, e vim rabiscar esta missiva, leitor, por cujas faltas espero desculpa.

Au revoir.

Aireper.

Typ. do Paiz—Imp. Manoel F. Vianna Pires.

REVISTA JUVENIL

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

Transibunt dies, augebitur scientia.
Bacon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—25000 reis por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO I

Maranhão—Domingo, 20 de agosto de 1876.

NUMERO 2

Pede-se aos Srs., que não se dignarem de aceitar a assignatura deste jornal, que o dovolvam á typographia do *Paiz* ou á livraria dos Srs. Magalhães & C.^a

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO, 20 DE AGOSTO DE 1876.

Pesados eram os ferros, que manietavam o homem, arrouxeando-lhe os pulsos, ao mesmo tempo que um circulo de ferro circumscrevia ao espirito os mais estreitos conterminos. Triste era a existencia humana!

O principio, pensante, porem, que não pôde ser passivo, começou a reagir e a dilatar-se, prescrutando por um lado, investigando por outro, internando-se, permitta-se dizer, pelas entranhas da terra, perlustrando a amplidão do oceano, remontando ao mundo metaphysico,—tudo em procura, com a maior solicitude, na mais extrema avidéz de alcançar aquillo que uma voz intima lhe dizia existir.

Custou, é verdade; mas chegou a obter. E' por isso que já hoje o homem gosa de direitos e prerogativs, desfrutando os encantos da liberdade;—mas quem lh'os ministrou?

Foi a intelligencia, foi o estudo, foi o trabalho, foram as vigalias, foi a sêde de saber, foi a ambição de gloria, foi o anhelio de liberdade.

Quanto mais instruido se sente o homem, tanto mais pesado lhe parece qualquer jugo; quanto mais livre, mais deseja instruir-se, porque reconhece que a instrução é a primeira garantia da liberdade.

A mocidade, a quem está confiado o porvir da patria, tem um dever indeclinavel, acha-se empenhada em uma questão de honra, de que lhe cumpre sahir victoriosa.

Sim; esses direitos, essas prerogativas, que sam hoje propriedade do homem, custaram muito sacrificio, muito sangue, muita abnegação, muita vida; nós, portanto, que ora gozamos desses dulçores, não podemos, não devemos jamais consentir que uma linha sequer seja interposta, que os

venha interceptar. Já os recebemos em bem alto gráo, cumpre agora conservar, augmentar, preparando ainda melhor o futuro aos posteros. Lembremo-nos que não devemos testar o captiveiro, quando se nos legou a liberdade.

Mas, em tudo é preciso muito fino, muito discernimento, muita perspicacia, muito bom senso.

Em um dia desmorona-se um castello, assola-se uma cidade, faz-se desaparecer um povo; quanto, porem, se não gasta na erecção de um edificio solido, quanto, tempo não se consome na edificação de uma cidade, quantos seculos não exigem o estabelecimento e engrandecimento de uma nação?

N'este seculo o predomínio é dado á idéa, e a idéa ha de ser sempre a soberana dos seculos.

Queremos ver os moços movendo a penna no campo da sciencia e das letras com a mesma habilidade, altivez e desassombro com que os mais inclytos guerreiros manejam o gladio nos campos de Mavorte.

E' preciso, porém, considerar que, bem como é mais merecedor e mais temivel o soldado, que ao valor e aos conhecimentos militares reúne a presença de espirito, a sciencia e a experiencia; assim é mais poderoso e mais respeitavel o escriptor, que aos dotes do espirito e ao cultivo da intelligencia reúne a fleugma e a prudencia.

E' assim que pensamos e é por isso que apresentamos estas palavras para suavizarem a ardencia da linguagem do artigo «*A voz do seculo*», que fôra dado á estampa no primeiro numero deste jornal.

Compreenda-nos bem o distincto e esperançoso collaborador, que á Redacção enviara aquelle artigo.—Nem de longe queremos descorçoal-o, nem por sonho arrefecer-lhe esse ardente fogo de liberdade, que lhe escalda o cerebro, nem por forma alguma antepôr um baixo sentimento ás nobres pulsações de seu peito; não. Tão moço, como é, tão novel nas lides litterarias e ao mesmo tempo tão promettedor e tão cheio de altas idéas,—continúe o lidador nos trabalhos da intelligencia, já aprofundando seus conhecimen-

tos, já aperfeiçoando seu estylo, já submettendo suas idéas aos esplendores da prudencia como aos dictames da razão, que chegará talvez o dia em que sua pahlavra e sua penna venham, de facto e de direito, prestar alto serviço ás idéas, que tanto acaricia.

—Nós, para quem o amor da liberdade e das lettras é augustissimo dogma, tomamos por divisa esta sacrosancta legenda:—«*Scientia, labor et libertas.*»

A imprensa e o jornalismo.

L'imprimerie est l'invention
la plus féconde em grands
resultats.

(De l'Académie française).

Muitas vezes não se sabe porque tal lei, tal instituição vacilla lá ao longe, —o papado além dos Alpes, o throno do Czar na extremidade da Europa, a escravidão na America, a pena de morte por toda a parte. E' que o jornalismo fallou, é que a imprensa estremeceu, e, em certas horas, um de seus estremecimentos equivale a um terremoto.

(...)

Em sua marcha constante e ascendente, o espirito humano vai cada dia fazendo novas descobertas, devassando mysterios, arrancando segredos á natureza.

Cada homem é um lidador, cada dia assignal-a uma descoberta, cada seculo uma revolução, cada geração uma conquista, cada conquista uma gloria para o complexo da humanidade.

Ninguém ha hoje que desconheça, ou possa negar, o quanto tem concorrido a imprensa para o progresso humanitario.

Tão obvia foi logo sua importancia, seu valor, que quinze cidades disputaram a honra de sua descoberta.

Como tudo o que é grande e sublime é ambicionado!

Assim como Smyrna, Chios, Calophon, Salamis, Rhodos, Argos e Athenas disputaram a gloria de ser o berço de Homero; assim, entre outras, as cidades de Mayence, Strasbourg, Harlem, e Bamberg apresentaram mil titulos para lograrem a alta honra de ter em seu seio nascido a imprensa.

Seja como for, o que é certo é que os

caracteres moveis de Guttemberg aperfeiçoados por Faust e Schoeffer vieram eclipsar o brilho de todos os inventos anteriores.

O que sam essas preciosidades manuscritas sobre o *papyrus* ou sobre o pergaminho? o que é a pristina gloria dos marmores de Paros? o que é a celebridade do código dos *Decemvros*? o que valem todos esses signaes ou caracteres abertos na pedra, esculpidos no bronze, cinzelados na madeira? o que é tudo isso ante os caracteres moveis do filho de Mayence?

—Uma veneranda antiguidade e nada mais!

E com que assombro recebeu o mundo o primeiro trabalho typographico!

Parece-nos que vem a pello fazer aqui a versão de um pequeno escripto de Disraeli intitulado *Early printing*.

«A tradição do Diabo e Dr. Faustus, diz o escriptor, foi originada de uma circumstancia extravagante sob a qual as biblias de um dos primeiros impressores, Fust, sahiram á luz. Quando tinha descoberto esta nova arte e impresso consideravel numero de copias da Biblia, para imitar as que eram geralmente vendidas em manuscrito, emprehendeu a venda d'esses livros em Paris.

«Era intento seu occultar a descoberta e fazer passar suas copias impressas por manuscritas. Mas como elle vendesse suas biblias por 60 corôas ao passo que os outros copistas pediam 500, isto levantou universal admiração; e ainda mais quando elle produzia copias com a brevidade que lhe eram exigidas e até baixava o preço. A uniformidade das copias augmentava a maravilha. Denunciaram-no aos magistrados como magico; e dando-se busca em sua habitação, foi encontrado um consideravel numero de copias. Começou-se a dizer que a tinta encarnada (e a tinta encarnada de Fust era particularmente brilhante) com que aformoseava suas copias era seu sangue; e foi solemnemente julgado que estava em união com o diabo. Fust, dizem, foi a final obrigado, para livrar-se de ser queimado, a revelar sua arte ao parlamento de Paris, que o livrou de toda a perseguição em attenção á essa util invenção.»

E esta admiração e assombro, que produziram os primeiros trabalhos typographicos, não se limitaram ao logar, em que elles appareceram; todo o mundo ficou maravilhado e cada vez a mais, por ver o admiravel incremento, que tomaram as sciencias, as letras, as artes, a industria, o commercio e, em geral, todos os ramos em que se divide a intelligencia o a actividade humana.

De Mayence e de Strasbourg a imprensa espalhou-se pelas principaes cidades da Allemanha e dos Paizes-Baixos; em 1467 foi introduzida em Roma, em 1470 levada a Paris, em 1473 á Inglaterra, em 1553

penetrou na Russia e pelo anno de 1647, pouco mais ou menos, no Brasil, conforme a douta opinião do Dr. Fernandes Pinheiro.

Espalhada hoje por quasi todo o globo e altamente aperfeiçoada sobre tudo pelos trabalhos de Alde, Elzevir, Didot, Crapet, Baskerville, Ibarra, Bodoni, domina essa arte o mundo inteiro, militando ao lado da sciencia como á dextra da liberdade, de mãos dadas com o direito como em amplexo com as letras e com a religião.

A apparição da imprensa foi como o som ingente de uma gigantesca trombeta. Ao estrondoso clangor, a sociedade estremeceu, a humanidade presenciou o mais assombroso cataclysmo, que em seus dias houve:—era a excelsa revolução das idéas, era a queda do erro e da superstição, era a quebra do circulo de ferro, que opprimia o espirito, era a assenção da liberdade, era o verbo de uma religião pura, que ia entestar nos céos, era a amplificação do horisonte dos conhecimentos humanos.

Da imprensa nasceu o livro, que foi a transição para o jornalismo.

Felizes se julgaram os povos com a apparição da imprensa e em pouco festejavam o nascimento do livro, reconhecendo sua incontestavel importancia.

Mas, a par da grande necessidade e da inalienavel utilidade do livro, começaram a experimentar serios obstaculos. Por um lado, o alto preço das obras, por outro, o muito tempo que exigia a leitura desses volumes, e mais que tudo o desejo de estar a par das grandes e pequenas questões, que o espirito agitava,—taes foram as principaes causas, que originaram o jornalismo.

Servindo-nos do pensamento de Victor Hugo, «o jornalismo matou o livro, ou antes, tirou-lhe grande parte de sua importancia, absorvendo tudo quanto elle contem, sem o inconveniente da prolixidade, tendo a vantagem de encerrar tudo, de fallar sobre tudo, de tratar de todas as questões e discutir todos os pontos das sciencias, das letras, das artes e aprofundar ou não as materias, de revelar as invenções, de remontar-se ás grandes questões sociaes, analysando-as ponto por ponto com o escalpello da critica, com o criterio da reflexão, ou apenas tocando-as na superficie, como a borboleta que caprichosa oscula a flôr.»

O jornalismo é uma tribuna. E' ahi que se agitam e discutem as mais altas e mais graves questões, é ahi que se apresenta o sustentador de cada idéa, o apostolo de cada pensamento, o autor de cada invenção, o patrono de cada causa, o adepto de cada seita, o sectario de cada religião, o defensor de cada direito.

O jornalismo, é verdade, a par do bem, tem causado grandes males; porem, o mesmo mal, que elle pôde produzir, prova o

bem de que é capaz. E' como o remedio que cura, porque pôde matar.

Não é para admirar que o jornalismo tenha dado logar a alguns males; porque o effeito d'elles, seu resultado, tem sido a felicidade.

O que importa o que soffreu a humanidade com a magna revolução do seculo passado, si ella mudou a face da terra, proclamando essas grandes idéas, que devem reunir em fraternal amplexo as nações do orbe? O que valeram os rios de sangue, as nuvens de fumo, os montões de ruinas, o fuzilar da gilhotina; si essa revolução veio apregoar e firmar os deveres, os direitos do homem?

Muitos espiritos irreflectidos e estereis julgarão que as palavras do jornalismo vòam entregues ao acaso, soltas ao vento, como a folha, que se desprende da haste para desaparecer na planicie ou não importa onde! Engano!.

Quando a voz do jornalismo não produzir seu effeito no logar e occasião em que elle fallar, si essa sua voz fôr entregue apenas ao vento, ella irá como o pollen de certas flôres dioicas fecundar em outra parte, á grande distancia.

O jornalismo é a unica tribuna do povo, é a taboa de salvação nos cataclysmos sociaes, é a ultima palissada, a derradeira muralha, a barreira extrema, além da qual não vam nem os desmandos do capricho, nem as lanças da tyrannia, nem o fogo, nem o ferro do despotismo.

Maranhão, 17 de agosto de 1876.

S.

A Imprensa.

Qual a sublime these que discute no seculo 19.º o mundo civilisado?

Qual o grande conquistador que tem a expectativa da humanidade suspensa de seu gladio?

Qual a idéa que aproxima entre si as diversas classes da sociedade tendendo a fundil-as em uma unica e indivisivel?

A instrucção, sem duvida!

E' ella que floresce entre as ruinas dos antigos imperios e entre as edificações dos novos.

Longos seculos, é verdade, levaram suas sementes a germinar no seio da humanidade, e comtudo só produzirão flores e fructos entre aquelles egoistas que, desde a mais remota antiguidade, se diziam inspirados do céu. Sendo, o que devia ser bem, mal para a humanidade, e que devia ser um instrumento de adiantamento, instrumento de regresso e perseguição.

Mas depois de ser monopolisada, e de vicejar a sombra, no seculo 16.º nasceu um agente que devia elével-a para servir as nações de fanal fazendo assim desaparecer a noute que pezava sobre os povos.

Tremeu a ignorancia, tremeram os seus

satellites, e o throno do pavor sentio os seus fundamentos abalarem-se.

E esse agente foi a Imprensa, que já no seculo 16.º com a voz de Lutero libertou a consciencia, e no seculo 18º, a humanidade com a revolução franceza.

Purificou-se o homem e o germen dos Caligulas e Neros desapareceu da sociedade humana.

Já havia quatorze seculos que o Filho do Carpinteiro salvára a humanidade de um eminente naufragio, com suas sublimes doutrinas, preferindo o pobre ao rico, o fraco ao forte, o escravo ao senhor.

Mas a religião por elle fundada foi pouco a pouco sendo corrigida e augmentada por homens incapazes de cumprir os seus divinos preceitos; e passando do estado de pureza de crenças ao de impureza, do de adoração ao de fanatismo, corriam desenfreados em bachanal horrivel.

Os proprios ministros da religião na Côte Pontifical, nos Paços Episcopaes, nos claustros dos conventos serviam aos profanos de exemplo, e substituíam a religião de paz e de amor do Martyr do Golpho, por uma liga de guerra e de odio.

Acobertados com o purissimo nome de Jesus faziam cahir victimas em suas *religiosas masmorras* aquelles que indagavam a vardade, tudo:

Ad maiorem Dei gloriam.

Tanto que o celebre Galileo, depois de ser accusado perante a inquisição de Roma por contradizer a Biblia, que seus accusadores não reseitpavam, abjurando na velhice a verdade scientifica para escapar a tortura, apenas ouzou dizer com voz baixa ao levantar-se: *E pur si muove.*

Mas já a esse tempo começava a aparecer esse gigante que devia ser pai de tantos outros que reunidos deviam no futuro fazer baquear a ignorancia, espancar as trevas e fazer reaparecer as doutrinas do Christo tão puras como foram pregadas por elle.

E apesar da tenaz obstinação dos ministros da Igreja em querer que a verdade só fosse conhecida por elles, a imprensa derramou-a pouco a pouco por todas as classes da sociedade.

Travou-se uma luta de atletas cujo resultado foi a fuga do barbarismo religioso; mas ainda o gigante decahido murmura á imprecações medonhas.

Cumpré pois a Imprensa sua missão regeneradora, depois de ter immortalizado Guttemberg, Fust e Schæffer; attestam-no Bacon e Descartes, a theologia des-thronada e os tempos modernos.

Foi pois ella que illuminou a humanidade com seus beneficos raios como o sol illumina o mundo.

E' a ella, finalmente, que devemos todos os beneficos que hoje gozamos, pois que desmoronando a montanha da superstição, darramou a instrucção por todas as camadas sociaes, merecendo o titulo de nova Redempção.

Paginas intimas.

(Vide o jornal *Moctade*.)

ENLÉVO E GRATIDÃO.

Quando vi tu hermosura,
luz de mis ojos
quedé immovil, confuso,
turbado y loco!

Tu esclavo!... Ah! si supieses,
luz de mis ojos, alma de mi alma,
cuanto mi corazon goza en amarte!
No ámbicion mas palma
que rendido adorarte!

(*Orellana. Lagrimas del corazon.*)

Mulher dos sonhos meus, mulher-deidade,
Feitura divina que vem do Céu!
Na terra t'encontrando, muitas vezes
Vacillo sem saber como vieste
Ao mundo te mostrar, oh! nivea estrella!
Sandades tu terás d'essa morada
Etherea, onde tu primeiro foste!
Oh deusa! Como tu baixaste ao mundo,
Pequeno p'ra conter tal magestade?!
Quem foi que te fez vir ás terreas plagas,
Logar só de mortaes, logar de dôr?!
Mas ah!... Bem comprehendo!... De Maria
A' terra tambem veio o santo Filho!

—Ao mundo, por seu Pai, correu bondoso,
Remindo a peccadora humanidade;
Assim, d'encantos cheia, respndente,
A' terra tu baixaste, oh! minha estrella,
P'ra vir ao peito meu remir, salvar!

Oh! flor dos dias meus, flor d'esperança,
Aurora divina do meu porvir,
Oh! alma de minh'alma, oh! minha vida!...
As vozes, que te faço ouvir n'est'hora,
Sam puras,—tão do peito e tão sinceras,—
Quaes sam as que dirijo alem a Deus!
Aceita os meus louvores! Eu te juro,
Traduzem meu mais alto sentimento!
Si muito no dizer ainda falta,
Existe no desejo—um infinito!
Concede ao trovador teu patrocínio,
Deixando reverente elle adorar-te!

Mas ah! tão receioso e timorato,
Co'os olhos tão feridos pelos raios
De luz, que tu despedes, divindade,
Que eu não sei dizer si bem te vira,
Nem sei reproduzir o qu'eu disséra!

E essa flor tão bella,—branca rosa,—
Que eu no sacro templo t'offertára,
Com todo o meu respeito e reverencia,
Após alguns instantes, mais tranquillo,
No seio teu formoso eu vi guardal-a!
Eu vi!...—As brancas mãos eburneas, lindas,
No seio encantador a collocaram!
Que berço que ella teve! Flor sagrada,
Achou o mais sublime, excelso vaso,
Que pôde desejar a flor mais pura!
Teu seio!... Niveo seio alabastrino,
Tão puro com o seio immaculado
Da virgem mais formosa da Judéa,
E' elle um mixto ingente de virtudes!
Teu seio! é mais que tudo—o infinito!
Si Deus viesse á terra, no teu seio,
Dos céos encontraria tudo e tudo!...

E eu, em tal momento de ventura,
Ufano mais que nunca alguém se vira,

Sentia o peito meu pulsar d'alegre!

Após tão viva prova de bondade,
Após ess'expressão toda em silencio,
Porem mais poderosa e eloquente
Do que s'imaginar alguma pôde;
Quizera ajoelhar-me ás tuas plantas,
Beijal-as co' o amor mais incendiado
E logo te fazer ouvir um echo
Partido do meu peito—gratidão!
Maranhão, 30 de maio de 1875.

S.

Seu retrato.

Bella como a rosa que descora
Quando toca no occaso o rei do dia;
Triste como o som da melodia
Que a brisa entôa ao despontar da aurora:

Suave como o aroma que evapora
A flor que a viração acaricia;
Pallida como a pallida ardentia
Da onda que ao morrer soluça e chora:

Eis o retrato da visão fagueira
De gestos brandos e de face linda,
De olhar languido e de boca feiticiera

Por quem eu sinto uma paixão infinda,
Pois de baixo de forma tão faceira
Uma alma existe mais formosa ainda.

C.

Escuta!

Enlévo dôce, quo minh'alma prendes,
Ouve a canção que te envia um triste!
(*Cunha Porto*.)

Escuta, meu anjo,
Meus ais, minhas dores,
Efeitos d'amores
Qu'eu sinto por ti!
Attende os meus rogos!
Ha tanto pedaço!
Por Deus eu te peço
M'escutes aqui:

Scentelha divina,
No seio lançada,
De fogo tornada
Em flamma voraz,
Agora meu peito,
Aonde teu nome
Existe, consome
Robando-lhe a paz!

E' todo um buleão!
A chamma crepita,
E o peito palpita
Sentindo os ardores...
Abraza-se tudo!...
Que fogo tão quente!
Da lava candente
Sam chammas as dores!...

Ai triste! que magoas!...
Tão grande ferida
Já faz-me da vida
Perder doce alento.
Que sorte adversa!
Em troca de dores,
Em paga d'amores,
Me dar o tormento!

Mas ah!... Bem podias
Me dar lenitivo,
Pois sabes que vivo
Luctando co'a dor;
Porem... tu desprezas
Tão sant' amizade,
Sem ter piedade
De meu puro amor!

30 de junho de 1875.

S.

RABISCAS.

S. LUÍZ, 20 DE AGOSTO DE 1876.

Agradecimentos.—O estado do Estado.—Associação de idéas.—Preces e procissão.—Um sermão fantástico, que começou burlesco e acabou tragico.—O encerramento da Assembléa e o heros parlamentar.—Um pouco de tudo.—Sociedade litteraria, politica e theatro.

Amigo leitor.

Em nome da redacção, agradeço-te o benevolente acolhimento que prestaste a este periodico. Es generoso e proteges as letras, está mais que provado, tornando-te assim mais caro a minha alta estima e profunda admiração.

Permite agora, que eu aproveite esta oportunidade para agradecer tambem aos jornaes *Diario* e *Paiz* as animadoras palavras com que receberam o humilde *collega*; e já que estou com a *mão na massa*, rendo os meus agradecimentos ao muito digno e talentoso official da administração dos correios desta provincia—o Sr. Augusto Cesar de Macedo Britto—a *Guia Postal*, com que se dignou mimosear a esta redacção, trabalho esse de muita utilidade e que revela no seu author muito amor e dedicação pelo serviço publico.

Empregados d'essa ordem merecem melhor remuneração do Estado.

A proposito.—O estado do Estado não é dos mais lisongeiros: a questão religiosa, qual hydra de cem cabeças vai lhe estragando as *molos*.

O Sr. Saldanha Marinho e os seus amigos temem que a princeza-regente faça por ali alguma puerilidade; porque, dizem elles,—a mulher por via de regra—é fraca, e ella como tal, e ainda por via de regra, tem juizo de galinha.

Torna-se, portanto, de palpitante necessidade, dizem os monarchistas, que o nosso *chefe supremo* venha pôr, quanto antes, as cousas nos seus eixos.

(Elle deve entender bem desses negocios de eixo; pois é curioso, e já viajou pelo paiz da *mechanica*.)

Mas, como já te dizendo,—o Estado vai mal: ha muito que os padres lhe andam resando á cabeceira (é mau prenuncio); e agora já querem lhe dar a extremunção com a celebre *encyclica*, que trouxe de Roma o enviado Ronceti, e que occasionou desavença no ministerio.

A principio (dizem os jornaes) o Duque de Caxias e a maioria de seus companheiros não queriam que se recebesse o *santo diplomata*, com o que deu cavaco o Sr. José Bento (ministro do Imperio.)

Afinal—conveneram-no que era essa a vontade do Monarcha, que já está muito *reformado*, depois que ouviu os dous evangelistas americanos Moody e Sankey.

(Neste ponto, sem duvida, o Sr. José Bento persignou-se todo, chamando a S. Pedro de *Arbeús* em socorro da *transviada ovelha coroadá*.)

O Sr. Diogo (ministro da justiça) nada diz: o seu sonho dourado presentemente é a cadeira de senador pelo Rio-Grande do Norte.

Em resumo, (é da ultima hora)—todos já concordam em não se receber a tal *encyclica*, pelo que tem o *emissario* de voltar á seus santos *penales* com cara de *borrego enfeitado*.

Com a chegada d'elle lá é que são ellas: ha de chover raios do vaticano á torio e a direito. Frei Vital lá está e elle só valle por todos os raios!

O leitor que trate de se confessar, de fazer acto de fé, e mandar alguma *esmola* para S. Pedro afim de que o papa por intermedio do seu querido secretario Antonelli, suspenda o *infalivel anathema* sobre nossas cabeças fulminado.

Por associação de idéas:

Ainda não; espera um pouco, leitor: preciso prevenir-te em tempo e recomendar-te mesmo, que deites um pouco de sandalo no lenço, por que as linhas que se seguem cheiram a insenso, que tresadam.

—Acabam de ter lugar n'esta cidade as preces, que se fizeram para *afugentar* a peste reinante: as igrejas regorgitavam de povo todas as noutes,

concluindo pelo *sacrificio sanguinolento* que teve lugar nas Mercéz, por occasião do recolhimento da procissão da Cana Verde.

—Este povo não se emenda, diz o bom senso.

—Qual, responde a verdade,—o povo é folião, gosta de novidades, deixai-o na paz do Senhor.

—E os caricatos irmãos?

—Ah esses deitarão os bofes pela bocca si a autoridade ecclesiastica não lhes permittir saírem com suas *respeitabilissimas opas* em exhibição publica.

Haja vista para o *empenho presidencial* que conseguiu a sahida da supradita procissão e de que deu noticia o *Diario*.

C'est trop fort!

Não se canse, pois, o muito digno inspector da saude em pedir providencias no sentido de se estudar a salubridade publica. Não é preciso, está visto: a medicina em nada aproveita.

S. Exc. o Sr. presidente (que entende o seu *quantum satis* da sciencia de Esculapio) concorda antes nas procissões, porque a epidemia reinante é devida a nossas *iniquidades*, pois que Deus (-) um *padre-mestre* o qual dito mereceu um estrado appendice d'um *fervoroso irmão*.

Ouçamol-o.

(E' um pedaço, que tem alguma cousa de fantástico e até mesmo de sobre-natural, devido talvez a entusiasmo religioso.)

Ouçamos sempre:—As tres irmãs fiandeiras reuniram-se em sessão extraordinaria, e depois de enfadonha discussão, emendas, additivos etc., como fazem os homens da salinha (palavras d'elle) resolveram mudar o antigo systema de fiar, dobrar e cortar o fio da vida á pobre humanidade por um systema mais rapido e aperfeiçoado, visto como *le monde marche*.

«Separaram-se, pois, e metamorphoseou se uma em mulher folgazã, entusiasta pelos passeios maritimos e pelo decantado *veratrum*—a beri-beri; outra em dama esquerosa e repulsiva, muito apaixonada pelo *açafão*, *coluquintidas* e até por *jasmim de cachorro*—a variola; ultima, finalmente, antes em uma furia, toda cheia de mazellas do que em forma de mulher. Esta toma muitos nomes, porem é mais conhecida pelo nome generico de *febre de mão character*»

«Todas estão entre nós (disse ainda o *reverendo irmão*) que conluio a sua ladainha pedindo á todos que lhe ouvia, que fizessem penitencia se não queriam ser victimas da trindade devastadora.

Salta um rapaz destes destabocados que não guardam respeito as cousas serias e dá em troco:

—O fanatismo, vale por todas as vossas tres irmãs!

Foi mesmo que polvora no fogo: o devoto arremeça uma dessas velas enormes contra o *herege* que se não fosse tão agil tinha sido victima. O povo agglomera-se, chegam os *campeches*, ferve o *rollo* e corre sangue!

E foi assim que começou burlesco e acabou tragico—o acto pouco edificante de que deram noticia os jornaes. Mas isso não é nada: é um pão pelo olho.

A' igreja, meu povo, á igreja! e depois pelas ruas! (não pelas de trilha, porque assim atrapalhas o serviço dos bonds e o Sr. Manzulli não gosta nada d'isso.)

Safa! Estou alagado em suor; felizmente já sahimos da sachristia, leitor, e podemos respirar livremente, continuando nossa palestra.

Hoje tem de encerrar-se a assembléa provincial. E' pena!

Todos os Srs, deputados deixam-me saudades, todos, principalmente o amigo da rapasiada o Sr. José Gregorio, o heros da festa parlamentar.

Elle, no áfan de melhorar o estado da instrução publica, apresentou um artigo (inspirado, talvez) em que authorizava a presidencia a mandar semestralmente um empregado visitar as cadeiras de ensino do interior, e como que antevendo que S. Exc. qual outro Pharaó havia de lhe dizer: «Onde acharemos nós um homem tão cheio como tu do espirito de Deus!... eis quo te constituo

(.) Está encolerizado, disse.

em enviado por todas as cadeiras do ensino do interior...»—, o nosso inspirado Jose tratou logo dos preparativos para sua nova e nobre missão, começando pelo estudo da geographia da provincia, cujas licções foi ouvir no Lyceu com o Dr. Tiberio.

Mas, oh! decepção, indifferentismo amargo: o artigo ficou burlado!

O nosso amigo, porem, não desanima: vai agora estudar a geographia em peso para a outra missão de *rafiar colonas* (*rafiar* é seu termo favorito) e para isso, consta-me, vai acompanhado do afeiteiro Azevedo, como mais velho e *experiente*.

Agora um pouco de tudo.

Tenho o prazer de communicar-te que a sociedade *União Juvenil* continua a justificar o nome que tomou: ha n'ella uma harmonia admiravel, e todos parecem trabalhar para o mesmo fim—á instrução.

Para o cargo de membro da commissão de redacção, vago por fallecimento de A. Rosa, foi eleito o Sr. Carlos Pinho.

A escolha não podia ser mais acertada, sem offensa aos demais consocios.

Acham-se nos prelos e brevemente sairão á luz —os estatutos da mesma; e já que comecei a fallar de tão esperançosa sociedade, convem registrar um acto digno de todo louvor praticado pelo intelligente e incansavel thesoureiro o Sr. Domingos Pedro dos Santos, que fez offerta dos livros necessarios para a escripturação e de uma bonita pasta para a secretaria.

A redacção deste jornal tambem pôz a disposição da dita sociedade uma assignatura gratis e igual offerecimento fez á *Recreação Litteraria*.

«A tal lei de qualificação tem o que se lhe diga» —é esta a exclamação, que parece-me ouvir sair da bocca dos membros da junta municipal, que se não abrirem o olho dão com toda a papellada em *vasa-barris*.

Legere non intelligere...

Bem vindo o Sr. Faure Nicolay e a menina Helena, que nos vieram fírar d'este marasmo, dándonos uma noute de innocente distração no theatro.

Não sei se já te disse, leitor, que sou doudo pelo theatro, lá isso sou: é o meu elemento, especialmente o dramatico; mas gosto tambem de apreciar o artista de merito como me dizem ser o Sr. Nicolay, seja qual for o seu genero.

Hoje á noute terá lugar a primeira e unica funcção artistica do mesmo Sr.

Lá estarei, e vou tratar de escovar o fato. Sem mais cerimonia.

Teu do coração,

Aireper.

Errata do n.º 1.

—No artigo *A vida d'além-tumulo*:

Pag. 2.ª, col. 2.ª, l. 61, onde se lê:—suspirar com um porvir, lêa-se:—suspirar por um porvir.

Pag. 2.ª, col. 3.ª, l. 41, onde se lê:—a consciencia é o juizo de nossos semelhantes, lêa-se:—a consciencia e o juizo de nossos semelhantes.

—Na poesia *Meu amor?*

Est. 2.ª, v. 3.º, onde se lê:—com a vida com elle, lêa-se:—passo a vida com elle.

Est. 3.ª, v. 3.º, onde se lê: vidente, lêa-se—ri-dente.

Est. 4.ª, v. 3.º, onde se lê:—se amo ou não amo, lêa-se:—se amo ou não.

Typ, do Paiz.—Imp. Manoel F, Vianna Pires.

REVISTA JUVENIL

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augebitur scientia.
Bacon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—25000 reis por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO I

Maranhão—Sabbado, 4 de novembro de 1876.

NUMERO

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO 4 DE NOVEMBRO DE 1876

Arrojo de mancebos estudiosos e confiados no futuro, a *Revista Juvenil* viu a luz, e solicitou humilde lugar entre os órgãos de publicidade, na esperança de que nenhum obstaculo empeceria a acção dos seus redactores num tempo como este, em que a instrucção publica é considerada interesse vital dos povos, e sua necessidade assume a cathogoria de dogma aceito por todas as consciencias.

Dentro em pouco, porem, vendo os jovens lidadores da imprensa que o apoio que mereceram não era bastante efficaz para poderem levar por diante o labaro ao redor do qual se congregaram, força foi ceder o entusiasmo, que os exaltava ante os elementos que de todos os lados surgiram para suffocar suas nobres aspirações.

Cahindo a empreza não cahiu todavia a ideia que ella representava, nem tão pouco a esperança de que bom exito coroaríam uma nova tentativa; e dahi a feliz combinação, em virtude da qual a *Revista Juvenil* de novo se apresenta aos seus leitores.

Em vez de pertencer á poucos individuos sem força para sustental-a passou a pertencer á sociedade *União Juvenil*; e estamos certos de que melhor futuro a espera no alcácer de tão doñosa senhora.

Dando esta desculpa aos seus assignantes, conta a *Revista Juvenil* nem só que lhe será perdoada a falta da pequena pausa feita em sua carreira, mas tambem que a mesma generosidade, que acolheu os seus primeiros passos, não cessará de cercal-a da protecção e amparo, de que ella tanto necessita para viver.

Não lhe será, já o vemos, de todo facil sustentat-se ainda nas condições, em que se acha, mas parecendo-nos que tornar-se superaveis as difficuldades, que lhe resta vencer, damos por bem empregado o empenho, que vamos fazer para tornar regular a sua publicação, e só apóz cruel desengano desistiremos do nosso commettimento.

Escusado é dizermos que mudando de proprietario a *Revista Juvenil* não muda de programma nem de redactores, mas só augmenta o numero destes e põe suas columnas ao serviço de uma corporação, cujos membros certamente hão de enriquecel-a de aprimorados escriptos.

Auxilie-nos o publico, despense-nos elle o favor, que as letras sempre lhe mereceram, e suppomos que nova desillusão não teremos a deplorar.

Correspondendo com reconhecimento e infatigavel ardor ás provas de sympathia que recebermos, não daremos treguas ao estudo e trabalho, que condicionam a vida deste modesto ensaio jornalístico, e talvez possa elle preencher o fim da sua criação—animar a mocidade, que procura instruir-se a exercitar por si as proprias facultades moraes, e proporcionar-lhe occasião de experimentar suas forças ou abrir espaço aos vôos do seu talento.

A liberdade de pensamento surgindo das brumas da Revolução Franceza, espargio seus salutareos beneficios por todo o orbe—, desde o Levante ate o Occidente, das extremas da Africa ás vastas regiões da Europa.

Hoje, o homem que revela suas opiniões, não viola uma lei, não transgride um direito, mas ouve a voz de sua consciencia, e obedece os brados da *voz da Razão*.

O Dr. Celso de Magalhes lembrou-se de ser atheo (diz o Rvm. Fonseca)—não sei se é isso um desvio do entendimento humano—devemos porem acatar seus sentimentos—, ou então desaparecerá para sempre da face da terra esse vinculo que torna todos iguaes perante Deos, a Patria e a Humanidade!

Mas o Sr. Catholico não pensa assim—, e transpondo os limites marcados pela critica, avassala a consciencia alheia, ridicularisa as convicções de um paladino do porvir, e assenta de si para si, que só os adeptos da Religião de Christo são racionais!

Não—, a religião é, não nego, uma necessidade, porque ella consolida as bases das nações,—mas desde o momento que

os bastos e densos vôos da ignorancia rem rasgados, e a sabedoria diffundir todo seu esplendor sua luz pelos quadrangulos do mundo *para sempre occulte*—se-ha no horizonte do passado á Igreja, e com ella todos esses sacros seres, crevella, todos os sectarios do Martyr do Gethsegotha, com ella, todas essas supersticões desregradas. Então a philosophia hãstede o seu labaro articulará a palavra que deve tornar os homens livres no pensamento no querrer e no sentir!

Acompanhemos o movimento do seculo, Littré em todos os seus adejos; acompanhemos os atalaias do futuro, obedeamos a voz da erudição e dobremos o corperante os dictames do pensamento!

Scientia et crux—esse emblema de atufar-se no rio Lethes, porque a sciencia é incompativel com a cruz, porque emnos seus vôos de condor não considera não uma lei, e não se curva senão ante uma bandeira—a liberdade!

Rufino.

A Igreja e o Estado.

Caveat Populus.

A futura Imperatriz do Brasil, actual Regente do imperio, (primeiro representante da soberania nacional, *chefe de toda a organização politica*) de braços cruzados e cabisbaixa, ajoelhada aos pés de um padre romano de nenhuma importancia, e em acto publico e solemne, em presença de um numerooso auditorio, e em face do corpo diplomatico estrangeiro,—é facto por tal modo incomprehensivel que ninguem conjecturaria, de certo, que acontecesse n'este paiz.

E esse facto incomprehensivel se deu no dia 8 d'este mez, como já o relatamos, e o relataram os jornaes d'esta capital e sem contestação!

A futura Imperatriz do Brazil, actual Regente do imperio, a depositaria da primeira auctoridade do paiz, a zeladora da dignidade imperial, admittindo em seu carro um padre de Roma, commissionado do papa, e com elle percorrendo, como por acinte, as ruas da cidade, era facto que todos reputavam impossivel!

E esse facto se deu!

É todos que presenciaram esse triste acontecimento cobriram o rosto envergonhados, a excepção sómente dos paes ultramontanos que na degradação da toridade fazem consistir o seu maldito impio, e que com exemplos taes supõem firmar, n'esta terra, o seu ominoso ninio.

É eramos nós os exagerados!

Que espera o paiz!

Que futuro medonho lhe preparam!

É enquanto o imperador se entretém rapidas entrevistas com os *sabios* do

Re, e corre por esse mundo *rempli de méme*; enquanto o Imperador, esse *narcha o mais illustre do mundo*, e o *nocrata de mais força* na America do

Re, se compraz em contemplar passivamente as felicidades estranhas, deixa

o imperio em uma lucta infernal a braços

com as maiores difficuldades, e á descripção de sua Augusta filha, sem experien-

cia e fanatica. e, o que é mais, guiada

por um ministerio em que a decadencia

nil tem por adjuntos a ignorancia e a

fé, a zombaria implacavel, a negligencia, o dezaso e a indifferença!

O Imperador, em presença do bem que

serva nos estranhos, esquece os males

que affligem a sua terra!

Mesmo assim, porém, quando lhe chegar a noticia de que a sua corôa esteve

mostrada aos pés de um padre, cujo me-

to unico é ser instrumento de Roma, o

Imperador terá momentos amargos, por

ver por tal modo abatido o seu orgulho.

Ou será tudo isso por elle aconselhado

auctorisado?

Quem o pôde conhecer?

Ninguem!

O que deve esperar o povo brasileiro?

O fanatismo autorisado pela corôa — o

fanatismo, essa loucura religiosa, sombria

cruel; essa peste da sociedade; esse furor

côgo e estúpido, que atropia a razão

conduz até ao assassinato; esse ardor

religioso que arma o filho contra o pai, a

mulher contra o marido, o irmão contra

o irmão, o cidadão contra o cidadão, a

ignorancia contra a sciencia, a incidia con-

tra a verdade!

Um rei fanatico é o peor dos flagellos

as nações, e o Brasil está seriamente

ameaçado de ter o fanatismo enthroni-

ado.

Imagina-se, collocado na cupola da

organisação social, e com a acção que os

partidos politicos lhe tem consentido en-

tre nós, dispondo do perigosissimo poder

moderador, nomeando *livremente* minis-

tros; perdoando e amnistiando *livremente*

o crime, dissolvendo *livremente* a camara

dos deputados, escolhendo *livremente* os

senadores, nomeando *livremente* os magis-

trados, dispondo *livremente* das graças, e

livremente abrindo os cofres publicos em

favor dos amigos e afieçados, como te-

mos visto praticado e sem nenhum serio

embaraço;— imagine-se todo esse poder

entregue a um ente desvairado pela su-

perstição e fanatico; que despreza a razão que não raciocina; que não se aperta de todos os meios ordinarios que o bom senso sugere para firmar o juizo,—e se chegará a comprehender as desgraças a que ficará exposta a nação.

Uma exaltação cega e apaixonada, que arrasta a actos condemnaveis, ridiculos, injustos e crueis, praticados sem pejo, sem remorso, mas com uma singular alegria e consolação, na idéa de que são agradaveis a Deus; verdadeira enfermidade mental e contagiosa e que grassando em um paiz toma desde logo o character e auctoridade de um principio, só isso tem creado os Jacques Clement, os Ravailac, só isso animou a pobre velha que foi soprar e aticar os tições da fogueira que consumiu João Huss.

Sancta simplicitas! disse esse herôe sacrificado ao fanatismo, em relação á pobre e imbecil mulher, que ajudava aos seus algozes.

Sancta simplicitas! dizemos nós hoje, estupefactos do que presenciámos n'este seculo, no Brasil, em 1876, na côrte, que pretende os foros de illustrada; nesta terra, que começando, pôde-se dizer, adiantada, é agora impellida ao regresso; nesta terra que depois de ter na sua historia

registrado o patriotismo, a intelligencia, a razão reflectida, a dignidade de Feijó,

de Vasconcellos, de José Bonifacio, e tantas e de tantos outros herôes, se vê

presentemente a braços com os antipodas

d'esses venerandos vultos, a quem S. M.

o Imperador, na mais difficil emergencia

por que tem passado o paiz, entrega os

nossos destinos, e vai, precipitado, correr

mundo.

Recorde-se o Brasil do que nos ensina

a historia e acautele-se, enquanto é tem-

po.

Reflecta em que os males que hão de

vir não poderão ser remediados, se, desde

já, não forem espancados os elementos

tenebrosos de que serão elles indeclinavel

consequencia.

Estude a historia, e comprehenderá que

nenhum rei fanatico deixou de abysmar

os povos que o soffreram.

O fanatismo de Maria Tudor a levou á

pretenção de restabelecer a religião romana

em toda a Inglaterra, não obstante

o compromisso que tomou subindo ao

throno. Seu casamento com um principe

fanatico e cruel, fê-la commetter innumeras

atrocidades.

(Continúa.)

VARIEDADES.

O Deputado Provincial.

O capitão André Pacheco Soares de Moraes, official da ordem da Rosa pelos serviços prestados ao estado e não sei mais ao que,

vereador da camara municipal, juiz de paz e a maior influencia do partido conservador na villa de *** era um homem do seus trinta e tantos á quarenta annos, sadio, phisionomia alegre e repressivamente burgueza, barbas curtas e ebellos á escovinha—Os seus hom-bros tinham o vigor proprio ao seu corpo robusto e eram capazes, de supportar, sem exaggeração, uma boa porção de arrobas bem pesadas. As suas mãos, calejadas pelo trabalho viviam quasi sempre mettidas nos bolsos de um *palitot*—sacco, pardo, bem comprido, quando não tinham qualquer occupação. As suas calças de riscado americano, largas e folgadas, encobriam umas pernas musculosas, que fariam se preciso fosse, umas vinte leguas por dia sem muita canceira. Elle trazia sempre a camisa de paninho alva desabotoada em cima deixando mostrar-se um pescoço queimado pelo sol, rijo, grosso de desoito á vinte polegadas de circumferencia. Este era o traje do capitão quando estava na sua fazenda, a qual pouco distava da villa. Quando, porem elle ia á villa, substituia as calças de riscado por outras de brim pardo e botas de montar, e o *palitot*—sacco de brim por outro, tambem sacco, mas de uma fazenda escura á que chama o capitão—côr de tabaco.

Então dirigia-se o nosso capitão á casa do seu amigo Gomes, collecter da villa e um typo bem apreciavel. A comarca andava invariavelmente sobre a politica da terra: eleições, qualificações, listas, votantes & c.

As eleições é que iam por bem dizer sempre ao gosto do capitão André. Porque tudo era ganhar elle as eleições; fizessem-se para fora os meios que se fizessem,—o fim era sempre a victoria. Tambem ja havia muitos annos que os liberaes, na propria expressão do capitão,—não davam *pio*.

Tempo houve em que os liberaes quizeram reagir. Tinham a força publica, o auxilio do governo, e já não era isto pouco. Mas o nosso bravo capitão André Pacheco Soares de Moraes fel-os logo murchar a orelha, mandando cercar dois dias antes das votações, a pequena igreja da villa por um troço de capangas, armados e sustentados á sua custa.

Depois de tudo feito á seu gosto, sem haver muito barulho, á excepção de algumas cabeças quebradas e braços e pernas contuzos, o capitão cantou a victoria, mandando tocar á porta das maiores influencias liberaes muitos foguetes—coisa que servio de muito ao pequeno commercio da villa, que não tinha esperanças de vender tão de prompto os seus embolosados foguetes.

O capitão André era pois um patriota no pequeno circulo onde vivia.

Não é o nosso fim condemnar o capitão André por estas e outras arbitrariedades de que usava em politica, e pela extraordinaria impressão—só nos é permittido assim dizer—que a politica lhe fazia subir o animo. Pelo contrario, sem o elogiarmos, desculpamol-o sinceramente, porque, na verdade a politica do capitão não era uma crença firme, não era uma convicção,—era simplesmente um vicio como o rapé ou o fumo.

O capitão André, que era tão despotico e grosseiro em politica, particularmente havia-se como o mais excellente dos amigos o mais extremoso dos pais de familia. A franqueza era o seu character habitual.

Muitos e bons dias passei eu na fazenda do capitão André na convivencia agradavel de uma gente simples e affectuosa, no mais obse-

quioso acolhimento, com se estivesse em minha propria casa. Nada me faltava. A mulher do capitão era uma joia de bondade. E assim era o resto daquella feliz familia.

Em um dia do mez de julho de 187., andando eu pelas ruas da cidade de S. Luiz, ao dobrar uma esquina, encontrei cara á cara com o capitão André. Ao principio fiquei sumamente perplexo do que via, andou-me pela cabeça uma duvida, mas conclui depois que era o proprio capitão André Pacheco Soares de Moraes que tinha diante de mim, encofado n'uma sobrecasaca de panno preto, chapeo de pello alto, gravata larga, calças de casimira amarella, botinas lustrosas nos pés e um bom charuto da Bahia nos beiços.

Só a *toilette* do capitão era uma novidade!

O capitão não tinha o mesmo ar alegre quando o encontrei. Mas logo que á especie de admiração deixou ver á tão inesperado encontro substituíram os cumprimentos que se seguiram, o capitão largou o ar carrancudo e enjoado com que vinha e abraçamo-nos como amigos velhos que eramos.

—Então como vae você, perguntei eu, como ficou a familia?

—Ora a mulher não vae lá muito bem d'aquelles antigos incommodos... Você sabe. O mais tudo vae como Deus quer.

—E você capitão, com que então veio por cá dar o seu passeio? Até que enfim!...

—Ora eu lhe digo, homem, o Francisco... Você conheceu o Chico Franco... Mas você deve saber que eu fui eleito deputado provincial.

—Não, capitão; ha muito que não leio jornaes. Não sabia.

—Pois isso foi lá artes do Chico Franco. Como ia dizendo, appareceu-me elle um dia e propoz-me o negocio... Apesar das bandalheiras do João Fainha, sempre fui eleito.

O capitão dizia isto e abotoava a sobrecasaca até a gola.

—Agora, meu amigo, iremos ali á casa do correspondente... Fica ali n'aquella rua, á baixo do Almeida. Eu já estour com os pés machucados do diabo desta botina... Não faz você ideia do calor que faz aqui. E' um forno a tal cidade. Depois a gente obrigando-se á andar mettido nesta roupa...

Eu pedi desculpa ao capitão André e prometti-lhe de o ir ver qualquer dia. Separamo-nos então e eu fui de caminho fazendo estas considerações.

O que diabo virá fazer aqui na assembléa este capitão, boa pessoa de certo, mas que não sabe sinão fazer uma eleição á seu modo, plantar a sua mandioca, fazer a sua farinha, criar o seu gado e outras cousas com que tão bem se dá? Eu, que o conheci d'aquella forma, vel-o agora desta: tão fóra de seus habitos e affectando tanta importancia, cousa que nunca o vi fazer?

Pobre diabo de capitão que tu és! Tu que mandanos dentro da tua freguezia e que eras considerado e respeitado pelos teus, vires aqui agora para dar o que? Um pedaço de parvo, ridiculo nas tuas pretensões? Vires aqui para todo o mundo te olhar com riso; para que os homens sérios não façam caso de ti e os vadios te atirem pedras e te façam cassoadas! Prasa aos céos, capitão, que tu voltes em breve para tua fazenda, são e salvo, e que não te dê na cabeça de fazer por ahí alguma asneira de deputado da tua especie.

(Continúa)

Paginas intimas.

(Vide n. 2.)

SUB TEGMNE FAGI.

(Phantasia.)

Si tu queres um canto sentido,
Não mentido,
De um peito que é teu;
Si desejas ouvir d'amizade
A verdade
Do canto, que é meu;

Si quizeres ouvir um idyllio,
Que dedilho
Na lyra chorosa;
Escutar si desejas as queixas,
As endeixas
D'est'alma saudosa;

Vem, meu anjo, sentar-te commigo
Ao abrigo
Do fresco arvoredado.
«Tão a sós?»—Oh! de nada recêis,
Não t'enlêis,
Não deves ter medo!

D'essa tua innocencia, donzella,
Sentinella
Fiel tens em mim;
P'ra guardal-a, darei minha vida,
Sim, querida,
Me creias assim.

Sê tranquilla, portanto; m'escuta,
Bem prescruta
Qual é meu sentir
E, si vires que eu te mereço,
Só te peço,
Me dêes teu sorrir!

Mas, attenta me ouve esta falla,
Que trescala
Verdade e amor:
—Este mundo mentido, aos encantos,
Dá-nos prantos,
Pezar, dá-nos dor!

Tu não ouves o múrmur da fonte,
Que, do monte
Cahindo, suspira?

—Pois, constantes, qual gemem as aguas,—
Sam as magoas
Que choro na lyra!

Eu, que sou mui zeloso, desejo
Por teu pejo
Te ver sempre altiva;
O pudor na mulher é a guarda,
Que resguarda
A corôa mais viva.

Quero ver-te gosando a ventura;
Sempre pura,
Qual és, quero amar-te.
E, portanto, como és innocente,
Devo, ardente,
Sincero avizar-te.

Ah!.. Cuidado, meu anjo, cuidado!
Refalsado
Um affecto se finge!..
Entre affagos, caricias e beijos,
Ha desejos
De monstro, de sphinge!

Eu não tenho, deidade, grandezas
Nem riquezas
P'ra vir offertar-te;
Tenho, sim, terno amor mui perfeito
N'este peito
Que sabe adorar-te.

Qualquer outro bem póde de ouro
Um thesouro
Depôr a teus pés;
Mas, a ti ter tamanha amizade...
Por piedade,
Meu anjo, tu crês?

Assim como das flores á sombra,
Tem n'alfombra
Reptil venenoso;
Igualmente no ouro adorado
Vem guardado
Veneno damnoso.

Muita vez da ridente campina
A bonina
Se tira em botão;
Pois, assim, da pureza da virgem
Em vertigem
Se rouba o condão.

Quem procura colher fresca rosa
Dadivosa,
No galho gentil,
Vae de manso.—Que val um espinho,
Que, damninho,
Se prende ao hastil?

Ah!.. Cuidado, meu anjo cuidado!
Refalsado
Um affecto se finge!..
Entre affagos, caricias e beijos,
Ha desejos
De monstro, de sphinge!

E, agora que tu m'escutaste,
Prescutaste
Qual é meu sentir?
Estas águas e plantas e flores
Meus amores
Acabam de ouvir.
Maranhão, 10 de julho de 1973.

Esperança:

Á F. . . .

Após dias de amargos tormentos
Virão dias mais bellos talvez!

Soares Passos.

Pobre criança! soffres. . . e eu distante
Não posso mitigar as tuas dôres,
Enxugar com meus lábios o teu pranto,
—Cálido pranto de crueis rigores!

Separam-te de mim. . . Ha tantos dias
Que meus olhos não fitam teu semblante!
A saudade aninhou-se no meu peito
Onde a dor se assentou dilacerante.

Mas oh! elles não sabem qu'a distancia
Não pode me trazer o esquecimento,
Embora—ave sem pouso—pelo espaço,
Revõe solitário o meu lamento.

Espera, minha amada! A esperança
É' o riso da dor. Após o norte,
Vem a brisa a doçar féros estragos
Que faz a fragil flôr o vento forte.

25—Agosto—76.

Xisto.

RABISCAS.

Porque e como a *Revista Juvenil* não deu fundo.—Como se prova que a antiga redacção não podia continuar.—Resolução da *União Juvenil*.—Bibliotheca Popular Maranhense.—Evangelho e syllabus e mais cousas á respeito.—Negocios electoraes e os partidos militantes.—Jornaes do exterior.—A *Alavanca*.—Festa dos Remedios.—O estado de vida no Maranhão.—Exames geraes.—Saudades.

Leitor.
Hosana a Guttemberg!

A *Revista Juvenil*, felizmente ainda não deu fundo: graças a meia duzia de *esperanças* da patria, reaparece ella agora, protestando contra a lethargia em que esteve e promettendo correr meio mundo.

Away! away!

A antiga redacção pede de novo aos Srs. assignantes desculpa pela interrupção que houve e aproveita a occasião para agradecer a prova de confiança que sempre lhe dispensaram.

Mas a antiga redacção não podia mesmo continuar, apesar da boa vontade: tinha contra si uma

difficuldade immensa, um nó gordio, uma mão occulta a lhe perseguir; ella não sabe mesmo o que era, mas havia cousa. . .

Eu explico, ou antes ella pede-me que explique isso.

Para o Sul do Imperio—Pereira é synonymo de caipóra, assim como, aqui para o vulgo,—3 é numero fatidico.

A redacção justamente compunha-se de 3 membros e todos tres—são Pereiras: Paulo *Pereira*. Carlos *Pereira* e Constantino *Pereira*.

Que cada um d'elles em particular e na sua especialidade é caipóra, não resta duvida, logo, reunidos,—o caiporismo deve ser maior e deve por forza ter affectado o jornal.

Está provado. Agora, saber qual a razão d'essa coincidência não cabe a mim, eu não a sei explicar, mas envio o curioso aos Pagés, que estão agora fazendo epocha, e que lá se avenham.

Vai a *Revista Juvenil*, entrar em nova vida, e oxalá seja bafejada pela aura popular (—popular que eu fallo—é o *respeitavel* publico), sim, porque isso de popular cheira a republicanismo, e eu sei que o respeitavel publico não gosta d'estas cousas e podia deixar até de assignar o nosso jornalsinho, o que *Deus tal não permitta*.

O que!—attacar eu as crencas enraizadas do respeitavel publico, nunca, porque ainda que essa elastica e respeitabilissima entidade seja as vezes encarnada em um só individuo e este exigente, rancoroso, anti-progressista, pedante, charlatão, hypocrita, especulador & &, todavia é sempre o respeitavel publico ou a respeitabilissima opinião publica, e qui estou eu que não quero negocios com ella.

Mas, como ia dizendo, a *Revista Juvenil* entra em nova phase: é hoje de propriedade da sociedade *União Juvenil*, a qual em sessão deliberou nomear commissões que ajudem a que já a redigia, ficando a arrecadação das assignaturas e mais economia á cargo do digno thesoureiro o Sr. Domingos Santos, cuja dedicacão e actividade são dignas dos maiores encomios.

Agora vamos variar um pouco.

Bibliotheca popular.—No dia 19 houve sessão, eleição e posse no salão desta utilissima institucção, ficando a nova directoria composta dos Illms. Srs. Drs. Antonio de Almeida Oliveira, Albano Lima e Padre Fonseca.

Fallando da Bibliotheca, cuja necessidade ninguem pôde seriamente duvidar, não posso deixar de dizer qual a impressão que tive por occasião da sessão de 19.

A principio senti um prazer inexplicavel, vendo-a concorrida exclusivamente por estudantes, á fora os directores e os Illms. Srs. padre Fonseca e conego Purificacão.

Era tocante e promettedor ver-se uma pleiade de jovens *esperanças* da patria; parecia que a festa era exclusivamente da mocidade, parecia. . . e era animador.

Mas depois reflecti e reparei que a festa era popular e portanto devia ser concorrida e abrilhantada por todas as classes, por ambos os sexos e que os Srs. paes de familias deviam ser os primeiros a animar a casa onde está o pão intellectual para seus filhos.

A mocidade precisa da bibliotheca e tem a melhor vontade de dar-lhe impulso e sustental-a, mas ficará só na boa vontade se não encontrar o apoio paterno.

Isto realmente é desanimador!

Ao Dr. Almeida Oliveira se deve a creação e a continuacção da Bibliotheca Popular, a primeira institucção de leitura popular da provincia.

Honra e gratidão a elle em nome da posteridade.

Evangelho e Syllabus.—Sahio dos prelos do Paiz um drama com este titulo da lavra do Sr. Rangel de S. Paio de Pernambuco. Ainda não o li, mas desejo.

A proposito, porem, do juizo critico ou *bilhete de apresentacção*, que sobre elle deu o Dr. Celso de Magalhães, tem saído uma serie não interrompida de artigos anonymos mas escriptos e acompanhados de ridiculo pelo—O Catholico.

O Dr. Celso julgou-se offendido, exigio do Catholico que viesse a scena sem mascara, atirou-lhe a luva, e nada; foi ao theatro da justiça, subio então o panno e por detraz das cortinas apparece um vulto, deixa cahir a mascara e. . . eis que se mostra todo descoberto e teso na pessoa do reverendo padre Fonseca.

Quem diria?! Eu sempre pensei que aquella obra fosse de algum dos denunciados pelos negocios de qualificacção!

Mas não resta duvida—os *artiguinhos* são do illustrado padre Fonseca, elle o disse, e apanhou a luva que lhe atirou o Dr. Celso. Agora tem-a travada.

Haja luz!

Negocios electoraes.—Eis uma questão que já está *rancosa*.

Os partidos estão açulados com uma ganancia infernal e eu não sei a qual dos dois dê razão.

Os conservadores (*os homens da ordem*) gritam, espumam, queixam-se que os adversarios lhe estão roubando os direitos, as garantias, etc.; e estão no poder, quanto mais se estivessem apeados! Faz-me lembrar a briga de dois caboclos em que um d'elles soltou a lingua no mundo:—*gentes*, pelo amor de Deus, tirem-me de cima deste demonio senão elle me mata.

Assim fazem os conservadores, estão de cima e gritam que estão apanhando!

Os liberaes (*os homens da liberdade*) fallam, escrevem, condemnam o principio de centralisacção como pernicioso; mas isso é só theoria, porque praticamente elles adoptam o tal principio e fazem *questão de gabinete*.

Haja vista á candidatura, senão odiosa ao menos mal accita do Sr. Joaquim Serra, imposta pelo centro liberal e que creou no seio do partido aqui serias difficuldades, e talvez para sempre.

Emfim, lá se avenham.

Jornaes.—A redacção da *Revista Juvenil* tem recebido do exterior os seguintes jornaes: A *Crenga*, A *Palavra*, O *Diabo a Quatro*, (cousa papa fina) *Echo de S. Francisco*, O *Papagaio*, A *Ordem*, O *Porvir*, *Jornal do Pilar*, O *Archivo*, *Jornal do Pão d'Assucar*, O *Potengi*, A *Borboleta*, O *Liberal do Rio Grande do Norte*, A *Parasita*, A *Ciencia*, *Sete de Setembro*, *Correio da Tarde*, o *Trabalho*, A *Luta*, O *Typographo*, O *Romeiro das Letras* e outros a cujas redacções agradece, enviando a *Revista*.

Alavanca.—Com este titulo creou o Sr. Bernardo Martins, na cidade de Vianna, um pequeno jornal, que promette muito.

Avante!

Festa dos Remedios.—Este anno a festa tem corrido ás expensas de alguns *devotos*: tem estado desanimada, mas a igreja está muito bonitinha e dá ares de um theatrinho de collegio.

No largo vê-se a mesma cousa que nas outras festas, a excepção da dança dos cabelos e da chegança, que estão tambem fazendo epocha. O Maranhão passa por uma phase de cynismo. A não ser o *Club Familiar*, onde se vive durante a noute da partida e aos domingos—o mais é incipidez velha.

Venha o Vicente! A ausencia deste pandego é sensivel.

Os Srs. paraenses que não sejam tão egoistas! Espera-se uma companhia equestre. Ora essa! Porque não vai para o Pará?!

Exames geraes.—Estão proximos os exames geraes.

Já estou com frio, e declaro que não posso mais continuar. Os exames geraes paralizam a penna do mais pintado chronista.

Saudades a regalar!

Aireper.

Typ. do Paiz—Imp. Manoel F. V. Pires.

REVISTA JUVENIL

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augebitur scintilla.

Bacon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 reis por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO I

MARANHÃO—Sabbado 16 de dezembro de 1876.

NUMERO

REVISTA JUVENIL

Maranhão 15 de dezembro de 1876.

Ensaio litterario.

Sempre que se levantar entre nós uma grande empresa, uma lucta litteraria, não serei por certo o ultimo soldado a occupar o posto que me fôr marcado.

Alistando-me voluntariamente para a nova cruzada, em cuja vanguarda avançam os dignos redactores da «Revista Juvenil», entendi fazer alguns ensaios litterarios, para os quaes pedi espaço neste modesto periodico.

Começo pela—Imprensa—, thema assaz difficil para mim, não só por sua importancia, como por que já tem sido magistralmente desenvolvido por pennas autorisadas e robustas.

Entretanto, não escrevendo para os sabios, espero que o meu trabalho seja escudado ao menos pelo animador acolhimento de quem m'o ler.

A IMPRENSA.

«A imprensa é o Amazonas do porvir.»

(Do Movimento, Jornal do Recife.)

A imprensa é o monte Abraham, de cujo cume os Moysés da litteratura, os apóstolos da sciencia nos apontam a terra da promessa—a perfectibilidade humana—o apogeo do progresso e o alvo, emfim, que a Providencia assignalou nos destinos da humanidade.

E' a lampada viva, cuja luz benefica no seu reverberar, encaminha os povos na jornada da vida, caracterisando-os nas diversas phases que percorrem na escala da civilisação.

E' ainda a Arca, em cujo seio, fiel deposito, se conservam intactas essas descobertas admiraveis, pujantes trabalhos, que Colombos da sciencia, como legado, deixam á posteridade.

Entre jovens, finalmente, quando sopitam no indifferentismo—a imprensa é o echo do despertar—o mais solemne protesto contra a lethargia, que embotando o espirito, amesquinha o corpo.

No meio das ebulições sociaes, dos desvarios dos homens, quando mesmo corra em jorro o sangue das nações—a

imprensa, qual vigilante atalaia, patenteia-se com o cunho sempre constante de supremacia á salvaguardar e á fazer respeitar—direitos, garantias e a liberdade dos opprimidos.

Estigmatiza os tyranos, confunde os espiritos fracos e pune os inimigos da propaganda civilisadora.

Sua voz, sempre potente, faz-se ouvir pelos quatro ventos, e restitue ás nações o equilibrio social.

E' sublime um tal poder!

Que importa que a imprensa as vezes, desviando-se de sua missão, repita o echo de meia duzia de mercenarios especuladores, que se arvoram em redactores de jornal, que se acobertam com a capa de anonimo,—personagens incognitas, sem prestigio, sem dignidade, sem outras habilitações mais do que o vocabulario dos alcôuces, embora digam pertencer ao numero dos corypheos do partido tal, d'uma seita qualquer; que importa?!

A imprensa sensata e moralisada continuará a ser sempre bem acolhida e festejada.

A sciencia medica nunca cessará e jamais deixará de ter um grande apóstolo pelo facto de não aproveitar a todos.

Eia, pois, jovens redactores, continuae na obra que começastes e confiae no facturo.

Si hoje no Brazil a imprensa ainda não attingio o gráo de circulação que era de esperar, especialmente o jornalismo litterario e scientifico, para o futuro, por certo, tel-o-hemos, attenta a attitude que já vae tomando a geração actual, em face do movimento politico—religioso, que se agita no imperio.

Haja completa reacção de idéas, e a nossa unica arma seja a imprensa!

Archimedes, o grande geometra de Syracuza, disse algures:

«Dai-me uma alavanca e um ponto de apoio e eu levantarei o mundo.»

Pois bam; Saldanha Marinho, o denodado defensor do povo brasileiro, dirá por sua vez, parodiando—o:

«Seja a imprensa a minha alavanca, —a opinião publica o meu ponto de apoio e eu levantarei o paiz.»

Aireper.

Religião.

Uma terrivel catastrophe parece amear a humanidade á destruição levando-a ao caminho do crime, da degradação e da corrupção; parece lembrar quellas cidades, cuja immoralidade e ignommia de seus habitantes mereceram o severo castigo do Omnipotent.

Negra nuvem se nos antolha encobrindo os brilhos da luzente estrella que guia a humanidade na senda do progresso.

A religião está sendo banida, deturpada sua historia, calumniada as suas verdades. O materialismo domina na maior parte dos mancebos, o protestantismo germinando em quattodos os corações e o atheismo alcança affrontosamente o estandarte da revolta, perecem que reanimam-se do abatimento em que o havia prostrado a verdade.

E assim, mau grado nosso, teremos de ver reproduzidas aquellas scenas que ainda hoje enche de horror o mundo civilisado, aquelles quadros que foram testemunhas os nossos avós, em que o protestantismo sahindo a campo ameaça a Igreja, empregando a discussão, a insidia e a calumnia para destruil-a.

Sendo então necessario que houvesse do lado da Igreja um defensor tambem forte e que se occupasse exclusivamente de sua defesa.

Foram, pois, os Jesuitas creados por S. Ignacio de Layola, que fazendo causa commum com a Igreja, com o emprego de sua palavra eloquente, com a pratica das virtudes e da caridade em toda acceção da palavra, sahiram a campo para defendel-a.

Empenha-se a luta, o catholicismo triumphou, e a heresia ve-se por terra e a cada passo perdendo mais um de seus satellites que convertendo-se a abandonava e abraçava a Religião.

Neste estado reconhece o protestantismo, que seus golpes jamais poderiam ferir a Igreja, sem que houvesse primeiro destruido os Jesuitas.

Muda pois a direcção de suas armas e dirige-as aos Jesuitas. Estes activos e energico batem-se no campo da discussão, difinem o protestantismo, poem em evidencia os seus vicios e o germen

la corrupção malevolamente occulto em seu seio. Aquelle porem reconhece a força do inimigo, e abandonando o campo da discussão, procura indirectamente extingui-lo, já intervindo na eleição do Papa, a que se hia proceder, á no manejo da calumnia.

Queria ó protestantismo na cadeira de S. Pedro, não um apóstolo da Igreja, mas um instrumento aos seus infamantes desejos.

E assim foi. Mais ponde emfim a força que a justiça.

Clemente XIV entra na direcção dos negocios ecclesiasticos.

Então mais forte e audaciosamente a extincção dos Jesuitas é reclamada.

Porem os remorsos e a consciencia a isso se oppunham, e o primeiro acto do Papa foi louvar os Jesuitas, chamando-os *ferrosos obreiros do campo do Senhor, e julgando-os dignos do bem celeste e salvadores das almas.*

Finalmente, é pedida a abolição completa da companhia.

Negal-o era um sacrificio, porem um sacrificio que a paz da Igreja requeria e para que faltou coragem ao Papa que então assigna o breve.

E' isto um facto tal que os proprios *Rauke, Schlosser, Guizot, Fleury* e tantos outros escriptores protestantes não puderam calar algumas palavras em favor dos Jesuitas.

Assim pois quando os Jesuitas na pratica dos seus deveres, no ange dos sofrimentos com que lhes pagava o bem que delles recebiam, expatriados, embrenhados por essas selvas longinquas carregando o seu manto dilido, cheio do pó das estradas, com os pés descalços, com o breviario nos braços por unico passaporte, procuravam os selvagens para convertel-os a fé christã, trazerem-nos á convivencia da sociedade, chega-lhes o breve que extingue a companhia. E elles resignados nem uma palavra contra aquelles que tam mal consideravam seus serviços, deixaram escapar.

Não esperavam elles cá na terra, o premio do que faziam.

Porem Deus que tudo vê, não demorou em castigar os culpados.

Uma geração não se tinha passado, e o cadafalso erguido aos padres servio a nobreza, & &.

Esses factos que foram o castigo do mal, devem hoje em altas vozes ser recordados.

E neste trajecto de movimento, que de perturbação para o povo?

E' pois não mais do que caminhar-mos para um tal estado, o que hoje o faz.

E quem sabe se a crise porque hoje passamos não será o castigo inflingido á repugnancia aos negocios que dizem respeito a Igreja.

Desenrolemos ante nossos olhos essa serie de calamidade que nos affligem, fôrme a peste a pobreza & & recorde-

mos que só a religião aperta o crucifixo nas mãos gelidas do moribundo.

Recordemos as causas do *diluvio universal* da destruição de *Sodoma e Gommorra.*

Zarmot.

Não dormem.

Lemos no jornal *Apostolo*, publicação feita no Rio de Janeiro, uma circular que se diz fora dirigida, pela *Associação catholica marianense*, aos cidadãos brazileiros residentes na provincia de Minas Geraes, chamando a sua attenção para a eleição dos 14 futuros representantes da nação que cabe a essa provincia.

Esta associação, que se appellida de *catholica* e que por tanto só deve cuidar da religião catholica, obedecer e acatar *in totum* os seus preceitos, depois de haver, durante um anno, conforme ella mesmo declara, investigado, com o maior escrupulo e cuidado, das normas de conducta e das *sãs idéas* dos seus concidadãos, apresenta uma lista composta de 20 nomes, (da nata dos catholicos) e pede, roga, supplica e impõe, por que assim entende, que sejam d'elles tirado todos os 14 representantes por Minas.

Esta associação, por tanto, a nosso vêr, não só arreia-se da sua missão fundamental, como faz uma selecção des cortez e sem razão de ser entre os illustres cidadãos mineiros.

E se não, vejamos:

Bradam todos os dias os catholicos *puros*, (porque ha outros que não o são, em cujo numero creio que estou incluído) bradam que a maçonaria (declaro que não pertenco a esta gente) é uma associação perigosa por que, alem de outros motivos, occupa-se e se entretem com a politica do paiz—o que é uma inverdade e censura impensada, visto como é isto expressamente prohibido em os regulamentos maçonicos—; entretanto, são elles proprios, que tão publica e arrojadamente tramam contra o nosso governo!

Assim, alli é uma associação que protege os estranhos e especialmente os seus, respeitando em todo o caso as leis do paiz, aqui, porem, é uma outra, que somente protege os seus—com desrespeito ás leis governamentaes, que os regem!

Trata-se, em um pleito eleitoral, da escolha de alguns cidadãos necessarios, em ambos os partidos, ao alto destino do nosso paiz, e é neste momento que a *sociedade catholica* apresenta se e diz incivilmente: «Não nos convem que curem dos nossos interesses os cidadãos verdadeiramente eminentes por suas illus-

trações, cordura e serviços; não, nós o repudiamos, por que estes nos podem ser fataes, e por tanto só nos servem as cabeças tacanhas e filiadas á uma idéa retrogada.»

E' isto e nada mais.

Que positivismo descarado!

E aqui não ha fugir.—Ou a religião catholica falseia em o nosso seculo, no seculo das luzes, e corre perigo, ou os seus fanaticos adeptos, sendo muito egoistas, despresam e perseguem mesmo os seus irmãos em crença, contra os sagrados preceitos de Jesus Christo!

E, a todo o transe, querem formar um partido politico—um partido que vá de encontro ás idéas de gregos e troyanos; um partido que combata as idéas verdadeiramente politicas—dominantes e decachidas—: que ataque a todo systematicamente; que se opponha á diffusão das luzes, á civilização dos povos; que se contamine d'um modo *suigeneri*, e que, finalmente, diga—eu nada quero do futuro!

Eis o que tacitamente se collige dos planos e das vistas d'essas associações, que, sob um nome sympathico, teem-se querido formar por ahí algures.

Sociedade catholica!—E que melhor sociedade catholica será do que a sociedade da Igreja, já instituida por Jesus Christo?

Por ventura precisará essa Igreja d'uma *corrigenda*, enxergada agora pelos senhores ultramontanos?

Eis os seus fructos; seus fructos que fazem com que todo o cidadão brazileiro—clame pela separação da Igreja e do estado!

Não nos permite o acanhado espaço que dispomos neste pequeno periodico para mais detalhada e convenientemente occupar-nos com este assumpto, que aliás nos parece de grande alcance, e por isto fazemos aqui ponto.

Ruostaucegas,

A situação do Brazil.

D'entre as diversas causas a que se attribue a horrivel situação sob cuja pressão hoje geme o Brazil, uma destacamos, por isso que, segundo a nossa fraca opinião, é a principal.

Essa causa é a guerra da America em 1862, porque bloqueados, em virtude da mesma, os portos das regioes productoras, o nosso algodão, que antes achava-se ao preço de 4:000 por arroba, alcançou 11\$, 14\$, 28\$ até 30\$, tornando-se á fual constante o penultimo.

Como sabemos antes della os generos europeos estavam em relação com o pre-

ção de 4\$000 obtido pelo algodão, havia entre nós bastantes estabelecimentos agrícolas, menos luxo, mais reserva no gastar e mais trabalho.

Depois, porém, attingindo o nosso algodão os preços supra referidos os generos europeus excederão também nos seus preços, os estabelecimentos agrícolas foram diminuindo á pouco e pouco, appareceu altaneiro o luxo, houve menos parcimonia no gastar, e menos trabalho, porque todas as atenções convergirão para um só ponto—o cultivo do algodão—facto esse de facil consecução.

Em quanto durou essa guerra o Brazil teve um céu de prosperidades, logo que foi, porém, concluida e portanto levantado o bloqueio dos portos productores d'aquelle paiz, o nosso algodão foi gradualmente baixando de preço até fixar-se no actual.

D'ahi, principiarão a apparecer umas sobre as outras as difficuldades, por isso que os generos europeus, cujos preços se tinham elevado, já se não acharão mais em relação com o do nosso algodão.

D'ahi também começou a toldar, até que totalmente, o céu de prosperidades do Brazil.

Um horizonte negro succedeu ao brilhante.

Por isso é pois que dizemos ser esse facto, a guerra d'America, a principal causa dos males, das difficuldades que hoje infelizmente opprimem o nosso paiz, porque em vez de trazer-lhe o bem, como quer alguém, trouxe só mal.

E hoje luta elle com serios obstaculos, acha-se a braços com uma divida imensa e as portas de uma fallencia certa porque faltão-lhe os meios pelos quaes possa subtrahir-se a ella.

O dizermos nós que faltão-lh'os, não deve ser entendido o não existirem verdadeiramente esses meios; si o dizemos é porque vemos que os que parecem mais adaptados aquelle fim, são de difficil execução, porque o que entre nós tende a beneficiar o nosso paiz é irrealisavel, devido isso ao nosso genio indolente.

Todo dia, a cada instante clama a imprensa contra isso e aponta, depois, como meio de salvação, a emigração europeia.

Não pensamos assim e, pedindo venia expenderemos as nossas fracas idéas.

Não deixamos de concordar que a emigração europeia nos é bem util, um grande auxiliar á prosperidade do nosso paiz; não admittimos, porém, que isso se dê agora, porque o que virião entre nós fazer os emigrantes europeus, sem

industria facil e proveitosa em que se empregassem promptamente?

Nada.

Deverião elles vir introduzil-a?

Não.

Perfeitamente sabemos que essa phalanje de aventureiros, esses emigrantes são apenas levados pela unica idéa de facil e prompto emprego.

Isso nos falta, isso exigem, e pois não é possivel a emigração europeia entre nós assim a fogo de palha.

Devemos trabalhar, de nós deve partir a iniciativa, pois que somos nós os interessados; tratemos da introdução de culturas novas, e cuja verdadeira utilidade reconhecamos e depois de feito isso clamemos por essa emigração, que, em nosso fraco pensar, é quase que só realisavel para o sul do paiz, porque ali encontrão os emigrantes um clima igual ao do seu paiz a par da boa qualidade do terreno que facilmente se presta para o cultivo de productos já d'elles conhecidos, taes como o trigo, o centeio, a batata, a cevada, alem de algumas vias de comunicação. Mas isso, todavia, ainda não, como nos Estados-Unidos e outros paizes, onde os emigrantes encontrão alem d'essas outras vantagens, como boas vias de comunicação, boa administração, todas as maquinas aperfeiçoadas para a lavoura, cousas que nos faltão.

Não sem fundamento dissemos acima que a emigração europeia é quasi que só realisavel para o sul do paiz, porque o norte nenhuma vantagem offerece, nenhum attractivo tem que possa captivar as suas atenções, pois, alem de um clima quente, o solo não se adapta facilmente ao cultivo dos productos supra-referidos.

Alem disso ainda vemos muitos paizes de clima temperado ou frio por povoar: a Austrália, o Chile, a Republica Argentina, Estados-Unidos, Canadá &c: e os paizes habitados pela raça anglo-saxonia serão sempre preferidos pelos emigrantes, por isso que a sua actividade creando sempre muitas industrias offerece prompto emprego a todas as profissões.

Os meios, por tanto, que julgamos mais adaptados á melhorar o nosso paiz é a introdução de culturas novas, como o café, o cacão, o fumo, e outras que estimulem a actividade da nossa indolente população.

O seu desenvolvimento é como logo se vê de facil aquisição, porque esses generos dão-se bem quer com o clima quente, quer com o temperado, e por tanto em todo o nosso paiz, porque os

tentamens feitos não tem sido desfavoráveis, como temos visto nas provincia do sul, e ultimamente no Ceará.

Um outro meio que também pensamos util ao prospero incremento do nosso paiz é uma lei de trabalho obrigatorio

Mas essa lei nunca se faria, e quando se fizesse não seria posta em execução e admitamos mais, quando isso tiver se lugar em vez de bons teria máos resultados, porque daria aso a graves abusos commettidos pelas proprias autoridades do paiz, já patrocinaudo uns, já perseguindo outros.

Finalmente, como já fizemos vêr, os meios existem. Todos os conhecemos.

Uma razão, porém, ha que faz com que não lancemos mão d'elles. E' o máo acolhimento que tem as nossas pretensões, e isso infelizmente devido ao infame patronato que existe entre nós porque quando apparece algum projecto julgado optimo, não chega a ser posto em execução porque remetido ao governo afim de soffrer a sua sanção é condemnado a dormir o somno do desprezo.

O governo é pois o primeiro a atrophiar os interesses da nação.

Mas nós temos o remedio em nossas mãos. Exijamos, e não peçamos!

Vamos, antes de termiar as nossas ligeiras considerações sobre o atraso do nosso paiz, ferir um ponto, uma questão, cujo não desenvolvimento é também causa d'ello.

Fallamos da instrução.

Está evidentemente reconhecido e provado que é ella o principal motor do progresso das nações. Importa n'isso o maior desenvolvimento que se lhe possa dar, e entretanto entre nós ella não se estende, quando é isso de real necessidade, devendo também por consequencia ser alvo das nossas atenções.

Ninguem, sem affastar-se dos principios da philosophia, pode negar suas vantagens. E fazello seria desconhecer a evidencia de factos que bem alto attestão-na.

Alguem disse: «um povo ha de ser tanto mais forte quanto mais instruido for», e disse a verdade porque onde não houver derramamento de instrução, não pode haver progresso—

Um povo sem instrução quer dizer um povo condemnado á decadencia: não se move, é movido. E' um automato.

Derramar pois a instrução sobre a cabeça do povo é dar um passo certo para a verdadeira consecução de sua legitima feicidade.

L. de Sá Lima.

Tú

Tú és a visão bella e feiticeira
Que co'os olhos brilhantes me seduz;
Tú és a estrella que á esplendor fagueira
Em minha alma derrama ondas de luz.

Tú és a flôr mimosa e delicada
Que passo longas horas a mirar;
Tú és a sombra da esperanza, alada,
Que vejo nos meus sonhos adejar.

Tú és a luz rasga de minha alma,
Dos nevoeiros o cerrado véo;
Tú és o archanjo que meu peito acalma,
E que me apontas á sorrir o céu.

Tú és a visão bella e feiticeira
Que co's olhos brilhantes me reduz;
Tú és astrêlla que a esplendor fa-
(gueira
Em minha alma derrama ondas de
luz.
1866.

Factos e boatos.

A razão que tive para mudar a «columna telegraphica» em «arabescos» é a mesma que tenho agora para trocar as «arabescos» por «factos e boatos»: a monotonia aborrece-me e por isso gosto de variar.

A «Revista» tambem teve de variar mudando de typo, em consequencia de se acharem os prêlos do «Paiz e Diario» gemendo com os trabalhos dramaticos da «fertil penna» do sr. Penante, com as folhinhas da popular «salsa e caroba» e com muitas outras panacéas «uteis» a humanidade.

Continuam os exames geraes.

Tem havido —R—á valer.

Pudéra não! —Si os meus collegas andam com o juizo no reino... dos astros! —Si já veem «estrelas» até de dia!!

A proposito. —No circo e fóra d'elle tem havido o diabo a quatro.

Os partidos —«Estrella do norte» dos srs. caixeiros e —«Cruzeiro do sul» dos estudantes fizeram epocha.

Depois de extremarem-se á «mais» não poderem, e compostos como são de moços prudentes —tratam a final de chegarem a um accordo, um sime tratado de paz —«para evitarem desgostos d'um e doutro lado, sem quebra da dignidade de ambos os partidos.»

Para isso tem havido sessões e reuniões.

Qual a base do contrato não posso dizer, porque é segredo.

Eu assisti a uma sessão dos estudantes, onde estiveram presentes trez membros da —«Estrella do norte» e posso afirmar qua nunca vi cousa tão pandega. Tenho presenciado muitas scenas «jocosas», mas do gosto das que se derão na tal sessão dos collegas, nunca!

A principio era tudo diplomacia: os trez membros da «Estrella do norte» foram recebidos por uma commissão do «Cruzeiro do sul» e introduzidos na sala com todas as formalidades.

A discussão esteve calorosa, d'um e d'outro lado houve ameaças de um tremendo «ultimatum» e a sessão perdeu a cor aristocrata de principio —pelo effeito das densas fumaças dos charutos, dando áres antes de um «meeting» inglez.

Fallou-se muito e nada se fez.

Eu sahi cedo, mas sei por boatos que até os «diplomatas» se despediram á franceza.

(Si ainda havia segredo no que fica exposto, queiram desculpar-me a indiscripção.)

Os partidos não contentes ainda com as homenagens feitas ás meninas no circo —quizeram applaudil-as tambem no theatro, para o que pediram ao sr. Penante que levasse a scena as peças comicas — Estrella do norte e Cruzeiro do sul offerecidas aos caixeiros e aos estudantes, e supplicaram ao sr. Blas Otéro a presença das meninas.

Estava tudo combinado; mas oh decepção! —So-be o panno, olham ainda para os camarotes e nada de meninas.

(Ingratas! —em paga de tantos sacrificios. . .)
Bem ando eu que não me metto em partidos de circo e faço côro com os collegas auctores das poezias «Qua . . . qua . . . qua . . . e Que folia!» que foram publicadas no «Paiz», e as quaes não transcrevo aqui por falta de espaço.

Quem diria . . . ?

Duvido que a rapasiada saiba quem são elles, porque, realmente, quem os vir no Lyceo tão caladinhos . . . , especialmente o primeiro. . .

E' sonso, basta!

Como já disse, tivemos em scena o sr. Penante, que segundo diz, «é portuguez de sangue e brasileiro de nação»

Já nao'é pouco.

Alem d'isso é maçon, como muitos, e como Saldanha Marinho, Rangel de S. Paio e Celso de Magalhães, é «propagador da idéa nova.»

Consta que os irmãos de alem-mar, de mãos dadas com os filhos da viuva lhe mandariam erguer uma estatua na praça do commercio, si a crise financeira não estivesse tão carrancuda.

(E' pena, porque o homem procurou agradar!)

Não conheço o sr. Penante sinão de vista e «por suas obras»; mas sinto dizer que o tinha em melhor conceito, como artista.

As suas scenas comicas todas juntas não valem dous caracões.

O recitativo que na scena comica, «Cruzeiro do sul» dá a Laurindo, envergonha a classe dos estudantes, pois nem o mais chronico «cascabulho» que erra pelas academias faria couza tão mal alinhavada.

Só parece que o sr. Penante serviu-se para aquella poesia da lyra do nosso immortal Fabio Ewer-ton.

A pesar de tudo isso o sr. Penante tem habilidade, la isso tem: logo no primeiro spectaculo tocou no fraco do nosso povo.

Mas foi justamente isso que desagradou-me, pois desconfio do merito do artista que especula com a platea.

Si trabalha para ganhar o pão, está no seu direito e toda a especulação é pouca; mas si deseja conquistar um nome, si de coração procura pregar a idéa «nova — estude» primeiramente muito; «cresça» e «appareça».

Não me queira elle mal por eu ter sido franco; pois si como diz, aborrece os jesuitas, deve concordar connigo que antes ter esta linguagem do que do a hypcrita.

Falta-me ler o seu drama — Abenção materna —.

O que achar nelle direi com franquesa.

A «Revista Juvenil» acaba de ser obsequiada com o drama Evangelho e Sillabus de Rangel de S. Paio.

Li-o d'um folego e gostei tanto que repeti a leitura.

Está escripto em linguagem simples e verdadeira, como a idéa que elle com mestria advoga: os personagens succedem-se com a maior naturalidade.

Gostei disso, assim como das ultimas scenas em que o orgulho da Baroneza, a perfidia do conego Anatolio foram abatidas, e sobre tudo do desenlace e da serenidade de espirito á par de uma linguagem sempre sã e energica que o padre Paulo conserva em toda essa alternativa.

Agradeço de coração a offerta do drama em nome da redacção,

Consta dos jornaes que está marcado para hoje a partida do club familiar.

A que teve lugar no mez passado está acima dos maiores elogios.

Não descrevo porque Niger já o fez.

Não tenho a honra de conhecê-lo, mas creio que é individuo que não dança e nem conversa, que está exclusivamente á reparar em todos e á fiscalisar tudo; elle sabe, por exemplo, quem «estava contente quem estava triste, que as moças bonitas riam, que as feias faziam caretas, que as velhas chupavam sua pitadinha as escondidas, que o povo do volta-rete estava serio como bonzo, e até (mirabile dictu!) sabe quem cospe no chão!»

Es um prodigio, Niger. — Tens por força o dom da ubiquidade!

Si me fosse dado conhecer-te de certo travariamos amisade.

Do Rio de Janeiro recebeu a redacção da «Revista» um pequeno jornal — «Recreio das moças», orgão do bello sexo —, e d'aqui da capital — o «jornal para todos, acompanhado duma interessante revista comica, lithographada e á proposito das cousas da actualidade.

A «Revista» agradece a ambas as redacções, deseja-lhes longos annos de existencia e accêta com prazer a troca.

Portugal ainda vive, e viverá!

Si não fosse immortal, pelos homens de letras, que tem produzido desde Camões até as ultimas celebridades dos nossos dias, sel-o-hia agora nas artes, representadas pelos ocarinistas, que nos honram com sua presença.

Fizeram elles a sua estrêa no Theatro, na no ita de 9 e o effeito foi maravilhoso, divino, se quizerem.

O velho «S. Luiz» parecia á cada momento vir a baixo, tantas eram as palmas que partiam de todos os lados, prova evidente de que os maranhenses sabem apreciar o verdadeiro merito; e se supportam, as vezes, o charlatanismo, não é por ignorancia, mas por complacencia.

Dizem por ahi que o sr. Penante reúne-se com outros para patearem as jovens Eduviges e Mariquinhas Blas.

Eu nao posso crer que alem do mais o sr. Penante seja «egoista»!

Mas se for verdade o boato não será máo que algum dos seus amigos lhe diga ao ouvido: «hodia mihi, cras tibi.»

«Revista juvenil.» Este «periodico», qual estrella periodica, apparece e desaparece.

Eu, que ultimamente tenho feito um aturado estudo sobre as «estrellas», vejo que este phenomeno, felizmente, não pertence a alta astronomia.

Elle apparece e desaparece não é por falta de escriptos, pois, segundo Narcisa Amalia, «n'este paiz onde a intelligencia brota espontanea e opulenta como a luxuriante vegetação que cobre seu solo . . . » não faltam produções para um jornalinho do folego da Revista.

O que lhe falta, todos o advinham, é o apoio publico, o qual mais uma vez peço em seu favor, si o merecer.

Sem mais cerimonia

Aireper.

AVIZO.

De ordem do sr. presidente, Constantino da Costa Pereira, peço aos srs. socios o obsequio de satisfazerem o § 4 do art. 10 capitulo 3.º da lei que rege a nossa sociedade, afim de dar cumprimento ao § 2.º do art. 25 capitulo 6.º da mesma lei.

Thesouraria da sociedade litteraria União Juvenil em Maranhão, 14 de dezembro de 1876.

Domingos Pedro dos Santos
Thesoureiro.

Typ.—LIBERAL—Imp, por S. A. de Faria

REVISTA JUVENIL

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augebitur scientia.
Bacon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 reis por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO I

MARANHÃO—Segunda-feira 8 de janeiro de 1877.

NUMERO

3

REVISTA JUVENIL

Maranhão 8 de janeiro de 1877.

Entra a *Revista Juvenil* no seu segundo trimestre. Acaba pois o primeiro que lhe foi pouco prospero. Desde o berço sempre atormentada, vio pouco a pouco por sobre si negra nuvem se estender. Mudou então de proprietarios e redactores a *Revista Juvenil*, não porque aos primeiros faltassem habilitações para dirigil-a, pois então era dirigida por esperançosos talentos, redigida por delicadas pennas; alem de um ou outro que de fora vinha trazer suas joias, com que a *Revista Juvenil* vio esmaltada suas paginas.

Passando pois a *Revista Juvenil* á sociedade litteraria *União Juvenil*, de novo appareceu sempre porem encontrando no seu caminhar insuperaveis barreiras, que é qua: i sempre o commum sa emprezas litterarias.

Assim, só á perseverança e ao apoio que se dignou dispensar-lhe o illustra-

do publico deve a *Revista Juvenil* sua existencia.

Do seio mesmo dos estudantes o apoio que temos encontrado é decidido.

Sabemos que os fructos de nossos estudos, de nossas vigalias ainda estão bem longe de poder ser util ao publico; alenta-nos porem a certeza de que ao menos ajudamol-o na construcção do edificio da regeneração.

As nossas faculdades pouco desenvolvidas, as nossas luzes apoucadas são como o despertar de uma aurora e o nascer de um sol, porem que de logo envoltos com as densas nuvens da ignorancia, não podem ter o brilho que o futuro lhe promette.

Parece nos estar desde ja ouvindo os zoilos que nos dizem: Mancebos orgulhosos despi essa vaidade, pois se conheceis que vossas faculdades não estam bem desenvolvidas, que as vossas luzes não podem illuminar o publico como vindes ocupar sua attenção? Porque não esperar quando o possaes fazer?

teria mais escrupulos em enxertar a litteratura patria com «obras de carregação,» não fallo do drama.

Agora, sim, fallarei.

No prologo, com a epigrapha «Ao publico,» ou antes na veia da saude em que se sangram quasi todos os escriptores—diz o sr. Penante—«que sahio da escola apenas conjugando o verbo ser da grammatica portugueza. . . como quem diz: . . . e hoje prometto rir ao publico, durante muitas noites e ja escrevo paar o theatro.» (! !)

Não é furia.

Shakspeare, se Bouillet não falla, subio ao palco, começando muito mais modesto, e a final, depois de muito estudo e perseverança, tornou-se eximio actor e invejavel auctor dramatico.

Ja se vê que isso nao é novidade e está nas mãos do sr. Penante imital-o, o que de coração desejo.

Depois, continua o sr. Penante com um elogio muito elastico (si elle é da terra da borrachá!) aos portuguezes do Pará, a par de muitas censuras e insinuações aos seus comprovinciancs, a proposito de espirito de nacionalidade, no que elle pecca muito dando provas aqui de o querer insuflar entre nós, para tirar partido, o que felizmente, não conseguiu

Mas oh! Se nos aguardassemos quando as nossas produções fossem um prototypo de perfeição, ou quando dos nossos trabalhos nos emorrassemos, ficaríamos sem duvida nossas pennas inertes, jámais escrevermos uma pagina, jámais seriamos criptores.

E quem sabe se as poucas horas que hoje podemos dispor, amanha patria nol-as pedirá?

Bem poucos são os que se podem como Buffon encerrar no seu gabinete por cincoenta annos.

Assim pois, pedimos ao publico illumine no caminho que trilhamos aponte-nos os tropeços e conceda-nos seu braço protector para proseguir e chegarmos ao fim de nossa viagem. A patria vol-o pagará, o futuro bem o de vós.

União Juvenil.

No dia 31 do mez passado, houve na sociedade eleição para os funcio-

graças a indole dos habitantes d'uma e doutrinação.

Mais adiante dá uma formidavel «descalçada» nos jesuitas, e não sou eu quem os acuda.

Finalmente, conclue . . . garantindo a todos «está collocado n'uma posição e com nome bem tuado & c.

Alto lá! Ainda é cedo: nem tanto ao mar nem tanto á terra!

Estude ainda muito, e espere depois que out digam isso.

Não queira que lhe mudem o primeiro—n— seu nome em—d—.

Vamos, ao drama.

Não é original do sr. Penante o drama—«Abeng materna.

Visa elle dous fins, estribando se para ambos moral social.

Pelo primeiro, procura nivelar a sociedade, gando—á pelos laços da egualdade e fraternidade pondo por terra esses vetustos preconceitos, que apesar nosso, herdamos,—da nobreza contra a plebe e dos ricos contra os pobres.

Mas isso não é novo.

Quem se der ao trabalho de ler a Bruxa de Madri-

FOLHETIM.

Theatro.

O prometido é devido.

Empenhei a minha palavra para dar um juizo franco sobre o drama do sr. Penante, e vou cumprir-a.

Desejava que elle ainda estivesse aqui, não para amolar o publico, mas para ler o meu parecer, e para nao dizer, talvez, que lhe rezei pelas costas.

Mas onde elle estiver nade lel-o.

A litteratura dramatica no Brazil, ainda no berço, si assim posso dizer,—reclama cultores assiduos, pennas robustas e infatigaveis.

Si Macedo e Alencar escrevessem mais para o theatro—ella estaria adiantadissima, porque Franklin Tavora, Rangel de S. Paio e tantos vultos os acompanhariam e moços de talento como Azevedo Britto teriam! mais incentivo, ao passo que o auctor do «Casamento e mortalha no céu se talha,» não teria a sem cerimonia de, no seculo 19, vir ca nos pregar o seu fatalismo, e o sr. Lima Penante

do seu segundo semestre, e obtinham votos para:
 Presidente honorario.
 Dr. Antonio de Almeida Oliveira (reelido).
 Presidente effectivo.

Constantino da Costa Pereira. (reelido).
 sr. Constantino, porém, deixando Almeida da presidencia, ao 1º secretario o sr. Plinio Lima. Foi occupar um lugar nas bancadas e de lá pedindo a palavra, resignou o lugar que pela segunda vez os seus collegas lhe confiaram, dando como unica razão a sua proposita partida para Pernambuco, pelo que foi attendido; e como a mais eloquente manifestação de apreço foi em seguida proposto e unanimemente accedido socio honorario, em vez de socio respondente, em attenção á serviços que tem prestado á sociedade e a este jornal, que ella sustenta.
 procedendo-se então nova eleição obtiveram votos para:

- Presidente effectivo.
- Benedicto Pereira Leite.
- Vice-presidente.
- Luiz Venancio Jansen Vieira de Mello.
- 1º secretario.
- Jose Tavares da Silva.
- 2º dito.
- José Lourenço de Moraes e Silva.
- Orador.
- Plinio F. Mozart de Souza Lima.
- Thesoureiro.
- Joaquim Antonio F. da Silva.
- Commissão fiscal.
- Plantilo José H. de Souza Lima.

Domingos Pedro dos Santos.
 João M. M. Bastos.
 Commissão de redacção.
 Domingos Francisco Leite junior.
 Guilherme Tell da Purificação.
 Deoclecio Joaquim Lemos.

Supplentes de secretario.
 João Luiz Pereira Brandão filho.
 Albano Torres Homem de Souza Lima.
 Foi marcado o dia 6 do corrente para ter lugar a sessão solemne de posse dos novos eleitos.

J. C. (sem ser Jesus Christo).

A este sr. (cujo nome não ligo á pessoa) devo resposta d'um artigo que fez publicar no Paiz n. 185 de 8 de novembro do anno p. passado, protestando contra o que eu disse a respeito do dr. Almeida Oliveira nas *rabiscas* do n. 3 da *Revista Juvenil*.

Não a dei logo não só porque tenho andado muito occupado com os meus estudos, como tambem porque o sr. Albano Lima, bibliothecario que foi da bibliotheca popular maranhense desde a sua criação e que hoje accumula com esse o cargo de director, auctoridade mais que competente, veio espontaneamente a meu auxilio e justificou-me plenamente.

Quando eu disse que ao dr. Almeida Oliveira se devia a criação da bibliotheca popular, disse uma verdade, e se esqueci o nome de seu digno companheiro o sr. Ennes—foi por ignorar; mas hoje que ja estou a par da historia da quella instituição, sinto bastante não ter unido ao nome do dr. Almeida Oliveira o do sr. Ennes.

Isto de imitação é hoje geral: nihil novum sub sole. Não dizem que Laurindo Rabello, repentista brasileiro—é um reflexo de Bocage?

Que Castro Alves não é mais do que reproductor de Victor Hugo?

Que Carlos Ferreira é parodista de Guerra Junqueiro?

Isto quanto a idéa e o estylo. Quanto ao jogo das phrazes não dizem que Corneille quando escreveu: «A vaincre sans peril on triomphe sans gloire»—imitou a Scudery, por que escreveu: «Et vaincre sans peril sarait vainere sans glorie»?

Porto Alegre plagiaria no seu «Colombo o Tanto era bella no seu rosto a morte, do poema Uruguay de José Bazilio, porque disse: Tanto era bella no seu rosto a magoa»?

E José Bazilio teria por sua vez plagiado de Petrarca: «Morte bella parla nel sno bel viso»?

Si o sr. Penante me fizesse estas perguntas, á imitação do folhetinista da Reforma, eu não sei mesmo o que havia de lhe responder; mas sempre lhe aconselharia, como admirador de sua intelligencia, que nao os «imitasse» por seu «turno» que antes procurasse crear, que fosse original, principalmente porque diz tão aberta e publica

Fica desde ja reparada aquella falta. Mas o sr. J. C. foi injusto, perdõe que lhe diga isto, pois querendo reparar o meu innocente engano—nega que o dr. Almeida Oliveira tivesse tido a idéa da criação da bibliotheca, quando o proprio sr. Ennes, em seu discurso da inauguração—é o primeiro á confessar.

Diz o sr. J. C. A idéa da criação pertence ao sr. Ennes. Da parte do sr. dr. Almeida Oliveira, houve, é exacto, muito apoio e participação....»

E o sr. Ennes diz no citado discurso «vivia pois embebido nessas idéas de criação e de propaganda, quando, ha perto de dous annos, ercontrei no dr. A. Oliveira um companheiro dedicado que de longa data, *tambem incubava as mesmas idéas*: de nossa identidade de vistas e cohesão de principios, *nascu naturalmente nossa união* (o grifo é meu) porisso aqui nos vedes trabalhando pela bibliotheca....»

Ja vê, por tanto, o sr. J. C. que a idéa partio de ambos, e que ambos foram os creadores. Isso quanto á criação agora quanto a continuação e sustentaculo—deve-se principalmente ao sr. dr. A. Oliveira, se o sr. J. C. não mandar o contrario.

Entre parenthesis; eu não quero desputar glorias de ninguem, e nem tão pouco sustentar polemicas, pois ja não são poucas as que amolam a paciencia do publico, nestes ultimos tempos.

Creio ter feito a reparação que o sr. J. C. desejava, e espero que por sua vez faça o mesmo, visto como no seu artigo deu ao sr. dr. A. Oliveira o papel de satelitedo sr. Ennes, o que é grande injustiça.

Feito isso, haja paz entre nós.
Aireper.

mente que «esta collocado n'uma posição é com um nome bem firmado, cuja reputação foi adquirida com o trabalho honesto, arduo e perseverante, sempre na estrada do bem.

Em summa.
 O drama—A benção materna do sr. Penante, é assim.... assim; não é peixe, nem tambem é carne.

Para quem sahio da aula de portuguez conjugando o verbo ser.... é muito; mas para quem ja hoje tem uma posição é nomes feitos.... é pouco.

Sinto, não só pela pressa, como por causa dos exames geraes, não poder dar um juizo mais minucioso sobre o drama, e concluo pedindo ao sr. Penante, que aceite este conselho:

Encorpore-se a alguma companhia, onde possa entrar no seu «elemento» ou então só represente o que nao for de sua lavra; estude muito e procure apossar-se melhor dos papeis que representar.

O palco é vasto, e d'alli ao Pantheon vai só um passo!

Eu ainda desejo ter occasião de despensar-lhe palavras mais lisongeiras e mostrar-lhe que sympathizo com todo o artista estudioso e incansavel.

Au revoir.
Aireper.

Que cynismo ! !

No espectáculo da noite de 31 de dezembro, em que teve lugar o beneficio da joven Eduwiges, entre as poezias e discursos pronunciados pelos seus partidarios, causou grande admiração pela pureza do estylo e pelos arrobos do enthusyismo uma que foi recitada e distribuida por um jovem, que n'essa occasião mereceu todos os applausos do publico, os quaes agora se converterão em apupadas, que talvez o expillão do vasto campo em que entrara com grandes esperanças de um futuro brilhante, caminhando com a fronte altiva em busca de um renome que o levasse a posteridade.

Infelizmente, porém, as suas aspirações forão malogradas; em vez de deixar o nome immortalizado na memoria dos seus vindouros, deixou a-ha talvez servindo de alvo ao sarcasmo de todos.

Passados já alguns dias veio-nos as mãos um avulso d'aquella poesia, de que se proclama auctor, o sr. João de Carvalho. Levados pelas más informações que nos derão desse sr.; julgamos impossivel que fosse elle o auctor dessa poesia, que não obstante algumas irregularidades, revela entretanto grande talento poetico.

Aprazia-nos muito a leitura dessa bella poesia, porem alguns pontos d'ella fizeram-nos desconfiar de já o havermos lido em alguma obra. Deitamos abaixo os livros da nossa pequena bibliotheca, folhiamos todos os poetas, e a final encontramos na 2.ª edicção, de um livro de poezias de Pinheiro Caldas, á pagina 49, a poesia do nobre mancebo. Julgamos a principio que o novo poeta tivesse parodiado o bardo portuguez, mas depois de confrontar ambas deparamos com o maior roubo que se pode fazer neste genero. Para satisfazer os leitores mandaremos publical-a no Patz, por nos faltar espço neste jornal.

Constantino

Assim como o branco representa a innocencia, o vermelho a guerra, o verde a esperanza, assim Mariquinhas Blas representa, personifica, idealisa a classe *estudantil* !

Cousa extraordinaria ! Recitei uma poesia no dia do seu beneficio—não tinha tenção de publical-a: cedendo porem á alguns pedidos, e mesmo attendendo a certas conveniencias, eu que não o quiz, agora peço que o faça.

Teu amigo.

M.

Poesia gravada no Album da artista Mariquinhas Blas, e recitada pelo autor no dia do seu beneficio)

Go forth—like sun in his might;
Go forth !—like the dawning of day:

Anonymo.

Ante a belleza que se ostenta altiva,
Quem não se sente transportado aos céos
Ante o talento d'essa eximia artista,
Quem reverente não se curva, Deos ? .

Só quem não sabe apreciar o merito,
Quem não tem fluido que lhe impole as veias !
Só quem não sente lhe pulsar as fibras
Brotar o sangue das arterias cheias !

—Quem não transpõe do pensamento os Alpes,
Quem não tem fogo mas só medo e morte
Quem não se solta da razão nas azas,
Mas vaga a ésmo, qual Mazeppa forte !

—Quem não se alça, qual a aguia altiva,
Sobre ás escarpas do Sinai, Thabor !
Salvando pelagos, salvando paramos,
Salvando os Andes, qual gentil condor !

Artista insigne que qual astro-fulgido
Celere te elevas sobre as altas cristas !
Alem... um céu de azulados plainos !
Aqui... que quadro de encantadas vistas !

Em vasta arena, n'um procenio immenso
Tocando quasi do Apogeo os forros,
Vejo teu nome percorrendo alipide,
Transpondo audaz do infinito os morros !

Vejo um laurel angelical, aurifero,
Cengir-te a fronte.—uma corôa d'ouro !
Tão bem divisó que da Terra as penhas,
Salvas-te emula, conquistaste louros !

Radiante Délia que percorre o espaço
Com o alear altivo do condor dos Andes
En te saudo,—saudação merece
Talento em mares, em porções tão grandes !

Dezembro—76.

M.

Factos e boatos.

Mais um anno escuou-se na grande ampulheta do seculo em que vivemos.

O velho 1876—já pertence ao passado ! Entoemos-lhe o de profundis e saudemos com enthusyismo o anno novo ! Elles o merecem, si não de todos, ao menos dos *rabiscadores* de jornal

Que de acontecimentos importantes não se deram nos ultimos *arrancos* do finado ?

Quantos e quão variados continuam a dar-se nos primeiros *vagidos* do recém-nascido !

Si me sobrasse tempo

No dia 31, alem de muitas cousas, que não vi, mas de que faço idéa, houve eleição na União Juvenil, reunião no club, grande funcção no circo, bailes soirés, chinfrins, bate chinellos, e o diabo a quatro !

E è o que nos valle, si não quando menos se esperasse, morriamos *incipiendos* !

Estive no club e fui ao circo.
Parece incrível, mas è factio.

O jornalista, faz desses milagres; deve ter por força o dom da obiquidade, deve estar em toda a parte: no céu (ao menos *in mente*;) na terra (podera não !) em todo lugar, onde se chame ou não se chame por elle !

No club nada de novo: as mesmas caras e tudo o mesmo.

No circo... oh no circo! cessa tudo ! O beneficio da joven Eduwiges, no dia 31 de dezembro, foi o acontecimento mais notavel, nas ultimas vascas do moribundo anno de 1876.

Constitue talvez o capitulo o mais interessante de sua necrologia.

Foi o epilogo d'un grande discurso. Foi nesse memoravel dia que teve lugar o deslanço da mais original comedia filha de um louco capricho, e na qual foram personagens—caixeiros, estudantes, artistas, empregados publicos, moços e velhos, ricos e pobres, pretos e brancos, gente de todas as classes e condições e de ambos os sexos !

Nunca vi tanto furor, nem tantas perrolas desperdiçadas.

Houve presentes a dar com um pau, palmas a ensurdecer e no meio d'un berreiro diabolico, parecia o circo uma verdadeira casa de Eufates.

Não se pode mesmo saber qual dos dous partidos levaria a palma.

Uns dizem que foi o dos sulistas, outros que foi o dos nortistas.

Entenda-os lá !

De tudo, porem, que do lado nortista se offereceu o que mais impressão causou-me foram—os *bastos* boquets de candidas rozas, com as hastes ligadas por delicadissima *corrêa* (patriotismo no caso !) e conservadas em *pires* (por falta de jarros proprios) cheios d'agua de cristalinas fontes !

Eram lindos os taes boquets ! Symbolisavam a «firmeza» e jamais serão *polluidos* !

Do lado sulista houve sempre muita união e enthusyismo; tivemos apenas um transfuga, na pessoa de um cascalho quasi chronico, rapaz anemico e com pretensões á poeta !

E' um typo na extensão da palavra, e de mais á mais plagiador !

Recitou uma poesia bonita, sim, mas filada de Pinheiro Caldas, com a maior *sans façon* !

Que typo cynico !

Post tanta... tantosque ia se foi o sr. Penante, desoccopando o palco do *carunchoso* «S. Luiz.»

Após o sr. Penante, seguiram os occarinistas de gratas recordações.

No ultimo concerto que deram aquelles eximios professores—tomaram parte dous illustres amadores, nossos patricios.

Era um quadro bonito !—Via-se em scenação bellos talentos a tirar com mestria sous tão maviosos de seus instrumentos !

1 Mas, não, ha quadro sem sombra.
2 Veio a scena o sr. Gaudencio e zas...
3 arrou a pintura.

4 Custou lhe caro, mas que importa!
5 A immortalidade valle tudo e o homem
6 nas suas scenas comicas já toca a cele-
7 bridade.

8 Continua a trabalhar no nosso velho
9 theatro a companhia—Vicente.—

10 Está com um bonito e intelligente
11 pessoal, dizem que tem um variadissi-
12 mo e importante repertorio.

13 Dos 3 dramas que já subiram a scena.
14 fallarei agora somente do penultimo—
15 Forca por forca.—

16 N'elle se agita uma importante ques-
17 tão juridica, em cujo desenlace vê-se
18 Manoel, juiz, sentenciado á forca, seu
19 irmão, Ruten, assassino do conde d'As-
20 feld, cuja morte foi antes attribuida á
21 Buttler, que innocente subira a forca.

22 Na actualidade é inverosimil seme-
23 lhante rasgo de abnegação pela jus-
24 ça.

25 Já lá se foram os tempos dos Brutos
26 e dos Catões; estamos h je em pleno
27 dia dos Matheus e do pequi!

28 Pondo, porem, de parte a inverosi-
29 milhança e a força do magnetismo
30 do dr. Goulden, gostei summamente
31 do drama e do seu desempenho.

32 O papel de Manoel, coube ao illus-
33 trar sr. Bahia, cuja presença em scena—
34 é bastante para animar a acção. Tudo
35 que se disser d'elle é pouco: sua repu-
36 tação está feita e reconhecida.

37 O sr. Eugenio de Magalhães si nos
38 dos primeiros dramas trabalhou soff-
39 rivelmente, neste ultimo esteve in-
40 comparavel.

41 Coube lhe o papel de Ruten, verda-
42 dadeiro cynico, e si o auctor do drama
43 bem ideou, melhor elle o comprehen-
44 deu.

45 Entraria elle no seu elemento?

46 Talvez; mas o certo é que o sr. Eu-
47 genio é artista de muito merito, e mais
48 digno se toria da admiração geral pela
49 sua pouca idade e tirocinio n'arte, em
50 que mostra tão decidida vocação.

51 Avante!

52 O sr. Santos... parabens, sr. Santos!

53 O papel de Goulden, medico, foi
54 desempenhado por este artista, que
55 mostrou progressos admiraveis.

56 Gostei de vel-o e onvil-o; mas aqui
57 para nós,—a sua vocação está torcida!

58 O sr. Santos, nasceu para doutor em
59 medicina!

60 E a joven que fez lá um dos papeis
61 de estudante?

62 Fez a sua estréa bem espivitadinha,
63 benza a Deus!

64 O sr. Camara esteve como sempre
65 impagavel.

66 No papel do judeu Valdeck—é hu-
67 manamente impossivel fazer se mel-
68 hor.

69 Até a cortezia que fazia o sr. camara
70 quando entrava ou sahia de scena—era
71 «elastica» derotando n'isso a elasti-
72 cidade da consciencia d'um judeu uzu-
73 rario.

74 Em summa, —a companhia—Vicente—
75 agrada ao mais exigente expecta-
76 dor.

77 E' pena achar-se adoentada a d. Ma-
78 noela, verdadeiro ornamento da com-
79 panhia, e o pandego do Vicente—estar
80 tão agarrado ao Pará.

81 O auctor da poesia do 4.º n, deste
82 jornal chama a attenção do illustre
83 collega da «Pacotilha» do «Jornal» para
84 tod os para a errata que sobre a mesma
85 poesia faz publicar neste numero.

86 Agradece ao collega a ironia com que
87 qualificou o pensamento da poesia; mas
88 pede-lhe que seja mais indulgente na
89 sua critica n'aquillo que a primeira
90 vista ve-se que é erro de typographia.

91 Cá e lá más fadas há.

92 No «Jornal para todos» tambem tem
93 erros bem graves, especialmente no nu-
94 mero em que procura redicularisar a
95 poesia; mas elle não os aponta porque
96 acha que devem ser relevados, alem de
97 que não deseja, mesmo provocado no
98 seu amor proprio,—procurar hostilida-
99 de entre dous jornaes, que vão indo
100 tão bem.

101 Si o collega, ler de novo a poesia,—
102 verá que, sendo o ultimo verso repeti-
103 ção do primeiro, em lugar de reduzir,
104 devia ser seduz!

105 A Revista vai entrar em novo tri-
106 mestre:

107 A sociedade está prompta a restituir
108 aos assignantes que reclamarem, assim
109 como dispensa aos que devem assigna-
110 tura.

111 O seu fim é regularisar o novo tri-
112 mestre.

113 A poesia do collega—O infeliz—fica
114 para o outro numero.

115 Console-se com mais esta infelicidade.

116 Está um caso em que a gente deve
117 ser Thome por forca:—ver para crer.

118 Mr. Herman Unthan, celebre pheno-
119 meno, que trabalha presentemente no
120 Pará e que tem feito meio mundo ficar
121 boquiaberto—, desprovido dos braços,
122 faz, contudo, cousas do arco da velha
123 com os pes: abre garrafa, serve-se a si
124 e a seus convivas, tira charuto do bol-
125 so e offerece, accende phosphoro, escre-
126 ve de modo intelligivel, toca violino
127 com summa perfeição e afinal... aperta
128 a mão de muita gente boa com o pé!

129 Breve o veremos.

130 O pobre Maranhão não desmente a
131 fama!

132 Por não quererem mais continuar

133 fecharam os directores do collegio da
134 Inmaculada Conceição, o seu estabe-
135 lecimento!

136 Pedio e obteve demissão do lugar que
137 dignamente occupava na repartição do
138 correio, o meu illustre amigo José Ri-
139 beiro do Amaral, afim de dedicar-se ex-
140 clusivamente ao curso de ensino mutuo,
141 que acaba de abrir á concorrência pu-
142 blica, auxiliada por sua exma. esposa, á
143 rua dos afogados n. 35.

144 O sr. Amaral foi meu collega no Se-
145 minario das Mercês, onde fez com muita
146 vantagem o seu curso de humanidades,
147 mostrando sempre muita tendencia
148 para o ensino.

149 E, realmente, quem boje no Mara-
150 nhão abre um collegio; pedindo demis-
151 são d'um emprego certo, mostra, além
152 de desinteresse pecuniario muita voca-
153 ção para o ensino.

154 Merece pois o apoio dos srs. paes da
155 familia.

156 Depois de muito soffrer despertou a
157 pobre classe dos professores, digua de
158 melhor sorte, e pela imprensa chama a
159 attenção de s. exc. o sr. dr. Benevides,
160 para o abandono e miseria em que os
161 seus collegas de administração a tem
162 reduzido.

163 Recommendo aos leitores da Revista
164 o luminoso discurso do talentoso pro-
165 fessor o sr. Anto Pereira, impresso no
166 «Diaio» n. 1026 de 5 do corrente.

167 Sabbado teve lugar o espectaculo em
168 beneficio do eximio artista mexicano sr.
169 Carillo, por não ter tido concorrência
170 que elle annunciou no mez passado.

171 São cousas deste mundo: quem mais
172 faz, menos merece.

173 No mesmo dia, pela manhã fez a
174 companhia uma passeiata carnavalesca
175 pelas ruas da cidade, e tivemos de ver
176 as estrellas brilharem em pleno dia!

177 Hontemhouve espectaculo no S. Luiz,
178 subindo a scena o drama *Soberba* do sr.
179 dr. Vilella, e a interessante comedia o
180 *o diabo atraz da porta*.

181 O dr. Vilella pode limpar a mão a
182 parede!

183 O seu drama não tem pé nem cabeça:
184 é um aleijão na litteratura dramatica.

185 Si não fosse a vida que lhe deu o
186 Bahia... si os mais artistas não se es-
187 forçassem para salvar a fama da com-
188 panhia... não sei mesmo o que pode-
189 ria haver!

190 Com vagar fallarei d'isso.

191 Au retourner.

192 *Aireper*

193 Typ.—LIBERAL—Imp, por S. A. de Faria.

REVISTA JUVENIL.

JORNAL LITTERARIO CRITICO E NOTICIOSO

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augebitur scientia.

BACON.

Publica-se 3 vezes por mez.—Assignaturas adiantadas.—2\$000 rs. por trimestre,—Numero avulso 300 rs.

ANNO I.

Maranhão,—Domingo, 28 de Janeiro de 1877.

NUMERO 6

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO, 28 DE JANEIRO DE 1877

Apontamentos litterarios.

O ENSINO.

«Ha erros, como doenças hereditarias, que lavrão e se propagação por muitas e innumeraveis gerações.»

M. de Maricá

Os vetustos castellos da educação antiga já ha muito desmoronaram, e sobre suas ruinas ergueo-se altaneiro o edificio da civilisação moderna. *

Com o perpassar dos seculos, com o rapido volver dos tempos—os ferreos prejuisos, os rudes preconceitos, bem como os habitos inveterados—foram pouco e pouco sendo cortados.

Foi então que a mocidade, sacudindo de si os grillhões que tyrannicamente estreitavam-na,—vio proclamada sua autonomia intellectual.

A ferula, labêo da velha antiguidade, verdugo da mocidade de então,—teve de recuar deante do estímulo dos sãos conselhos, da branda admoestação e do premio ao merito.

Do terror que ella então causava, resta apenas uma execranda memoria.

O *magister dixit*—que, embotando o espirito do alumno, o empedia de desprender o vôo para o mundo das investigações,—está completamente abolido pelo methodo actual de ensino.

Hoje, graças a esses grandes motores do progresso, podemos ver as cousas por outro prisma.

A mocidade entusiasta já olha sobranceira para o horisonte das letras, e diz com fê: «Alem me aguarda um bello porvir!»

Si prosegue com passo firme, tem certesa de levar seu voto á urna do progresso, em prol da posteridade.

Os estabelecimentos de instrucção estão abertos e n'elles tem ingresso ricos e pobres, nobres e plebeos.

A capacidade e conducta de cada um por sua vez os distinguirá.

Entretanto, apesar de todas essas re-

*) Restringo-me a civilisação no ponto de vista litterario, fallo de ensino.

formas, ainda se simplifica o estudante, que fez exame tão bom como os seus companheiros de turma—pelo *simples* factó de escrever para jornal e de procurar instrucção mais ampla.

Parece incrível, mas o factó deu-se como para comprovar a maxima do velho Marquez!

O espirito que dictou a lei da reforma de instrucção superior, com relação aos exames geraes nas provincias, estava longe de pensar que em taes exames haviam de dar-se muitos abusos, a par dos beneficios que havia de gosar a mocidade.

Pois bem; tudo isso tem havido.

Graças a essa lei—seguem agora para os cursos superiores do imperio alguns rapazes, que aqui concluíram o seu curso de preparatorios com muita vantagem, mas tambem ficam muitos. que (victimas de seu temperamento e não tendo a seu auxilio aquella condescendencia que outros mais *afortnados* gosam em idênticas circumstancias) talvez não concluíam no fim do corrente anno os seus preparatorios.

To be or not to be.

Ou rigor para todos ou condescendencia sem distincção.

Aireper

A voz.

Napoleão III em cujas veias corria ainda o sangue do grande Napoleão, conscio do respeito que lhe prestava a Europa, suppunha tel-a sob seu jugo, e então só tratava de segurar e consolidar aquellê throno que lhe não foi dado pela Nação, embora sacrificando a liberdade dos francezes de quem tinha ainda as mãos tintas de sangue. E quando elle pensava que sob sua palavra todos os povos se haviam de curvar, a Prussia altiva abrelhe aos pés a fossa que havia de envolver a França abatida e exausta, e fal-o curvar-se humilde em Sedan.

Aquelle homem gasto pelo brilho do ouro, pela sede do poder, com suas proprias mãos occultava o punhal que havia de ferir o coração da França.

A purpura que a custo do suor e do sangue do povo, Napoleão carregava, menospresando esse povo, restringido a esphera de sua liberdade centralizando

o poder, esquecendo os seus deveres para com a Nação, transformou-se em sangue, que foi humedecer os pés dos francezes e mais tarde nas prizões dos allemães banhar o coração e confundir-se com as legrimas de Thiers e Favre.

Esse Thier, e esse Favre que empregaram em favor da patria despotizada e aniquilada heroicos esforços para salva-la, tiveram no emtanto de solver a amarga taça que a Prussia lhe fez levar aos labios, tiveram de ver alteradas as possessões da França pelo direito de conquista que sobre ella exerceo a Prussia, tirando-lhe Alçacia e parte de Lorena, e impondo-lhe mais o pesado imposto de cinco milhões de francos.

E Mirabeau que não morreu por que o genio não morre, em Paris foi assistir mais um golpe que a realeza dava na França, mais um throno que se espedaçava.

Assim é que pela realesa é tratada a liberdade, que occulta nas trevas vê de suas veias correr o sangue para alimentar e sustentar os suberanos prepotentes e irresponsaveis. Basta. Por diante das corôas e dos thronos deve correr-se um véo, transportal-os para os Muzeos, quando se os não queira espedaçar; e levantar a humanidade abatida e humilhada aos pés de poucos.

Quasi toda a America já está livre desse braço oppressor. Só falta ao Brazil romper os diques que o encerra no Rio de Janeiro e cumprir a missão que lhe determina o destino

Porem para isto é preciso que se opere não uma revolução de sangue, mas, uma revolução de pensamento.

Sêjam as armas, não o canhão e a espada, porem, o livro e a pena.

Zarrod.

O artista E. de Magalhães.

As linhas que vão ser aqui traçadas não se resentem de bajulação estulta nem de qualquer apreciação movida pelo entusiasmo dos que costumão ver grandes cousas onde não existe as vezes mais que mediocridades. O que lê-se aqui são palavras francas e desinteressadas; e d'ahi todo o merito deste escripto.

Snas soin du lendemain, sans regret de la veille
L'enfant joue et s'endort, pour jouer se reveille.
Delile

Vede-lhe a frente, onde transborda o genio!
Soletrei-lhe as feições, buscai-lhe o nome!
É—Edwviges immortal, ingenho raro,
Vulto grande, potente e magestoso
Que seu throno firmou por sobre o Maranhão!
Vêde-a na arena, a onde ufana impera,
Ostentando os trophéos da sua gloria,
Arrastando os seus mantos de grandeza,
Empunhando o seu sceptro de—Rainha.

Oh Edwviges immortal! Oh genio raro!
O throno augusto, onde se erguera o mundo
Nos fervidos transportes do delirio,
Não é throno de reis, embora fulgido,
É mais; vale bem mais teu longo imperio;
Deslumbra, colossal, teu regio solio, . . .
Onde brilham as palmas verdejantes,
Que os povos, a teus pés, depõem extaticos!..
É mais: vale bem mais teu longo imperio;
Deslumbra, colossal, teu regio solio,
Paraiso immortal das tuas glorias,
Elevado em tropheos, ao céu das artes.

Meteoro de luz! Astro brilhante!
Não olvides jamais aureos triumphos,
Que o povo Nortista de sagrou, ebrio de goso!
Não deixes uma só de tantas coróas,
Não esqueças um só de tantos bravos,
Não percas uma só de tantas flores! . . .
No livro da tua alma guarda, impressas.
Saudades destas noutes delirantes! . . .

Quem mais te engrandeceu, quem mais podia
Doarte um coração rico d' affectos? . . .

Edwviges! Vaes partir! É doloroso
O instante fatal em que nos deixas.
Nesse «deos» que nos dás, no que te damos,
D'envolta ao coração, nos foge a alma . . .
E só pode expressar tão mago affecto
A palavra gentil, tão portugueza
De tão doce expressão, qual e,—Saudade—
Maranhão,—31—12—76.

Os Nortistas.

Vejamos agora a de Pinheiro Caldas:

A' EXIMIA TRAGICA ADELAIDE RISTORI,
MARQUEZA DEL GRILLO.

Vêde-lhe a frente, onde transborda o genio!
Soletrei-lhe as feições . . . buscaillhe o nome!
E' Ristori immortal, ingenho raro,
Vulto grande, potente e magestoso,
Que seu throno firmou por sobre a Europa!
Vêde-a no palco, aonde ufana impera,
Ostentando os trophéos da sua gloria,
Arrastando os seus mantos de grandeza,
Empunhando o seu sceptro de Rainha!

Nesta epocha parecerá a alguém fóra de proposito as manifestações que se podem fazer aos merecimentos de uma pessoa com quem se tem um conhecimento quasi que apenas de vista, por que um habito máo entre nós força-nos a dizer bem tão somente das pessoas que nos são caras ou que podem nos servir em nossos interesses presentes ou futuros. Pois quem escreve estas linhas tem opinião diferente e é por isso mesmo que as escreve.

O sr. E. de Magalhães é o primeiro galan da companhia—Vicente.— É moço ainda o sr. Eugenio, mas tem a reputação de artista em alto grau e não lhe devem faltar razões para sonhar um brilhantissimo futuro.

É a primeira vez que o sr. Eugenio apparece entre nós e poucas vezes tem representado em nosso theatro, mas estas mesmas são bastantes para dar uma prova do seu grande talento e gosto artistico.

No ultimo espectáculo que teve lugar no dia 14 do corrente foi a scena «A Filha do Lavrador» de A. Bourgois.

Não nos occuparemos á analysar a força do drama nem os outros actores que tomaram parte na representação d'elle e que o publico mais ou menos conhece. Trataremos somente do sr. E. de Magalhães, á quem coube o papel de André.

O sr. Eugenio foi-se no primeiro acto com summa habilidade e em todos os mais tambem andou muito bem.

Pode alguém notar como defeito o quasi insensível falseamento do sr. Eugenio nos lances apaixonados do mello-drama, mas nós o apreciamos ainda por isso; mostra que tem gosto mais pronunciado para o theatro moderno. Por isso é que o sr. Eugenio fez o seu papel no primeiro acto á mais não desejar-se.

Não se vá pensar que elle esquece o dever de artista estudioso; não, elle esteve correcto em todos os actos; não se lhe notava a menor distracção e estava inteiramente senhor do papel.

O sr. Eugenio tem disposições para um artista de merito elevadissimo. Animo, pois! O futuro que o talento lhe aponta é brilhante.

Não desconhecemos que os transes porque passam geralmente os artistas, principalmente nos lugares onde grassam muitos preconceitos que seriam para combater-se com energia, se não fossem irrisorios, sam amargos; conhecemos até de sobra muitissimos exemplos. Mas o que ha á temer quando o artista tem consciencia do seu merito, da sua delicadesa e dos seus principios de moral? Os homens distinguem-se uns dos outros pela intelligencia e pela moral. Deante do homem intelligente passa-se respeitoso, do sabio com o chapéo á mão, e do sabio e probó curvando-se instinctivamente. O homem, sabio

e probó, preenche o aperfeiçoamento relativo que a natureza lhe destinou.

Se ainda hoje vê-se um artista sujeito aos citados preconceitos irrisorios, não é por culpa delle nem dos que apreciam o seu talento. A culpa é do tempo, somente do tempo!

Mas o artista que tem em si todos os predicados de talentoso e de homem de bem não deve tremer nunca perante qualquer vexação. Com a sua frente levantada sem altivez, modestamente, e o seu olhar calmo, e o semblante sereno, deve esperar com energia todos os obstaculos que lhe quizerem antepor á carreira. Não deve curvar a frente nem desanimar.

O sr. Eugenio do Magalhães é ornado de um bonito talento e possui aquella fina delicadesa de trato e maneiras affectuosas que inspiram sympathia. Falta lhe algum predicado de verdadeiro artista e de moço distincto? Estamos que não.

O sr. E. de Magalhães pode estar certo de que estas palavras sam ditas de coração e por quem aprecia-o francamente e por quem tem o orgulho da pureza e desinteresse dos seus pensamentos.

O sr. E. de Magalhães receba ainda por mim os protestos de respeito á seu talento que lhe tributam muitos moços que ainda não sabem sinão galaroar com enthusiasmo o merito e detestar de coração a impostura. E com elles estamos certos de que pensa uma grande parte da sociedade Maranhense.

Maranhão, 16 de janeiro de 1877.

A critica.

A pedido.

No artigo—*Que cynismo!!*—do 5.º n.º deste jornal, promettemos mandar publicar no *Paiz* a poesia filada, que recitou o sr. João de Carvalho no beneficio da joven Edwviges, assim como a poesia de Pinheiro Caldas, d'onde elle filou.

Amigos d'elle e nossos pediram-nos que não fizéssemos tal; pois, sendo o *Paiz* um dos jornaes de maior circulação na provincia—era mais que provavel que chegasse aos olhos ou aos ouvidos do pae do sr. Carvalho—um crime tão feio praticado por este no mundo das letras; podia muito bem acontecer que como pae se zangasse a ponto de mandal-o chamar a roça, passar-lhe bôlos e retirál-o dos estudos.

Era pena, realmente!

A vista d'isso, resolvemos aguardar a sahida da Revista, e fazer n'ella a dita publicação, afim de ficar só entre nós e o . . . povo.

Antes, porem, de transcrever a poesia, cujo avulso pode ser visto, pedimos aos leitores da Revista que aconselhem ao joven Carvalho a não cair n'outra, e que lhe sirva isso de emenda!

La vai obra:

Filhos do genio, irmãos pelo talento,
Nobres de coração artistas d'alma,
Vós todos que sentis dentro do peito
A chamma ardente, que germina a gloria;
Vós todos, que sabeis o que diz «arte»
Palavra santa, de tão mago enlevo;
Vós todos, a quem liga o amor do bello,
Prestar-lhe adoração rendei-lhe culto!

Oh Ristori immortal! Oh genio raro!
O throno augusto onde te erguera o mundo
Nos servidos transportes de delirio,
Não é trono de reis, embora fulgido
—E' mais: vale bem mais teu longo imperio;
Deslumbra, colossal teu regio solio;
Onde brilham as palmas verdejantes
Que os povos a teus pés depoem, extaticos:
—É mais: vale bem mais teu longo imperio;
Deslumbra, colossal, teu regio solio,
Paraiso immortal das tuas glorias
Elevado em tropheos, no ceo das artes!

Meteoro de luz! Astro brilhante!
Não olvides jamais aureos triumphos,
Que o Porto te sagrou, ebrio de goso!
Não deixes uma só de tantas «c'roas,
Não esqueças um só de tantos «bravos»
Não percas uma só de tantas flores!..
No livro da tua alma guarda, impressas,
Saudades destas noites delirantes!..
Quem mais te engrandeceo, quem mais podia
Doar-te um coração rico d' affectos.

Oh Ristori immortal! Se acaso um dia,
Murchas, sêccas, mirradas essas crôas,
Alguem t'as disputar, louco de inveja,
Se alguém t'as disputar, então, Rainha,
Levanta a frente e a voz, brada-lhe altiva:
«O Porto m'as sagrou... Eil-as! são minhas!
«O Porto m'as sagrou, hei de adoral-as!
«Sim o Porto, esse povo heroico e bravo,
«Da Lusitania a terra mais briosa
«Que ao proprio Portugal deu honra e nome!
«—Reliquias venerandas, sacrosantas,
«Meu goso eterno são, são meu consolo!
«Á memoria me trazem, suavissimas,
«Os louros de Camões, e as suas trevas,
«Os suspiros d'Ignez, e os seus amores,
«As glorias d'esse povo, e a sua historia,
«Minha historia tambem... e meus triumphos,

Ristori! Vaes partir! É doloroso,
O intante fatal em que nos deixas.
N'esse «adeos» que nos dás, no que te damos
D'envolta ao coração, nos foge a alma...
E só pôde expressar tão mago affecto
A palavra gentil tão portugueza,
De tão doce expressão, qual é «saudade»!
Fevereiro 23 de 1860.

No 3.º verso em que Caldas diz «É Ristori immortal» — o nobre poeta, fazendo applicação a sua partidaria diz «É Eduwiges immortal» (!)

O 5.º verso que Caldas formulou desta maneira: «Que seu throno firmou por sobre a Europa!» — o nosso poeta, calcando aos pés as regras d'arte, assassinou miseravelmente tão bella expressão substituindo-a pela seguinte que tornou o verso duro, metrificando erradamente: «Que seu throno fimou por sobre o Maranhão».

O poeta vendo-se apertado por achar-se no Maranhão e não no Porto, puchou de pé atraz pelas cordas da lyra, as quaes arrebatando atiraram o meu amigo na desgraça! (Seu mestre applique o pagé!)

Chegando ao 9º verso o nosso poeta por uma razão que ignoramos, dando um salto mortal, passou por cima de oito versos.

No verso 18 de Caldas em vez de «Oh Ristori immortal» o poetasinho escreveu «Oh Eduwiges immortal» deixando o negocio um pouco desconcertado.

Continua depois copiando *ipsis verbis* até o verso 32 de Caldas, que diz «Que o Porto te sagrou ebrio de goso»; mas que o nosso poeta transformou assim: Que o povo Nortista te sagrou ebrio de goso» (!)

Nova desgraça! Applique e tussa, seu mestre, que o moço está desgraçado!

Mas o que?!

—Porto ou povo Nortista n'um verso é quasi a mesma cousa. O rapaz é de esperança!

Fomos muito afoitos no que escrevemos. Não desanimes, ó João de Carvalho, a tua poesia differe um tanto da de Caldas.

Senão, vejamos:

Caldas na sua não uzou de epigraphé e tu, ó meu João de Carvalho, arranjuste uma bem bonitinha.

Mas oh que diabo! — É bonitinha, sim, mas foi a mesma que Caldas empregou em uma outra poesia sua — INOCENCIA — pag. 43. Gostas muito, ó João de Carvalho, do poeta Caldas, mas desta vez, ficaste escaldado, heim? Continuemos:

Caldas offereceu á eximia tragica Adelaide Ristori — Marqueza del Grillo, e o nobre João de Carvalho a Eduwiges Pinto de Almeida — Estrella do Norte.

(Aqui a differença não é muito grande.) (!)

Vejamos outra.

Caldas fez 62 versos e o amigo só quiz copiar 38.

A poesia de Caldas tem data de 23 de fevereiro de 1860, e a de João de 31 — 12 — 1876,

Por não ser necessario Caldas não assignou-se e o nobre poeta assignou-se — Os Nortistas —

Se ainda existe o *viuvo* partido nortista, pedimos-lhe que expulse de seu seio esse anchilostomo de poesias alheias, encarnado na pessoa do celeberrimo João de Carvalho.

Não devemos deixar impune semelhante attentado ás letras, e se elle con-

tinuar, pedimos ao sr. dr. Promotor Publico, que dê uma denuncia contra o pretenço poeta, afim de que as lettras sejam respeitadas e garantidos os direitos de propriedade.

O pagé.

A. M...

Um ramallete me deste
de duas flores formado,
acceitei; tenho-o em meu peito
de soffrer já mui cansado.

A roxa e linda *saudade*
que guardo no coração,
ateu dentro em meu peito,
os ardores da paixão.

A *sempre-viva* amarella,
me accorda magos desejos,
ora estreitarte em meus braços,
ora enviarte meus beijos.

Adorar pois essas flores
é meu primeiro cuidado,
apertal-as contra a dôr
de meu peito apaixonado.

P. L.

Ensaio.

Antonio José de Menezes era um jovem estudante do curso secundario, destinava-se a sciencia do *direito*. Moço distincto, de maneiras delicadas, muito modesto, trajava com decencia porem não com luxo. Era amigo inseparavel de Teophilo Campello.

Menezes occupava o dia com seus estudos, só a noite dava seu passeio, e então hia visitar Marilia, menina de 19 annos, filha de um empregado publico honrado; a qual tinha Menezes confiado seu coração. E era Marilia de cor morena, cabellos pretos, olhos grandes e pretos, tez fina e delicada, boca regular e dentes alvos, corpo bem delineado, estatura regular, enfim era um composto de perfeição. Menezes e Amelia tinham-se mutuamente jurado amor, e tam sómente um ao outro, amariam e trabalhariam afim de se poderem unir pelos santos laços do matrimonio.

Menezes tendo sido convidado para um baile, soube que Marilia tambem o fora. Assim desde logo formou o projecto de só dançar duas quadrilhas e uma walsa com Marilia; para que podesse por mais tempo encobrir o seu amor e não sacrificar a sua amante.

O mesmo projecto fez logo communicar, e Marilia dando-lhe as razões que o levam a isso. Menezes empregava todos os esforços por nunca alligir a amante, e quando a via triste desde logo triste tambem se tornava. Soffria com os males da amante. Igualmente Mari-

lia se mostrava afflicta quando não via o amante, o que só acontecia quando uma lição difficil lhe occupava as horas da noite que havia disposto para vel-a, ou quando denotava-lhe qualquer descontentamento. Parece que aquelles duas creaturas, que aquelles dous corações tinham sido feitos um para o outro.

Aproximava-se a hora de principiar o baile dado pelo coronel João d'Oliveira pai de numerosa familia, para o qual foram convidados Menezes e a familia de Marília.

Menezes dirigio-se ao baile com intenção de logo ver a sua amada Marília, porem apenas chega a porta da rua os seus collegas o recebem e pedem-lhe que os acompanhe, e levam-no por uma outra sala onde conversavam. Estava Menezes entre os desejos e o dever; desejava ver Marília que desde o dia antecedente não vira, e cuja ausencia já lhe ia encommodando como talvez a ella devia no entanto permanecer entre seus collegas, que com tanta delicadesa o tratavam.

Tendo Menezes já cumprimentado o coronel Oliveira e toda sua familia, pois ao entrar encontrou-os na sala para a qual levaram-no seus collegas, procurava uma desculpa, e não encontrava, para deixar os collegas e ir um pouco conversar com o dr. Sigisnando, assim se chamava o pae de Marília, e com a propria Marília.

O dr. Sigisnando era um homem de semblante severo, pelo que Menezes tinha seus receios de conversar com elle, porem a isso era obrigado, afim de não só melhor relacionar-se com elle, como porque o dr. era espiritualista e para tal propendia Menezes; pelo que pensavam algumas horas em refutar o materialismo. Já se pode imaginar que a victoria era sempre delles.

Quando dois collegas de Menezes se retirarão, este tambem retirando dirigio-se a sala vesinha fez um modesto cumprimento as senhoras que a occupavam tomou uma cadeira junto ao dr. Sigisnando.

Continúa.

Errata.

Na poesia—Tú—do 4.º n.º deste jornal, onde se lê: Que c'os olhos brilhantes me reduz,—leia-se:—Que c'os olhos brilhantes me seduz.

Onde se lê:—Tu és a luz rasga de minha alma, leia-se: Tu es a luz que rasga de minh'alma.

Onde se lê:—1866, leia-se:—1876.

CORRIGENDA.

Nos factos e boatos, onde se lê: o deslance, 2.ª columna, l.ª 23—leia-se:—o desenlace.

Na mesma columna, l.ª 35, onde se lê:—Eurates, leia-se: Orates.

Na 3.ª columna, l.ª 1.ª. Em vez de Mas, não, ha quadro sem sombra. . . Veio

a scena, etc.—leia-se Mas como não ha quadro sem sombra, veio a scena etc.

Adiante, em vez de: Manoel, juiz, leia-se:—Maxwel, juiz.

Mais abaixo, em vez do: papel de Manoel, leia-se:—papel de Maxwel.

FACTOS E BOATOS

Mais uma vez a *Revista* pede desculpa aos srs. assignantes por ter mudado de *Typo*.

Não é por volubidade, não;—é que ella pensa como eu: a monotonia aborrece.

Domingo, 21 do corrente, houve sessão solenne de posse dos socios que foram eleitos para os diversos cargos do 2.º semestre da —União Juvenil.—

Houve discursos analogos e correu a sessão muito animada.

Em sessão extraordinaria, no mesmo dia, á requerimento dos socios, entre outras materias, appareceu um requerimento do snr. Ferreira da Silva pedindo demissão, não só do lugar de thesoureiro, como do de socio, por motivo que a casa ignora.

Foi-lhe negada; mas insistindo pela do cargo de thesoureiro—concederam-n'a, sendo nomeado o snr. Brandão Filho para substituí-lo.

Por ter chovido quasi todo o dia e entrado pela noite foi transferido para hoje, sabbado, o espectáculo marcado para quinta-feira (25 do corrente) subindo a scena o drama —O Anjo da meia noite,— original francez.

No ultimo espectáculo de domingo representaram a comedia drama, original hespanhol—O Fogo do céu.

É mesmo uma hespanholada!

Do seu desempenho destacamos o sr. E. de Magalhães, que trabalhou perfeitamente bem.

Após essa comedia recitou d. Manoela a bellissima e energica poesia de Pinheiro Chagas—Liberdade.—

Terminou o espectáculo com a peça.—O Ovo magico—ornada de coros, arias, hymnos, visualidades, transformações, danças, etc original do Senr. Lopes Cardoso, a quem não tenho a honra de conhecer.

É uma completa palhaçada, mas que faz o povo rir a desprezar botões!

Encarei-a por dous lados:—um bom e outro máo.

O bom é—de lançar o ridiculo a essa chusma de titulares empavesados é bôbos,— o máo é ter o ovo magico obtido victoria até no ataque ao palacio de papellão. E o povo applaude esse triumpho porque ninguem lhe contou, elle viu, e está prompto a contar a todo o mundo.

Isso é máo. O povo que ri-se de scenas commoventes, que é supersticioso de raça, cre no ovo magico e na Fada das boas graças, como cre nos milagres do Egypto e em Santa Maria do Soccorro!

O sr. Lopes Cardoso não pensou, talvez, no mal que com isso causa.

O povo, que tem pronunciada tendencia para a indolencia e negação decidida para o trabalho,—agora deita-se a bom dormir—esperando a *Fada das boas graças*, e o ovo magico.

Podera não!—Se elle a vio no theatro e

já ouviu alguém dizer que o theatro é uma escola?!

Mas, realmente, aqui para nós e que o povo não nos leia:—O ovo magico existe. O *Jornal para Todos*, por exemplo, tem o seu ovo magico e atraz desse eu aconselho o povo que vá; o sr. Passos e Raimundo de Castro, tambem teem, em quinos, mesmo familiares, correm muitos á busca d'elle e até na banca dos exames geraes ha—Fada das boas graças e o tal ovo magico; mas ahí o povo não mette o bico.

Era o que faltava!

Voltemos, porem, a peça magica.

Gostei summamente do seu desempenho. Os srs. Bahía, Vicente, Camara, D. Josephina, tiveram os principaes papeis e trabalharam com muita naturalidade e intelligencia.

A musica é de mão de mestre, não resta duvida; mas eu a quizera mais satyrica, . . . mais ridicula mesmo. . . mais Offenbachica, se quizerem.

Que coincidencia!

A *Cruzeiro do Sul* enamorou-se d'uma estrela.

Nada mais natural, porem aqui falha o *similis cum similibus facile congregantur*; pois segundo observações de certos telescopicos,— a *orbis* em que a *estrella* faz o seu *giro* fica um pouco mais abaixo da em que deve girar o *cruzeiro*; mas não se podem unir, por terem ambas a mesma força e haver por tanto repulsão, segundo ainda as leis astronomicas.

Nada de malicias; eu fallo sem allusão.

Acaba de editar, na Corte, o snr. Serafim José Alves o resumo da historia romana por Tito Livio, traduzido na lingua vernacula e ao pé da letra pelo snr. Theil.

Não é esta a primeira obra com o titulo —A Escola— editada por aquelle snr.

Parabens, pois, ó cascabulhos de latim, pelo novo burro!

Fostes mais felizes do que eu, pois vim a saber desta feliz noticia, depois de ter feito exame.

Parabens, que o negocio merece.

Pelo sr. dr. juiz de direito do 4.º districto criminal—foi julgado improcedente o processo instaurado contra d. Anna Rosa Vianna Riheiro.

É questão essa tão intrincada, que é a primeira vez que nella fallo e sobre a qual não emitto o meu juizo.

No ultimo n.º deste jornal chamei a attenção do collega da *«Pacotilha»* do *Jornal para todos*— para a errata que sobre a poesia do 4.º n. deste periodico fazia publicar o seu auctor, e como não saisse, por falta de espaço e não por peça do entrudo—vai agora, assim como damos aos leitores da *Revista* uma barrigada de corrigenda.

No dia 23 embarcou para a Europa com destino a estudar—o meu distincto collega o snr. Carlos Pereira de Pinho.

Desejo-lhe feliz viagem e que volte a sua terra natal com a fronte coberta de louros—, como é de esperar de seu talento e amor a sciencia.

Aireper,

Typ. do Frias

REVISTA JUVENIL.

|| JOURNAL || LITTERARIO || CRITICO || E || NOTICIOSO ||

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augetur scientia.

BACON.

Publica-se 3 vezes por mez.—Assignaturas adiantadas.—25000 rs. por trimestre,—Numero avulso 300 rs.

ANNO I.

Maranhão,—Terça-feira, 13 de Março de 1877.

NUMERO 7

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO, 13 DE MARÇO DE 1877

O Creador poz os homens n'este mundo, comquanto iguaes em cada especie, differentes, distinctos, porem nos seus attributos, nas missões a exercer, no papel a representar neste vastissimo theatro da vida humana.

Todos os homens teem o uso da razão, porem nem todos empregam-na tambem nos mesmos mysteres. Uns, della fazem melhor uzo e empregam-na com melhor habilidade na sciencia, outros nas artes, etc. etc. quer n'uma como n'outras, propensões bem differentes e oppostas se patenteiam. Assim é que nós vemos e admiramos na poesia um Homero, Virgilio, Dante, Cornelle Shaskpiare; na philosophia, um Socrates, o pae da philosophia na phrase d'um escriptor, um Bacon e Descartes; na astronomia, Copernico e Galileo; nas artes Phidias, Miguel Angelo que se immortalizou nas fachadas dos templos de Roma; Rossini, Mozart e Carlos Gomes, na musica; Monte Alverne, na oratoria; José Bonifacio na politica; Ozorio nas armas, etc.

Pois se os homens teem suas inclinações especiaes, claro está sem duvida que oppor-se-lhe resistencia é semear em terras não laboraveis, é plantar sem esperanças de colher. É talvez d'aqui que parte a prostração das artes, é talvez aqui que se encastella a origem de sua decadencia e somnolencia. Pois negando-se-lhe o prestigio, e dando-lhe pouca importancia, os ricos e pertencentes ás classes mais elevadas da sociedade despresam-na, só deixando ás abandonadas da fortuna como se o sentimento artistico não nascesse no peito desses ricos e potentados.

É por isto que ainda se diz que neste

salão não deve entrar F... por ser artista (!!)

Este facto é necessariamente uma das causas do entorpecimento e desanimo das artes. Com elle soffrem não só as artes como as sciencias, pois esta tem cultores que para tal nunca tiveram vocação.

Assim por um lado priva-se de manifestar-se um genio, por outro crea-se imperfeitos scientificos.

Como é que um homem de genio artistico poderá ser bom medico; um genio para a medicina, ser um bom juriconsulto; um genio para a jurisprudencia, ser um bom militar?

É fora de duvida que não devem os filhos, em regra, seguir a carreira dos paes, comquanto o diga o illustrado escriptor Gerardine. Com esse methodo, com este principio transformado em lei muito soffreo o Egypto.

Assim, deve o governo ser prompto em premiar os que se distinguem quer no exercicio da arte quer no da sciencia afim de provocar o estimulo e banir-se esse desprezo que immerecidamente tem sido votado a arte. E só assim haverá progresso e a prosperidade terá portas francas ás Nações em geral e a cada individuo em particular.

Ensaio.

(Continuação.)

Menezes orgulhava-se por ver que sua amante tanto pelo elegante talhe do rosto como pela simplicidade das vestes sobressahia e attrahia a attenção geral, offuscando com seu penteado de bom gosto arranjado com um cravo branco, a os altos chapéos e pedrarias que esmaltavam os cabellos de algumas outras, com uma fita pendurando uma medalha que deixava ver uma trança de cabelo, que só Marília, Menezes é o dr. sabiam de quem era, e que lhe compunha o pescoco, ás brilhantes e luzentes cadeias d'oiro d'algumas outras; a um vestido de fina e alva cam-

braia com gosto enfeitado, da mesafazenda e algumas fitas cor de rosas, furtacôres vestidos de seda, popelina.

Não attrahio menos a attenção gerafacto de ter Menezes dirigido-se antes dr. Segisnando enquanto os outros rços conversavam entre si. Apenas amiga de Marília, a filha do dono da cavio Menezes, disse ao ouvido daquelvelhaca tu és feliz, só vocêz dominam e salão. A mudança subita que se oper nas rosadas faces de Marília, só a perbeo Menezes, que conquanto conversan com o dr. tinha muita attenção e Marília.

Chega a hora de dançar-se, cada u toma seu par. Menezes tem por p Amelia, filha do Coronel Oliveira e p vis-avis Theophilo Campello.

No correr das primeiras contradança nada occorreo de notavel, não o sendo graça e delicadeza com que Marília faz suas figuras.

Marília dançava com tal graça qu logo chamaram-na rainha do baile. Cheg finalmente a occasião de dançar-se a patorelle, Menezes repara que o cravo qu ornava o lindo penteado de sua amant tinha dali desaparecido.

Sem nada dizer apreça-se em procural-o E qual não foi o espanto que delle aposou-se quando vio o cravo de sua amant occupando lugar no casaco do seu collega Campello?

Um subito palor se apodera de Menezes, um suor-frio goteja-lhe pelas faces Elle ve-se trahido por sua amante, aquell que lhe tinha jurado firmeza. E o set rival é o collega que elle mais estimava, aquelle a quem confiava seus segredos e em cujas palavras encontrou muitas vezes o balsamo consolador dos seus dissabores, em cujas palavras vio Menezes o caracteristico de um moço honrado, que sabia o que era soffrer. Menezes era poeta. Soffria e soffria muito. Em seus labios só divisava-se um riso quando estava junto de sua amante.

Menezes pensa na mudança daquelle cravo, fica por um momento como que possuido de um profundo lettargo, e só torna a si quando o seu par pegando-lhe nos braços diz: O senhor Menezes está incommodado, é bom recolher-se emquanto Papae manda ver um medico. Então Menezes, extremamente envergonhado, pro-

T a disfarçar o seu incommodo respon-
do a Amelia que aquillo foi uma dor
T e cabeça que teve, porem que já tinha
sado e que por tanto, podia continuar:
E, itinuou-se pois, porem Menezes não
e mais gozo no final da quadrilha que
l ou toda.

Marilia e sua familia correram para
at:correr a Menezes na occasião do seu
frimento e apenas acabou-se de dan-
j), pelo braço mesmo de Campello, veio
rilia saber de Menezes se elle estava
commodado, o que teve um simples não
i resposta.

Menezes a pretexto de doença retirou-se,
arilia tornou-se triste não obstante as
indicias que lhe dispensava Campello.
Dr. Segisnando só a muitas instancias
omettera demorar-se enquanto se dan-
ria uma quadrilha e uma walsa.

Menezes que se tinha retirado não
ve o gosto de dançar uma quadrilha
m sua amante.

Quando já estava perto da sua casa,
ciume obrigou-lhe a voltar. Podemos
maginar o que se passava no pensa-
ento do pobre moço. Que castellos não
rmaria!

Chegando pois, fronteiro a casa do
ronel, espionou pela janella da varanda
vio que Marilia com quanto triste, at-
enciosa ouvia a Campello que lhe ren-
ia culto, ora jurando-lhe amor eterno,
ra fazendo mil protestos, ora depondo
os pés de Marilia, phantasticos the-
ouros.

Pobre Menezes! Retirou-se e todo o
esto da noite não dormio, ora fazendo
projectos; ora dissolvendo outros, ora
oltando sentidos gemidos, ora desfaz-
endo-se em prantos. Só nas lagrimas
encontrava Menezes, allivio as suas dores.
Assim passou até ao amanhecer do dia
seguinte.

O dr. Segisnando se tinha retirado
levando sua familia, logo que acabara
de dançar-se o prometido. Campello ape-
nas vio Marilia fora da sala, dirige-se a
Amelia, fazendo-lhe uma confissão amo-
rosa: porem esta que se tinha indignado
com o que vira, respondeu-lhe, que não
servia de pasto a sentimentos mesqui-
nhos de homens ambiciosos; pelo que
Campello fingindo-se muito sentido, sem
mais despedir-se de ninguem retirou-se.

Chegando Campello a casa e encontrando
a Menezes pallido, abatido e extremamente
cabisbaixo, dirigio-lhe as seguintes pala-
vras: *pobre rapaz*, a que não respondeo
Menezes. Atira-se n'uma rede e logo
principiou a roncar. Duas ou tres vezes
Menezes teve a idéia de com um punhal
por termo a vida de Campello, porem
bem depressa um tal projecto se lhe dis-
sipava da mente.

As 8 horas da manhã Marilia recebeu
a seguinte carta de Menezes.

Senhora.

«Não pensei que v. s. instasse com-
migo para que fosse ao baile, com o fim
de la zombar do meu amor, expol-o ao

rediculo e atirar sobre o meu coração a
ferrea tela com que veio alargar a es-
phera de minhas dores. V. S. aquem fiz
constituir o meu unico prazer, e para
quem só vivo é a mesma que com suas
propias mãos traz a meu peito amante
o punhal com que vem ferir meu cora-
ção! Basta de martirisar-me, ponha ter-
mo a tantos soffrimentos, diga-me que
já não me ama, que irei, embora na so-
lidão dos tumulos, procurar uma alma
que como eu tenha soffrido, para animar-
me.

Adeus. Quando se tiver de arrepender
talvez já seja tarde.»

Menezes.

Poucos minutos depois Menezes rece-
bia o seguinte bilhete:

Menezes.

«Não sejas tão severo para com tua
amante, não queiras abreviar os seus
dias, ouve-me primeiro para depois jul-
gar-me. Eu te espero, vem»

Marilia.

(Continua)

VARIEDADE

Corria o anno de 186...

Onze horas da noute acabavam de so-
ar no relógio da igreja de S. Germano
da cidade de...

Terrveis trovões abalavam o solo; os
relampagos succediam-se sem interrup-
ção; o furacão parecia querer arrazar
tudo em sua passagem; o mar encapel-
lado vinha quebrar suas furiosas ondas
na praia arenosa, produzindo estampido
semelhante ao ribombar do canhão!...

Sepulchral silencio reinava entre to-
dos os habitantes...

Ninguem ousava arrostar o furor da
tempestade...

Com tudo, a essa hora, passava-se em
uma casinha de pobre apparencia, pro-
xima a praia, um espectáculo bem do-
loroso...

N'ella penetremos, e convidemos o es-
timavel leitor ou encantadora leitora, para
fazer o mesmo.

O coração mais empedernido penali-
sar-se-hia da scena contristadora, que a
nossos olhos se apresenta, e que tem
lugar em uma pequena sala, fracamente
allumiada pela debil luz de um candi-
eiro, ao primeiro golpe de vista se er-
conhece que a mais extrema miseria ali
domina...

Duas mulheres acham-se na sala que
acabamos de descrever; a primeira das
quaes parecia ter quarenta annos, e fa-
zia em um leito miseravel; suas feições
cadavericas demonstravam padecimento
atroz; de momento a momento exalava
gemidos de agonia, produzidos pela dor
que a mortificava, seus olhos permane-
ciam fixos, mas do imo embebidos na ima-
gem do Senhor que se achava collocada

sobre uma tosca mesa; seu semblante
conservava-se sereno e denotava gran-
d'alma.

A outra era uma formosa donzella, que
teria, quando muito dezesseis annos, e
achava-se de joelhos orando junto a um
pequeno oratorio, que se achava proximo
a cabeceira do leito de sua mãe mori-
bunda.

Depois de haver implorado a Virgem
Santissima a salvação d'aquella que,
n'este mundo, era o seu unico arrimo, a
sua unica conselheira fiel, a sua unica
guarda, ergueu-se e veio cheia de affec-
to depôr um casto osculo na fronte da
doente, que parecia adormecida, feito o
que, foi assentar-se em uma banquinha,
e retomou o trabalho, que havia interrom-
pido.

N'este momento a moribunda acorda
e fita seus ternos olhos em sua filha:
contempla-a, em extases, por algum tem-
po, afinal rompe o silencio pronuncian-
do estas palavras, com voz muito fraca:
Julia, minha querida filha, basta não te
cances mais com tanto trabalho: vae
descançar, sinto-me mais alliviada e pos-
so prescindir por ora do teu auxilio; vae
minha filha, faze esta yontade a tua po-
bre mãe.

A gentil donzella ao ouvir estas pala-
vras de sua mãe, levanta-se apressada e
vae assentar-se sobre o leito, abraça a
enferma e com voz maviosa, responde-
lhe: Deus me defenda minha boa mãe,
de desobedecer-lhe, porem bem sabe que
sou forte: não acho-me fatigada, e por
isso, peço-lhe permissão para concluir o
meu trabalho, no que não gastarei mais
que uma hora, e assim terei amanhã,
dinheiro sufficiente para dar-lhe um su-
tento favoravel, de que tanto carece...
N'este instante, porem, horrivel ataque
accommette a mãe de Julia, o sangue,
que lança pela bocca, suffoca-a; quer fal-
lar, mas a voz fica-lhe embargada na
garganta, faz um esforço sobre-natural,
e apenas poude balbuciar estas palavras
e intrecortadas: a... deus... mi... nha...
fi... lha... não poude dizer mais nada
—estava morta!...

É facil de advinhar a dor que soffren
Julia n'este instante supremo; não que-
ria acreditar na morte de sua mãe; cha-
mava-a em altas vozes, abraçava-a, bei-
java-a, esforcia as mãos com desespero,
arrancava os cabellos, enfim estava co-
mo louca; afinal, vencida por tão fortes
abalos moraes, cahio desmaiada sobre o
cadaver de sua mãe!...

No dia seguinte, quando os visinhos
penetraram na casinha da smr.^a Maria,
(porque era este o nome da mãe de Ju-
lia) só encontraram dois cadaveres—
mãe e filha, que havia succumbido du-
rante o desmaio!...

Na tarde desse mesmo dia, dois cai-
xões, que foram encerrados em sepultu-
ras contiguas, eram conduzidos ao ce-
miterio de... Grande era o concurso de
pessoas, que os acompanhava: o cunho
da tristeza achava-se estampado no rosto

de todos, tal era a estima de que gosavam estas duas creaturas.

E assim findaram esses dois entes, que nasceram para se amar, e que não podiam separar-se nem mesmo na morte!...

S. Luiz, março de 1877

Sedemihera.

A M.

Oh! minha linda *cravina*
beijar-te deixa uma folha,
com cuidado o beijo guarda
não deixes que outrem t'o colha.

Assim vai feliz *cravina*
procurar a minha amada;
nas faces pouza-lhe o beijo,
e diz-lhe que vais mandada.

Que por mim vais visitá-la,
que o beijo que deste é meu;
e se acaso ella beijar-te
eu te peço da-me o seu.

P, L.

Estancias.

Ja quando os raios do lusente Apollo
colorão as pet'las da mimosa flor,
que atas as tranças que te pendem ao collo,
nas quaes exala enebriante odor;
no doce aroma que rescende meiga
por entre os fios dos cabellos teus,
Rita não ouves uma voz que arreiga
nos teus ouvidos com os acentos meus?

E as mesmas horas quando passa a aragem,
que das florinhas o perfume traz,
e que de manço te roçando a imagem
da-lhe os odores que roubara atraz;
no brando sopro, no correr fagueiro
por sobre os traços de tua face asinha,
não sentes Rita te estalar ligeiro
na face um osculo que na brisa vinha?

Quando o planeta, que colora as flores,
Pende seus raios para o oceano immenso,
e que se adornam de ceruleas cores
as lindas nuvens do horisonte extenso;
não vês, Ritinha, no painel formoso
duas estrellas de um luzir brilhante,
as quaes juntinhas se confundem em goso,
se um riso soltas n'um fagueiro instante?

E quando a noite reclinada a fronte
na curta palma de mão pequena,

a luz tremula, que te está defronte,
e passa a brisa refrescante e amena,
na doce scisma, em que te embebes tanto,
no bello sonho, sem dormir, não vês,
risonho um rosto contemplando o encanto
que tens, Ritinha, na formosa tez?

O osculo meigo que estalára a brisa,
na face linda que de amor seduz
é meu, e o rosto pelo qual desliza
riso fagueiro em que a paixão transluz;
é dos meus olhos o luzir brilhante
que vês nos astrós do painel formoso,
os quaes, Ritinha, se te ris n'um instante,
voão nas azas do celeste goso.

...

FACTOS E BOATOS

A *Revista Juvenil* depois da suspensão que soffreo, apparece novamente pedindo ao publico e seus assignantes desculpem-lhe a falta que commetten.

Confiado em que o publico não desconhece o triste fadario das empresas litterarias espera a *Revista Juvenil* continuar a merecer protecção do publico.

Espera a *Revista* poder regularisar sua publicação que até hoje tem sido tantas vezes interrompida.

Partiram para Pernambuco os srs. Constantino da Costa Pereira, Benedicto Pereira Leite, Pedro Affonso Guimarães e João Gualberto Torreão da Costa. Os dois primeiros desempenharam na sociedade «União Juvenil» o cargo de presidente com muita circumspecção, mostrando tino e prespicacia nos seus actos.

Todos foram estudantes do Lycéo desta capital, distinctos tanto pelos seus professores como pelos collegas que reconheciam nos mesmos, intelligencia pouco commum, caracter nobre e elevado. O sr. Constantino foi por muito tempo redactor deste periodico, que viu assim suas columnas esmaltadas com os productos de tam robusta quam promettedora e delicada penna.

O sr. Benedicto no desempenho do cargo de—Orador da Sociedade União Juvenil—muitas vezes deo provas de um talento raro. Eloquentemente em suas manifestações, sincero nas suas expressões, deixou o mesmo entre seus collegas, consocios e amigos fundas saudades.

Esperamos e desejamos que na Academia para onde se destinaram vejam elles coroados de bom exito os seus esforços; que voltem breve trazendo em suas nobres fronteiras os verdes louros conquistados nas lutas da intelligencia, a repartir com seus parentes, ami-

gos e collegas os prazeres de tão gloriosas conquistas.

Para o Rio partio o sr. Paulo Pereira, desejamos-lhe todas as felicidades.

Um pasquim que dizem, imprime-se nesta capital pretendendo defender o sr. João de Carvalho, dirige a esta redacção uma serie de insultos. Querera esse pasquim discutir? Mas, assim é que se apparece para uma discussão? Exhiba primeiro os seus titulos de dignidade para vermos se merece resposta.

O illustrado collega do *Jornal para todos* dignou-se atirar-nos seu *gage*, recebemo-lo.

Quando entrou a *Revista Juvenil*, no seu segundo trimestre fez aos seus assignantes uma exposição dos factos que se deram desde sua apparição até esse tempo, e pedindo desculpa aos mesmos, disse que dava por lindo o trimestre e que a aquelles que não quizessem pagal-o, ella dispensaria, pois em vista dos atropellos que soffrêo não podia interar os numeros desse trimestre. Parece que temos satisfeito ao illustrado collega.

Recebemos o jornal «Provincia» e agradecemos a offerta.

Este é um jornal politico que se imprime em Maceió, cujos escriptos claros e methodicos, como vivos e animados muito abonam o seu redactor a quem não temos a honra de conhecer. Desejamos a todos longa existencia.

Na sociedade Recreação Litteraria houve a eleição dos novos funcionarios. As discussões estiveram calorosas. Ficou a nova directoria assim composta:

Presidente—Alfredo Lima.

1.º Secretario—Antonio Godois.

2.º dito—Affonso Moura.

Ha tantos tachygraphos, ou sub-tachygraphos que nos salões do tribunal do jury no julgamento da ré d. Rosa Vianna, tomaram lugares, o mestre na parte superior do salão e os outros pelas tribunas, cadeiras etc. etc.

Os professores já estão em desidencia. É bem máu, além de fracos ainda separados...

A Igreja do Carmo está mascarada fora de tempo, não pode ao menos esperar o sab-

dado d'Alleluia. *Digam os sabios da escriptura que segredos são estes da...*

Breve partirá para a corte o sr. Luiz Carlos Pereira de Castro, oppositor a cadeira de Grammatica Geral do Collegio de D. Pedro II. E' de esperar que seja o illustrado oppositor feliz no seu intento. Sintimos no entanto que tenhamos de vel-o fora de sua cadeira no Lycêo; pois já fomos seu alumno e conhecemos que poucos poderam como elle desempenhar a nobre missão.

Sociedade União Juvenil.—Acham-se distribuidas 3 theses pelos snrs. Almir Nina, Machado e Plinio Lima, que se discutiram nas proximas sessões, do o que convidamos, os leitores a apparecerem por lá, para assistirem as discussões e animar aquella rapaziada.

Recebemos uma scena comica do sr. Lima. Penante intitulada «Viva a Camara Municipal e o Domingo dos Caxeiros.» O sr. Lima Penante desculpe-nos a franqueza, dá pouco para onegocio. Como actor peca pela especulação, como escriptor....

Vejamos. Esta comedia não tem nada de comedia, nem estylo nem fim. Acaba o sr. Penante sem nada concluir, alem do repetido emprego de vocabulos extranhos a lingua, que parece-nos que são particulares do sr. Penante.

Termina o sr. Penante a sua *comedia* fazendo a si proprio elogios que os outros lhe não dispensaram.

Na sua scena comica *O Cri-cri*, então é que o sr. Penante sahio sem sal. Na *O Jesuita na Garganta*, distribuiu o sr. Penante um sem numero de virgulas, quasi da uma a cada palavra. Quando deu cordas a lyra e cahio na poesia, oh só parece que s. s. foi beber inspiraões com o Lino. Não houve mais medida, ordem metrica, tudo, tudo foi despresado pelo sr. Penante. Já não trato das incoherencias que nestes trabalhos se encontra.

Desculpe-nos o sr. Penante, se para com sua senhoria fomos tão fracos, é nosso caracter. Somos amigos do sr. Penante, si hoje apontamos-lhes estes defeitos, esperamos contudo e folgaremos de logo podermos louval-o e admirar suas obras.

Na scena comica *Os Occarinistas e Eu*, o sr. Penante conclui o seu trabalho offerecendo aos Occarinistas a *grmalda* que o povo rei lhe *havia dado* quando em *flores* lhe aclamou *artista*, (os griphos são meus.) Oh! O sr. Penante já tem ganho tantos *loiros no palco* que já distribue d's seus aos occarinistas! (Louca vaidade)

Sr. Penante. Estude e então mostre-se.

No Brazil tem a arte dramatica tido bons cultores, porem mal apreciados, pois ainda o artista é *considerado* em classe inferior as outras.

O theatro é uma escola da moral e da civilização.

Funcionando o nosso S. Luiz, representou-se o drama Galileu. A sua execução correu bem, com quanto alguma cousa de esquisito haja neste drama porem o defeito é do escriptor.

Galileu Galilei: papel que coube ao sr. Eugenio de Magalhães foi magnificamente desempenhado. O sr. Eugenio nos diferentes papeis que lhe conberam, ora como um amante joven cujo peito se alimenta de esperanças, ora como um homem experimentado, accostumado ao positivismo do mundo, ora como paciente encerrado no carcere sorvendo o amargo fel que lhe davam a beber os seus perseguidores, mostrou sempre que comprehendendo o nobre sacerdocio a que se dedicou. O sr. Eugenio pode dizer: *A minha nobresa data de mim.* As corôas e os thronos fazem-se, porem o genio nasce e não se curva nem ao fausto do ouro. O sr. Bahia no desempenho do seu papel esteve acima de todo o elogio não obstante a odiosidade d'este, inteiramente opposto aos seus sentimentos.

Os outros papeis foram de pouca importancia.

Pela segunda vez foi levado á scena, na noute de 6 do corrente, em beneficio da actriz Josephina, o drama em 5 actos do afamado escriptor portuguez Mendes Leal, intitulado— Pedro (sem mais nada:)

A sua representação correu satisfatoriamente os principaes papeis foram confiados aos artistas Eugenio de Magalhães, Bahia e d. Manoela.

Eugenio, encarregou-se do difficil papel de Pedro, onde revelou, como sempre grande talento. Ao Bahia coube o importante papel de Conde São Thiago, ao qual deu cabal desempenho. O papel de Maria filha do conde, foi desempenhado pela artista d. Manoela, em cujo trabalho sahio-se, como era de esperar, brilhantemente.

A beneficiada occupou-se de um trabalho de nenhuma importancia. Os de mais artitas andaram regularmente.

Findo o drama, subio á scena a comedia em 1 acto—Guerra aos Nunes—, muito conhecida do nosso publico. Os artistas que n'ella tomaram parte, representaram perfeitamente os seus papeis, sobresahindo o Bahia e Vicente; a beneficiada, no papel de Emilia, agradou geralmente. Esta actriz tem mostrado muita dedicação á carreira que segue, e, se assim continuar, tornar-se-ha em breve uma excelente artista.

No fim do espetaculo foi a beneficiada chamada á scena, recebendo n'essa occasião alguns bouquetes.

Incontestavelmente um dos principaes, se não o melhor drama que possui o repertorio de empreza—Vicente, é o que foi levado á scena, no theatro S. Luiz, na noute de 11 do corrente; sim o «Drama de Povo» é uma das mais bellas produções do profundo e popular dramaturgo, o illustrado escriptor portuguez—Pinheiro Chagas.

Encarado sobre qualquer ponto de vista, submettido a mais judiciosa critica, o «Drama do povo» é uma obra prima.

D'esde o prologo até o ultimo acto, não ha uma phrase, uma palavra sequer que não sejam dignas de serem apreciadas pelos que assistiram a sua representação.

Tendo dado o nosso franco parecer sobre o drama, passemos a analysar, conforme nossas forças, a maneira porque foi desempenhado.

Os artistas, em geral, mostraram terem-se esforçado o mais possivel para reproduzir fielmente o que escreveu Pinheiro Chagas; cumpre-nos, porem, fazer algumas excepções.

O papel de Paulo não pode achar quem o represente com mais naturalidade e intelligencia do que o sr. Eugenio de Magalhães, que, de dia a dia conquista novas palmas de triumpho, ao que lhe dá incontestaveis direito o seu brilhante talento, que o torna um dos mais bellos ornamentos da arte dramatica, da qual é filho dilecto e será para o futuro um das suas glorias.

O sr. Bahia, dispondo dos recursos necessarios para o theatro, desempenhou magistralmente o papel de Jeronymo, obtendo por isso repetidos applausos. No papel de Joanna, a sr.^a Manoela alcançou mais uma corôa de louros—e confirmou ainda uma vez, a reputação de primeira artista brasileira, de que, com justa razão, goza em todo o imperio.

A sr.^a Maria Bahia interpretou perfeitamente o papel de Rosa.

O sr. Camara no papel de padre João agradeceu bastante. A parte de d. Fernando, foi desempenhada regularmente pelo sr. Santos.

Por falta de espaço deixamos de tratar particularmente dos demais artistas, o que faremos em outra occasião,

Constanes que o sr. Vicente vai dar em beneficio da bibliotheca Popular a representação de um drama. É louvavel sem duvida a ideia do sr. Vicente, pois se ha uma instituição que mais precise de taes auxilios é sem duvida a bibliotheca Popular. Assentada sob bases largas, offerece a todos leitura gratuita, e tem materiaes para interessar a todas as clases. Não tem renda para sua manutenção, e só da generosidade dos corações nobres e bemfeitores espera ella os meios que garantam sua existencia. De nossa parte desde já protestamos ao sr. Vicente o nosso agradecimento e esperamos realisae-se tal beneficio.

Como ja tenho contado muitos factos e boatos peço licença aos leitores para retirar-me, e convidarei o compadre para continuar.

Zarmol.

Typ. do Frias.

REVISTA JUVENIL.

JORNAL LITTERARIO CRITICO E NOTICIOSO

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augetur scientia.

BACON.

Publica-se 3 vezes por mez.—Assignaturas adiantadas.—2\$000 rs. por trimestre,—Numero avulso 300 rs.

ANNO I.

Maranhão,—Segunda-feira, 2 de Abril de 1877.

NUMERO 8

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO, 2 DE ABRIL DE 1877

Major est Dei misericordia quam omnium hominum miseria.

O homem creado por Deus do pó da terra (*pulvis est etc*) imperfeito, vencido portanto em todos os seus passos, desobediente desde o principio de sua existencia, sujeito ao peccado, ingrato para com Deus que o havia collocado no Paraiso, cheio e rodeado de todas as delicias, despresou-o merecendo a expulsão do seu Creador, e a pena que lhe foi imposta.

Ora, este homem cercado de tantos defeitos e males certamente não poderá exercer a justiça tomada em sua accepção lata. A justiça nesta accepção é o conjuncto, o feixe, o complexo de todas as virtudes. Logo no homem não reside esta justiça; por que se as possuísse, seria o homem inteiramente sabio, perfeito e virtuoso.

Por isso diz-nos a Escriptura—*Deus bonorum nostrorum non eget*. Vê-se portanto que só a Deus pertence esta justiça. Só Deus é perfeitamente sabio, perfeitamente bom e virtuoso.

Dizem que, se Deus fosse bondoso e justo, nem só não haveria aqui na terra tantas miserias e enfermidades e mais ainda não haveria, um feliz outro infeliz, um rico outro pobre.

Porem estas miserias e estas enfermidades não são mais que punições pelas faltas que o homem commette, pela sua intemperança, serve a abater o seu orgulho, recordar-lhe sua fraquesa e fazer-lhe lembrar-se de Deus. Por isto disse um escriptor, que sendo esta vida um esboço, um reflexo da eterna onde temos de receber o premio de nossas boas acções fez Deus a desigualdade, para o homem ter a liberdade de escolher o bem ou mal. Porque se o não fizesse,

veriamos todos os elementos, agua; todos os animaes de uma só especie etc. etc. e esta admiravel e assombrosa variedade do Universo não existira.

—Misericordia é a bondade praticada em prol do miseravel com o fim de atenuar sua imperfeição.

Ora Deus é quem pratica a bondade e promove a perfeição da creatura, logo é extremamente misericordioso.

E senão vejamos.

Não obstante a desobediencia do homem para com Deus, seu filho Jesus Christo pela salvação e remissão dos peccados do mesmo homem, soffreo a morte mais ignominiosa, como se tivesse elle sido o mais perverso dos homens. Isto é sem duvida uma prova evidente da misericordia de Deus.

Negão alguns que em Deus haja *justiça punitiva e misericordia*, pelo simples facto de não terem podido explical-a.

Porem isto será bastante?

Nesse caso nem a liberdade humana, nem a presciencia divina, nem a relação da alma com o corpo, existiriam, porque os Philosophos não lhes teem podido dar uma solução que satisfaça. E os que o teem tentado cahiram vergonhosamente, como *Cudworth*, Euler etc. Porem ahi brada altiva a nossa consciencia.

Dizem esses homens que a justiça e misericordia sendo cousas distinctas, pois uma obra punindo e a outra perdoando, são as provas mais evidentes que Deus não existe, porque um ente não pode existir composto de elementos que reciprocamente se destroem. Porem a isto tem se dito e bem que a bondade de Deus, a sua misericordia, não são uma bondade e uma misericordia independentes; são uma virtude, parte integrante de sua divindade, logo companheira inseparavel da justiça.

Por isso disse Tertuliano: Deus é o nosso Pai pela clemencia que para com nosco exerce, e pela qual devemos res-

peitar; Senhor pela sua severidade que devemos temer. Quer n'um como n'outro caso elle so trata da nossa felicidade, e da nossa salvação.

A instrucção.

Necessidade inherente e das mais vitales do ser pensante, fonte inexaurivel da mais ineffavel riqueza e dadiva do céu,—é a instrucção aquillo que mais distingue os homens dos homens, a vida do principio immaterial, a garantia do dever, do amor ao proximo, da adoração á divindade!

Pela instrucção o homem eleva-se da mais infima posição ao apogeo da grandesa; dirige, com accerto, seus passos pela vastidão do universo e contribue, não pouco, para a felicidade dos povos.

O homem instruido é um cidadão util e necessario á sua patria; poderoso e rico, e a sua riqueza é superior a todas as outras, porque ella só se exgota quando o principio vital a abandona; é honesto, é justo, é amante e propugnador do bem, porque conhecendo e calculando o mal procura sempre evital-o. Todo o racional tem intelligencia, uns em maior, outros em menor grão: os que a possuem mais vasta, são senhores de maior riqueza, assim como os que a teem mais limitada, contam apenas um pequeno thesouro. Si, porem, uma intelligencia superior é cultivada, a riqueza duplica, por isso que não é bastante ter intelligencia, é tambem necessario saber aperfeiçoal-a e applical-a.

A instrucção faz do cidadão obscuro um homem notavel; ella tem tanto poder que, si a verdade é por ella auxiliada, posterga a calunnia, pulverisa as más ideias, abate a mentira; porque a instrucção leva a luz até ao reino das trevas; ella finalmente, é a fonte perenne, o thesouro fecundo, que o espirito aspira possuir para sua riqueza.

Depois de termos, assim perfunctoria,

mente, mostrado o que é a instrução e qual a sua utilidade, procuremos examinar a maneira por que o governo brasileiro trata de diffundil-a pela mocidade e o modo porque esta corresponde aos meios por aquelle empregados.

Infelizmente, com magoa o dizemos, nosso governo e seus delegados não parecem tomar por esta importante questão o interesse, que ella merece.

Com exclusão da Corte e das capitães de algumas provincias, a quem em outros pontos se acha entregue a educação da mocidade?

A homens pela mor parte leigos, inhabéis, e incapazes, por isso, de exercerem tão sublime magisterio!...

Mesmo assim, quantas povoações não existem pelo interior d'essas provincias privadas desse exiguo e tão fraco recurso? Quem será, perguntamos, o culpado de tudo isto? De certo que o governo; porque si este não recompensasse tão mesquinamente, como o faz, aos professores, veriamos, sem duvida, todas as cadeiras convenientemente prehenchidas. Si fossem os concursos uma verdade e não uma vã formalidade, só sentir-se-hiam na cadeira de mestre aquelles que estivessem no caso de fazel-o.

Si o governo punisse com o rigor da lei, como é de seu dever, os professores que deixam de cumprir com os seus deveres, dar-se-hiam por acaso os abusos, que se dão em certas cadeiras? E' logico que não. Urge, pois, que o governo procure sanar esses males.

Augmente os ordenados dos professores, colloque nas cadeiras pessoas habilitadas, honestas e justiceiras; euidela inspecção das escolas e da conduta dos professores; castigue o crime, premeie o merito, e assim merecerá os applausos do povo. Obrar em contrario, é mostrar que tem medo de ver o povo instruido...

A mocidade porem, a despeito da indifferença com que de tão santa causa cura o governo, atira-se com fervor ao estudo; em busca do brilhante horisonte, que ella divisa. Procura todos os meios de intruir-se, e quasi todos os dias vemos fundarem-se sociedades litterarias, cujo fim é a instrução dos seus jovens fundadores. Grandê numero de jornaes litterarios tem apparecido á luz da publicidade, e seus colloboradores são, na maior parte, moços estudantes, que procuram na imprensa o campo vasto, em que a intelligencia pode obrar livremente.

E' nobre e sublime o empenho da mocidade brasileira!...

Instrucção, muita instrucção, é do que necessitamos. Não esmoreçamos, pois; trabalhemos com todas as forças e mais um pequeno esforço a gloria será nossa. Não esqueçamos jamais o entusiastico brado de Byron—Away!—Away!

Março de 1877

B.

Ensaíos.

(Conclusão.)

Ao ler este bilhete um raio de esperança illuminou o coração do infeliz Menezes, que então começou a estudar como havia de fallar de forma que aos olhos de Marília caracterisasse as suas dôres, os termentos que laceravam sua alma, e ao seu coração fizesse penetrar a compaixão.

As 10 horas, lempo em que ja Campello se tinha accordado, Menezes sahe, em direcção da casa do dr. Segisnando. Pobre moço! Levava a dôr impressa no rosto e a tristeza diffundida pelo coração.

Agora não se notava no semblante de Menezes a alegria, satisfação e o ar de esperanças, que, quando ia á casa do dr. Segisnando, se devisava no seu rosto. A' alegria tinha substituido o pesar, á satisfação a dôr, e a aquelle ar de esperanças a fraqueza do seu corpo. etc.

Chega enfim Menezes á casa do dr. Segisnando que tinha sahido, e é recebido por Marília que fal-o entrar para sala, e sentar-se.

Um curto silencio se manteve entre os dois; em cujo tempo nem um resolveu levantar os olhos para outro. Ambos tinham os olhos no chão.

Menezes rompêo o silencio:

Senhora! Disse elle, pondo-se de pé: Apóz a esperança que soube plantar no meu coração, apóz os prazeres que ao nosso amor tem rodeado, V. S. por sobre minha existencia desdobra o negro manto da descrença e desesperança! Da descrença, trahindo tantos juramentos que ambos deviamos respeitar, feitos na mais doce effusão dos nossos corações; da desesperança, apagando de meu peito a esperança de desposua-la, de gosar um momento de felicidade, de ver realizados os doirados sonhos que tanto tem preocupado a nossa imaginação!

Se já lhe sou importuno, si as minhas palavras já não acham echo no vosso coração, si quer ver minha existencia apagada a face da terra Senhora, basta uma palavra sua, diga-me; não lhe amo; porem reflecta primeiro no que faz.

La continnar quando Marília corre para Menezes, cahe de joelhos a seus pés, desfeita em lagrimas, e com a voz entrecortada de soluços interrompe-o dizendo-lhe: Ah! meu Menezes! Quanto cruel és para tua amante? Pois tens animo de á sua face atirar-lhe palavras

de se tão fortes e tão amargas! Não queiras abreviar os meus dias, alargar as feridas que sangram no meu coração. Te explica, ouve-me, presta-me attenção, Eu fui, sou, e jamais deixarei de ser tua amante. Jamais additarei ao meu nome outro que não seja o de Menezes, jamais outro homem terá a posse do meu coração que não tu. Seguio-se o silencio.

Uma scena de dor se apresentava aos olhos de quem ali chegasse.

Menezes sustinha Maria em seus braços, e as lagrimas corriam abundantes dos olhos dos dois amantes.

Tomaram então assento um junto do outro, e permaneceram alguns minutos em silencio, até que Menezes assim fallou a Marília: Como a senhora explica a mudança do cravo que hontem no baile tinha em seu cabello para o casaco de Campello, como explica as blandicias que hontem em minha presença lhe dispensava? Oh! Respondeu Marília, por um facto tão simples tornaste-me tão odiosa aos teus olhos, tão criminosa para merecer tão severa pena! Campello desejou o meu cravo, e eu reflecti que era teu amigo, que não poderias reprovar eu dar-lhe o cravo; e finalmente, se deilhe o cravo, fil-o por elle ser teu amigo e teu confidente. Não que eu pretenda dar-lhe a posse do meu coração.

Neste momento batem á porta e Marília vae ver quem o faz. Volta um pouco pallida. E Menezes ao vel-a assim procurou conhecer sua causa, e no seio de Marília por entre os fios da fina cambraia de seu vestido divisou um papel dobrado. Pensou ali encontrar a confissão da falta de Marília e imaginou tiral-o. Porem o receio de offender a Marília em tiral-o sem seu consentimento e a desconfiança de ser-lhe negado si o pedisse levou-o a serio embaraço e perturbação de espirito. Finalmente vence o impulso e veloz leva a mão ao seio de Marília, tira-lhe o bilhete que ella tenta rehver, porem em vão; elle guarda-o.

O que é isto? Pergunta-lhe Menezes.

Marília incerta e duvidosa diz, é um bilhete de uma amiga, não o abras eu te peço.

Então que mysterio é este, tens segredos para com teu amante? Pergunta Menezes.

Marília diz: não, mas... mas... eu... te peço... pelo nosso amor... não o leias.

Menezes cada vez creê mais ter em sua mão a confissão da infidelidade de Marília e presiste em não entregal-o.

Chega então Joanna mãe de Marília, pelo que interrompeu-se entre Menezes e Marília tanto a accção como a conversa que tinham.

Trava-se uma conversa entre Joanna e Menezes, acerca do baile e do incommodo que lá acommettera a Menezes. Este procura dar razões de tal incommodo, occultando a verdade.

Vendo Menezes que Joanna retirando-se para dirigir os serventes no serviço

da casa, novamente Marília recomeria suas supplicas, afim de lhe ser entregue aquelle bilhete e que elle não resistiria ás suas palavras e que accedendo a tal, perderia a occasião de reconhecer si Marília era-lhe ou não fiel, despede-se e com quanto Joanna e Marília instem para que demore-se, prestando lhe estarem esperando para o almoço, retira-se.

Marília ao vel-o fóra com aquelle corpo de delicto, o bilhete, desfaz-se em lagrimas, ou por arrependimento, ou por que previsse as consequencias que isto poderia ter.

Menezes ao chegar em casa tira do bolso o bilhete que tantas vezes em caminho pretendia ler, mas que a falta de animo lh'o não deixára, e o põe sobre sua mesa, sempre receioso em abril-o temendo encontrar o furacão que havia apagar um raio da esperança que no seu peito existia.

Muda de roupa e recebe de Campello que nesse momento entra, uma carta que logo conhecera ser de seu irmão.

Ficára vacilante si deveria ler primeiro o bilhete que apanhara de Marília, si a carta que de seu irmão recebera. Resolveo finalmente pela ultima; abriu a de seu irmão, e oh fatalidade, nella vinha a noticia da morte de seu pai.

A dor que opprimio o coração de Menezes não se pode descrever, um suor frio banha-lhe a frente, as mãos gelão-se, o peito impelle chamadas que parecem querer romper-lhe as paredes, um grito lhe escapa dos labios, um movimento convulsivo fal-o romper a carta que tinha nas mãos. Elle recupera os sentidos que então perdera, procura certificar-se do que vira, pensa que é a carta de seu irmão, e pega o bilhete que de Marília tomára. Abre-o, e então reconhece o engano, porem o facto de conhecer n'aquelle bilhete a letra de Campello não pode impedir de lê-lo:

Senhora.

«As suas palavras ainda permanecem no meu coração.

Folgo em dizel-o, sou hoje um dos homens mais felizes. Feliz por ser amado por V. Exc.

Podesse eu ter palavras com que manifestasse o que em meu coração se passa, então creria V. Exc. no amor que jurei-vos-hontem.

Tenho muito que dizer-vos, faltam-me porem, phrases que representem os meus sentimentos.

As 4 e meia horas da tarde passarei pela casa de V. Exc.

Seu amante e cr.º

Theophilo Campello.

A póz a dor que opprimio o coração de Menezes pela noticia da morte de seu pae, um desengano acerca das esperanças de felicidade, de seu consorcio com Marília, veio suffocar-lhe a voz no peito. Um momento de terrível agonia seguiu-se ao da leitura d'aquelle carta e bilhete, sem que uma palavra podesse Menezes pronunciar. Um grito finalmente

lhe escapa dos labios. Ah! Tudo se acabou para ti desgraçado Menezes, a morte venha em teu soccorro, a morte!! a morte!!...

A estes gritos de todos os lados correm a verificar o que é.

Menezes armado de um revolver corre a sala de lado a lado, ameaça fazer saltar a cabeça de quem delle se aproximasse,

Campello pallido tenta soccorrel-o porem recua vendo a decisão em que se acha Menezes de desparar-lhe o revolver.

Marília, Marília! grita Menezes, arrancando do bolso dois retratos, um de seu pai e outro de Marília. Entra o dr. Segisnando, porem Menezes o repelle com o revolver.

Marília, Marília, oh! ingrata amante, morreremos juntos eu tu. Eu porque não posso mais viver, tu porque juraste só viver p'ra nossa felicidade. Vamos. Ah! Meu Pai! Dispara o primeiro tiro no retrato de seu pai, o segundo no de Marília e o terceiro em seu peito. O sangue goteja-lhe do peito, e seu corpo rola inanimado. Todos correm para restituir-lhe á vida porem em vão.

O bilhete de Campello a Marília é encontrado pelo dr. Segisnando que assistia as investigações da policia. A noticia de que fora Marília a causa da morte de Menezes corre de pessoa em pessoa.

Quando uma servente do dr. Segisnando conta o facto e seus promenores ás suas amas, isto é, a Joanna e Marília, esta deixa escapar um grito, e correndo para o quarto do dr. com um punhal põe termo a sua existencia. Entra o dr. Segisnando e ao ouvir os lamentos e choros, pensa ser por Menezes, porem a causa estava mais perto. Joanna corre a seus braços em prantos e mostra-lhe o horrendo espectáculo, isto é Marília com um punhal cravado no peito.

No outro dia ás 8 horas da manhã encontraram-se os dois prestitos no cemiterio da cidade.

Eis as consequencias da volubilidade. Será este pois —Volubilidade— o titulo do nosso romance.

Plinio.

A' M.

Quando passo sem ver-te meu anjo,
me laceras martyrio profundo;
não existe p'ra mim mais recreio
para mim tudo é nada no mundo.

Nem festejos nem longos silencios
nem um brinco nem risos me agradam,
nem bellezas, perfumes não existem
nem me importa que as flores não abram.

Nem me importa que em ceu anilado
rubra lua não possa brilhar
noite, ou dia que seja o que valle
si eu não posso contigo fallar.

Em meus labios não paira um sorriso
nem um goso me alenta de leve

eu não amo nem flores nem relvas.
não ha nada que o peito me enleve.

Meu desejo meu anjo é te ver
apertar-te a meu peito cansado;
entre as minhas prender tuas mãos
dar alivio a este peito enlaçado.

E se um dia zangada te finges
e te occultas em m'apparecer,
terra, luz, tudo foge aos meus olhos
meu desejo eu te digo é mórrer.

Março 1877.

P. L.

A' uma joven.

Teus dias vão passando docemente,
Qual leve barquinho em mar de rosas,
Deixando na esteira resplendente
Faiscas luminosas!

A frescura da tarde, I... formosa,
O ondoso seio encantadora affaga,
Suspirando d'amor meiga, amorosa
Sobre o collo da vaga!

E' doce assim passar a vida—é bello,
Pelo mar das venturas embalada,
Ver-se presa da existencia ao élo
Em cadeia dourada!

Render-lhe culto todo o peito amante,
E qual ligeira exhalção dos Céus,
Deixar vestigios d'esplendor brilhante
Apóz os passos seus!

A terra reviver, que ufano pisa
Seu pé triumphador—calcando flores,
Que mais recendem namorando a brisa,
Que suspira d'amores!

Assim o teu viver é lago puro,
Que dorme entr'as rosas perfumado!
Oh! nunca toldem nuvens do futuro
Teu céo desassombrado!

11 de Março de 1877.

L. M.

COUSAS E LOUSAS.

Pedimos, primeiro que tudo, ao respeitavel leitor ou encantadora leitora nos desculpe massar a sua attenção.

Convidados pelo compadre Zarmot para contar o que tem havido de mais importante, vamos metter a cara.

Sociedade União Juvenil.—Tendo o snr. Benedicto Pereira Leite pedido sua demissão de presidente desta sociedade, visto retirar-se para Pernambuco, fez-se a eleição de presidente e sahio eleito o snr. Luiz J. V. de Mello; e o sr. Julio A. Bacellar vice presidente em lugar do sr. Mello que occupava esse cargo. Foram distribuidas na sessão de 15 do corrente duas theses aos snrs. B. Berredo e P. Lima, e na de 22 aos snrs. Barradas 2 theses, Bacellar uma, e D. Machado uma. Alem destas está em discussão a apresentada pelo snr. José Reis sobre a apparencia e mo-

imento dos cometas. Como tem de ser publicadas não damos o nosso juizo sobre ella.

Partida.—Embarcaram os srs. Francisco da Cunha Machado e Marcellino da Silva Perdigão, o primeiro para Pernambuco e o segundo para a Bahia.

Foram estes jovens cursar os bancos acadêmicos; permita Deus que em breve voltem para o seio de suas familias, satisfeitas as suas justas aspirações.

Consta-nos por cartas do sr. Machado estar elle feito lente de mathematicas no Collegio 2 de Dezembro. A seus pais damos os nossos emboras por verem assim apreciado o talento de seu filho, joven esperançoso que muitos louros promete colher na carreira que abraçou.

Chuva morna.—Um espectador que estava sentado na plateia, julgando-se resguardado da chuva, dizia a um seu companheiro «Em quanto estivermos aqui dentro, pode chover; pois aqui não nos molhamos». Porém mal acabava de dizer isto, eis que uma criança que estava na 3ª ou 4ª ordem ourinou para a plateia e molhou o sujeito.

Providencias acertadas.—O exm. presidente da provincia dr. Benevides acaba de mandar fazer na casa dos educandos, os mochos e cadeiras, que devem substituir as que existem no nosso theatro S. Luiz; e consta-nos que vai contractar as vistas do scenario; louvamos este acto de s. exc.

Jornaes.—Recebemos o n° 1 do Telegrapho que se publica nas Alagoas; e agradecemos a illustre redação a sua offerta.

Condado de Loredan.—Certo estudante de geographia perguntou um dia a seu lente, onde ficava o condado de Loredan; o lente ficou perplexo e não pode responder-lhe.

Dirigio-se o rapaz a um estudante de Philosophia, que já tinha estudado geographia, e perguntou-lhe; o rapaz depois de correr todo o mappa de geographia, disse-lhe: collega ou esse condado é mui pequeno, que nem está no mappa, ou elle está no mundo metaphysico.

Beneficios.—Não tem sido baldados os pedidos feitos ao sympathico artista Vicente Pontes de Oliveira, empresario da companhia dramatica; aplaudimos muito a sua geneosridade. Já houve 3 espectaculos um em beneficio da senhora Carmini, victima da terrivel enfermidade — a cegueira, e dous em beneficio do gabinete Portuguez de Leitura e da Sociedade-Protectora dos Caixeiros.

Caro Zarmot, diz-me se realisa-se o beneficio que o nosso Vicente prometteo dar á Bibliotheca Popular? Inutil é provar a sua utilidade, porque todos sabemos que ella nos franqueia os seus livros, tanto para a leitura interna como externa, e sem retribuição alguma.

Nós pela nossa parte pedimos ao sr. Vicente, que lembre-se d'essa tão util instituição que está sendo sustentada por alguns so-

cios. Esperamos que o sr. Vicente não desmintta o conceito, que tem de liberal.

Ruas.—Pedimos a attenção da camara municipal para o misero estado das ruas das Hortas, Inveja, Mocambo, Alecrim etc., que estão mui escavadas. O que não dirá o estrangeiro, vendo o largo de Palacio, o primeiro que se apresenta ás suas vistas, onde ha importantes edificios publicos, cheio de matto e intransitavel, quando chove; e as ruas acima promettendo a ruina das casas? Felizmente o largo de palacio vae calçar-se, e as ruas? Ficarão no mesmo estado porque desgraçadamente não mora nenhum vereador n'ellas; e os donos das casas veem se obrigados para não perdellas a mandar fazer contra-alicerces nos seus passeios.

Lyceo.—A provincia não teria uma casa para Lyceo, se não fosse a generosidade de um frade, que a offerecco ao governo. O sr. Presidente da provincia havia de apreciar cousas interessantes, quando foi visitar o Lyceo; cada 4 paredes, que formam salões onde funcionam as aulas, não sei com que havia elle de comparar. Para o Lyceo não chegou o favor de uma pintura, ao passo que as paredes do jardim, que nenhum beneficio dão ao publico, estão caídas, assim é tudo na nossa terra.

Dizem que s. exc. vai mandar concertal-o e fazer da sala das sessões do Atheneo a secretaria e sala de exames. O que nos parecia mais util fazer, permita-se-nos dizer, era comprar o predio onde funcionou o collegio dos padres, os quaes fazem qualquer negocio, para não succeder que outro estrangeiro fique admirado, sabendo que o Lyceo no seu estado actual é o primeiro estabelecimento de instrucção desta Athenas Brasileira. Dizemos outro porque um hespanhol yoi visital-o ha mezes.

Companhia dramatica.—Antes de tratarmos sobre os ultimos dramas que a companhia tem representado, vamos fallar dos artistas.

O sr. Eogenio de Magalhães, embora novel na arte, tem desempenhado perfeitamente os seus papeis.

Os srs. Vicente e Bahia ainda não desmereceram do conceito que nesta cidade gosam de bons artistas, teem sido muito applaudidos.

O sr. Santos tem, não ha duvida, gosto e talento para o theatro; mas é preciso estudar mais um pouco para chegar a ser um artista perfeito.

Os srs. Coimbra e Pedro Augusto teem desempenhado os seus papeis regularmente.

O sr. Camara tem agradado e o publico o tem victoriado.

As snrs. Maria Bahia, Emilia Camara e Josephina teem dado provas de que entendem e tem estudado a arte á que se dedicarão.

As Snrs. Adelia, Herminia e Rosita, se continuarem a cultivar a arte dramatica, virão a ser perfeitas artistas.

Deixamos para tratar da snr. d. Manoela Lucci em ultimo lugar, para que o leitor ou leitora possa apreciar melhor o que vamos dizer sobre esta insigne artista.

Manoela Lucci é de um talento admiravel para o theatro: os papeis, de que é incumbida, desempenha formalmente, nada deixando a desejar, e o seu entusiasmo, pela arte que

abraçou, e da qual é digna sacerdotisa, é tamanho que impressiona-se do personagem que representa de tal maneira que chega a possuir-se do papel, e só parece que os factos, que narra ou põe em acção, se deram realmente com ella. É sublime vel-a; a alma como que extasia-se diante de tamanha perfeição, o coração sente emoções taes que a penna não pode descrever. Só vendo, e que se pode avalial-a e apreciar os bellos talentos artisticos de que é dotada.

Drama do povo.—Assistimos a segunda representação d'este drama, que consideramos o primeiro que tem o repertorio da empresa Vicente; não fallamos sobre elle mais demoradamente, porque o compadre já o fez no numero passado; mas cumpre nos dizer que todos os artistas sahiram-se muito bem, sobresahindo-se os srs. Eugenio de Magalhães no papel de Paulo, o caçador da Serra; Bahia no de Geronymo, pac de Joanna e D. Manoella no de Joanna, a cabreira.

Maria Joanna.—Pela primeira vez foi levado a scena este drama na noite de 22 do corrente, em beneficio do gabinete Portuguez de Leitura; é muito bem escripto e de um enredo facil e bonito; emfim basta ser composição do grande dramaturgo Aniceto Burgeois, para se tornar recommendavel.

O desempenho do drama foi regular; a snr. d. Manoella fez prodigios de talento; o sr. Bahia trabalhou, como sempre, optimamente; o sr. Santos exforçou-se para desempenhar bem o seu papel; e o sr. Florindo trabalhou com muita naturalidade; os mais artistas executaram os seus papeis soffrivelmente.

Teria sido perfeita a execução do drama, se não estivesse ausente um dos bellos talentos da Companhia, o joven artista, que ainda no verdor da dos annos, tem sabido arrancar applausos das plateias illustradas; refiro-me ao sr. Eugenio de Magalhães; sim, porque o leitor ou leitora bem sabe que os dramas, em que tomão parte os srs. Bahia, Eugenio, de Magalhães e d. Manoela, teem sempre um desempenho cabal, porque os talentos d'esses tres grandes artistas fazem esquecer as faltas de outros.

Tachygraphia.—Os alumnos do sr. Mestriho fundarão um «Club Tachygraphico» para continuarem a exercer a mesma arte. É digno de approvação este acto e porisso d'aqui lhes enviamos uma palavra de animação e pedimos que não se esqueça das do grande poeta Byron—*Away-Away*.

Pagés.—No sitio Pacoveira ou Santa Rita foram presos mais 16 pagés por uma força de 9 praças de pedestres, que depois de terem passado uma parte da noite de sexta-feira na Cadeia, de levarem assuadas, acompanhados de uma multidão superior a 400 pessoas e de pagarem a carceragem, foram soltos, por não haver lei, que os puna.

Cansados de fallar tanto pedimos ao respeitavel leitor permita-nos retirar-nos. Convidare-mos o compadre Zarmot para substituir-nos em quanto tomamos um pouco de ar.

Nozuleilm

REVISTA JUVENIL.

|| JOURNAL || LITTERARIO || CRITICO || E || NOTICIOSO ||

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augetur scientia.

BACON.

Publica-se 3 vezes por mez.—Assignaturas adiantadas.—25000 rs. por trimestre,—Numero avulso 300 rs.

ANNO I.

Maranhão,—Terça-feira, 17 de Abril de 1877.

NUMERO 9

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO, 17 DE ABRIL DE 1877

Verba volant, scripta manent; quereis a prova do que digo, eu vol-a dou:

Percorrei os nossos sertões e vereis nossos irmãos, nossos concidadãos abandonados da instrucção, entregues a essa corruptora politica que lhes destroe de dia para dia o que juntaram com trabalho desde o nascer da aurora até occultarem-se os ultimos raios do sol; percorrereis leguas, e passareis povoados uns apóz outros sem que um mestre de instrucção primaria possais ver; encontrareis povoados mais desgraçados ainda, com escholas mais de corrupção e desmoralisação que de ensino; ali arraigase no espirito do menino ideias de funestas e perigosas consequencias.

Si é verdade que a ignorancia é a base de toda a desmoralisação social, è o espaldar do despotismo; não o é menos que semear grãos viciosos é esperar fructos impuros; pois jamais se poderá formar bons cidadãos de almas alimen-

tadas nos lupanares do erro e do vicio. Sabemos que as impressões adquiridas na infancia tarde ou nunca se apagarão.

Mesmo nas capitães das provincias vereis sociedades litterarias, no entanto os nossos altos funcionarios, esses homens que se dizem protectores das letras, não se lembraram, não se dignaram ainda uma vez tomar assento em suas bancadas para fallar, dirigir uma palavra de animação aos ardentes mancebos que edificaram esses templos, para dirigir-lhes um louvor. Assim pequenos jornaes laborados por noveis pennas são abandonados ao correr do accaso.

Apparece não ha duvida um ou outro que proteje, ajuda e anima esses mancebos no seu intento, porem só, o que pode fazer?

Não ha solidariedade.

Nem ha a admirar que grande numero de jornaes litterarios appareçam á arena e logo se occultem, porem entre os lençoes da eternidade. Pobres aguias com vida de relampago, curtas, porem offuscantes.

alguma coisa de aerio. As compridas trançasde seus cabellos castanhos fluctuavam ainda sobre suas alvas espaduas; porque ás mulheres só pertencia então uzar os cabellos cahidos; porem ella ia em breve levantar os seus.

Ella era noiva de Namfos Benloch. Se tinha até anticipado o casamento afim de preservar Sisena dos ataques de um novo pretendente, e para dar a Namfos o direito de defendel-a contra as tentativas desse atrevido perseguidor.

Havia poucos dias que um caçador perdido tinha entrado na cabana da rapariga e encantado de sua belleza não tardara a fallar-lhe de amor. Estes campos, dizia-lhe elle, são indignos de vós. Ide para a cidade, para a corte. Estes vestidos grosseiros não magoarão mais vossos delicado membros.

Foi com indignação que Sisena repelliu estes offercimentos, porem o desconhecido não desistiu. Todos os dias elle vinha renovar suas instancias e cada vez eram feitas com um tom mais imperioso. Seo amor ti-

Já lá se vão tantos jornaes, fructos de jovens estudantes, os quaes inda que valentes e intrepidos no seu caminhar, cahiram na pardacenta poeira do esquecimento, abatidos pela mão asquerosa do indifferentismo.

Seria porque faltassem materiaes para sustental-os, não houvessem escriptos para suas paginas? Não. Esperançosas pennas os redigiam; habeis cabeças os regulavam.

É verdade que os fructos de mancebos inexperientes no mundo, não podem illustrar o publico, porem ao menos procuram os meios de se illustrarem a si mesmo, de agradar aquelles que lhes ouvirem os innocentes sonhos da imaginação, as notas arrancadas de suas lyras, muitas vezes delicadas e sonoras.

Quem poderá jamais negar que em quanto esses moços reunidos nas sessões de suas sociedades litterarias discutindo sobre materias dos seus estudos; encerrados nos seus gabinetes preparando-se para as luctas do pensamento e da palavra, não expedição esse tempo longe das extremosas vistas de seus paes, em

nha alguma cousa de altivo, ultrajoso e ameaçador.

Tambem o temor e a aversão, foram os unicos sentimentos que elle havia inspirado á bella Catalan.

Namfos se esforçava em acalmar as apprehensões de que ella era atormentada. Que venha outra vez, dizia elle, eu saberei acabar com suas insolentes perseguições. Fosse elle terrivel como esse Bernardo, que por sua força sobrenatural mereceo o nome de Trencavello (quebra ferro), elle ficará sabendo quanto pesa em minhas mãos uma haste de nespereira e fallando elle fazia rodar com rapidez um enorme pau crivado de pregos de cobre. Elle ficará sabendo que não se insulta impunemente a noiva de Namfos Benloch.

Mal acbava, quando a porta da cabana, abalada por mão vigorosa se abriu de repente. Um guerreiro de alta estatura entrou e sem se inquietar com a presença do joven aldeião pegou um hanquinho e foi assentar-se o mais junto que poude de Sisena, pallida de terror.

Continúa.

FOLHETIM

BERNARDO TRENCVELLO

POR

LAVALLÉE

TRADUÇÃO DO FRANCEZ POR ***

Não longe de Olot, na falda de uma riso-nha collina, estava situada a cabana de Sisena Tremeset; Sisena a mais bonita rapariga cujos dedos jamais teceram os juncos da Catalunha e cujas mãos jamais fizeram sapatos de esparteria destinados aos montanhezes. Filha desses profundos valles que se estendem ao pé dos Pyreneos, ella não tinha a cutis morena da Andaluzia, sua tez pelo contrario era de uma alvura extrema, seus grandes olhos azues brilhavam debaixo das palpebras humidas; seu pé delicado parecia sempre folgado nos apertados *expartenas*; seu andar era gracioso e desembaraçado tinha

actos que mais tarde levam-lhe o rubor às faces? Ninguém; como ninguém dirá que elles illustrando-se a si mesmo não o fazem tambem á patria e a esses mesmos que hoje os despresam, podendo assim mais tarde maior numero de beneficios offerecer-lhes.

Jamais se poderá chegar a perfeição sem passar pelo imperfeito. Sô o exercicio é que pule o espirito, e colora a palavra,

Conceber grandes pensamentos, não é só o bastante, é preciso manifestal-os. Porem essa manifestação deve ser feita de forma que conserve suas galas como seus fulgores.

Concebe-se facilmente muita cousa, e quando se vae explicar, a cada passo se encontra um tropeço, a cada instante um embaraço. Por isso disse um dos mais sabios doutores da igreja: *Si nemo ex me querat scio, si quarenti explicare velim nescio.*

A Imprensa.

A imprensa, essa maravilhosa invenção, sublime descuberta, incomparavel achado, que tanto celebrizou seu inventor,—o immortal Guttemberg, tem sido e continuará a ser um dos mais preciosos auxiliares da instrucção.

Á Allemanha, esse paiz que, desde os tempos idos, merece a admiração dos povos cultos, devemos esse feliz invento. Honra, pois, a Allemanha, que teve a gloria de ver nascer e de possuir entre os seus mais dilectos filhos o homem, cujo nome é pronunciado com respeito pelos eleitos da sciencia e que a posteridade não deixará, por certo, de proferir com o mais nobre enthusiasmo.

Realmente, quem estudar com seriedade, quem examinar cuidadosamente a utilidade, importancia e excellencia da imprensa, não trepidará em dar-lhe, sinão a primasia, ao menos um dos mais importantes lugares entre as primeiras das mais nobres descobertas dos tempos modernos.

Com quanto seja desnecessario demonstrar sua utilidade, pois é assás reconhecida, não nos pudemos furtar ao desejo de produzirmos algumas provas, que de momento nos occorrem.

É da imprensa que dimana a instrucção, porque é d'ella que nos vem o jornal e o livro,—filhos dilectos das letras, apóstolos da sciencia, creados e destinados a propagar o saber e a diffundir a luz por sobre a humanidade.

Arma nobre e honrosa, garantia e defesa dos nossos direitos, vehiculo pelo qual transmittimos aos outros nossas ideias e pensamentos, arena onde essas mesmas ideias são submettidas ao escapello da critica,— é a imprensa uma eschola, onde

aprende o discipulo e o mestre, o grande e o pequeno, o nobre e o plebeu, o sabio e o indouto, porque a imprensa é a eschola universal. Inimiga irreconciliavel das trevas, que ante ella fogem espavoridas, denunciante do crime, terror do tyranno,—é ella o fóco de luz, a sêde da sapiencia, o leito da verdade, a tribuna do povo, o verbo da liberdade.

Agora que, embora em toscas palavras, procuramos mostrar as vantagens da imprensa, é necessario declararmos a que qualidade de imprensa alludimos. A imprensa, de que fallamos, é aquella que merece a acceitação de todo o homem de bem; é a imprensa illustrada, seria e livre, porem moralisada.

Á essa outra especie de imprensa, filha abjecta da immoralidade e da licença, onde a infamia, o crime e a deshonra acham asylo seguro; á essa onde a honra do mais honesto cidadão é vilmente enxovalhada; á essa que dá abrigo a viboras venenosas, cuja peçonha procura macular a virtude e os caracteres mais integros e respeitadros; á essa onde o santuario das familias é nivelado ao lodaçal impuro da prostituição e da vergonha; á essa cuja linguagem immunda faz corar e é repellida pelos homens de criterio; a essa imprensa, finalmente, á que Guttemberg, si ainda existisse, lançaria a maldição;—á essa não nos referimos, porque a essa nem ao menos concedemos o nosso desprezo.

Abril—14—77.

B.

VARIEDADE

Escoava-se o anno de 186...

Meia noite, hora em que os pobres artistas descansam das fadigas do trabalho, para no outro dia de novo recommençal-os; meia noite, hora de que se aproveitam os assassinos e salteadores para secretamente pôrem em execução os seus sinistros planos; meia noite, hora em que os homens, segundo as suas posses, se divertem; meia noite finalmente, hora maldita muitas vezes pelo pobre pai de familia, que, sem meios de subsistencia para si e para os seus, e lastimando o seu infortunio, prefere a morte á propria vida; já havia soado na capella de S. José da cidade de...

Á essa hora festejava-se, com grande regosijo dos habitantes da cidade de..., o casamento do marquez de Ruivre, digno de respeito pelos seus titulos de nobreza e pela sua grande fortuna, com Anna d'Arcière, descendente de avós nobres, que haviam consumido a sua fortuna no serviço da patria.

Vamos dizer algumas palavras sobre os desposados.

Anna d'Arcière era uma dessas apparções encantadas, aonde a graça se combina com a energia, e aonde tudo o que existe nellas de ideal e de divino se transforma pela irradiação regular e vo-

luptuosa das formas phisicas; era dotada d'essa pallidez morena, que é a verdadeira formosura das mulheres do meio dia, e as ondulações dos seus cabellos pretos deixavam sobresahir o azul das veias, no tecido transparente da sua pelle assetinada; os seus olhos eram negros qual azeviche.

A sua altura não desmentia os dados de sua phisionomia, como se a natureza quizesse concluir até ao fim as mysteriosas deducções do seu pensamento. Era flexivel, elegante, magestosa e ao mesmo tempo languida; era como o calix estreito e tenue de uma flor robusta, que a sustenta, e se inclina com ella quando o vento a açouta ou a tempestade a ameaça.

O marquez de Ruivre, que teria mais quatro ou cinco annos, com o rosto assombrado de uma barba ruiva e pouco espessa ainda, era um typo quasi infantil, que denunciava, desde logo, que o seu berço fôra embalado entre as blancias de uma ternura previdente, e entre as lagrimas de um amor estremecido.

Emfim eram elles, noivos de horas, um par ditoso e enlevado nas delicias do seu destino, que já haviam confiado um ao outro esses sonhos dourados do futuro, que deslumbram a imaginação da mocidade.

Depois de termos feito, embora perfunctoriamente, a biographia dos nossos personagens continuemos.

Dous annos depois desse dia feliz, em que haviam-se ligado em indissolavel laço, e passados na maior felicidade domestica, Anna deo a seu marido, como fructo de seu venturoso hymineo, um menino que teve o nome de Carlos, e apôz ter recebido a educação phisica e moral sob as vistas maternas, com oito para nove annos de idade, foi mandado para um collegio da mesma cidade de... afim de lá estudar o curso de humanidades.

Mas quão triste foi o dia da separação do pequeno Carlos? Quantas lagrimas não verteram aquelles olhos de Anna d'Arcière, que até esse dia não sabião o que eram lagrimas?

Emfim foi preciso ao menino partir e procurar um futuro.

Um dia no mez vinha Carlos visitar a seus pais que viam, com grande alegria, o adiantamento que, de dia para dia, hia tendo o menino.

O marquez de Ruivre era mui diferente desses homens ricos que pouco se importam da educação de seus filhos; elle, embora senhor de immensa fortuna, queria que o seu Carlos seguisse uma carreira, para no futuro, se a desgraça o perseguisse, ter um meio de ganhar nobremente para o seu sustento, porque dizia elle e muito bem, «o saber vale mais que o ouro.»

Carlos, acabados os seus preparatorios, tinha de retirar-se para a Academia, e eis chegado o momento dessa dolorosa partida.

Mas essa auzencia seria ainda mais sentida por seus pais, porque agora vae elle para outra cidade e só decorridos annos virá habitar com elles e servir-lhes de amparo na velhice; ao passo que, a primeira vez que se separaram, ficára na mesma cidade e de vez em quando hia visital-os, mitigando assim as suas dores, e grandes saudades que delle tinham.

Depois dos beijos, abraços e lagrimas (indispensaveis) de seus pais, partio Carlos, em busca do futuro brilhante, por elle tão ambicionado!

Já tinha cursado tres annos os bancos academicos, onde mostrára talento admiravel, quando uma guerra inexperada com um paiz visinho veio-lhe avivar o amor da patria, que n'essa occasião precisava dos robustos braços de seus filhos para salvá-la.

Carlos, accudindo ao appello da patria, manda pedir permissão a seus pais para, abandonando os estudos, ir ao seu soccorro; e como não tivesse resposta affirmativa, resolveu-se a ir pedir pessoalmente. Elles (seus pais) negam-n'a; e Carlos, levado pelo entusiasmo, deixao o estudo, o radiante porvir, que se lhe antolhava, e corre as fileiras dos seus companheiros, reunidos para salvá-la. Porem Deus, que se compadece de todos os infelizes e que sabe remunerar os que praticam o bem, lembrou-se d'aquelle joven, que de tudo se esqueceo, só para ir em auxilio da patria.

Em breve, sendo terminada a guerra, voltou Carlos, coberto de louros e o peito ornado de medalhas e condecorações, que ganhara na campanha, para abraçar aquelles, que lhe deram o ser.

Mas, oh triste condição da humanidade! oh cruel fatalidade! só encontrou seo pai, n'um leito de dôr! Elle reconheceu-o, abraçou-o e no meio de soluços, os olhos cheios de lagrimas de alegria, contou-lhe que sua mãe não podendo resistir a longa auzencia d'elle (Carlos) e não querendo receber a noticia da morte do mesmo, deixara-se cahir n'um estado de abatimento tal que não lhe poudirão salvar, e que assim finalisára os seus ultimos dias, sempre pronunciando estas palavras: «Onde está o meu querido Carlos? Quero vel-o e abraçá-lo!»

O Marquez de Ruivre, graças aos cuidados de seu filho e ao tratamento de um medico, amigo de Carlos e que com elle fizera a campanha, ficou bom e por muitos annos gosou excellente saude e grande felicidade, junto de seu extremo-so filho; até que, sendo chegada a sua hora final, voou para o ceu, deixando o seu corpo inerte nos braços de Carlos.

Grande foi o golpe, que soffreo; mas elle, como christão, consolou-se com a vontade do omnipotente.

Terminado o luto, Carlos, vendo-se orphão de pae e mãe e senhor de immen-

sa fortuna, e não tendo um peito amigo, a quem confiasse os seus segredos, as suas magoas e prazeres, procurou uma esposa.

Luiza era uma linda moça, que morava não longe da habitação de Carlos; era pobre, sim, mas dotada de uma rara belleza, que seduzia a primeira vista; boa filha, extremosa irmã, Luiza era querida por todos e principalmente pelos pobres a quem ella dava, conforme podia, a esmola, essa virtude tão acceita por Deus.

Carlos enamorou-se d'ella e pediu-a em casamento; e alguns mezes depois, tempo preciso para fazer-se o enxoval, celebrou-se na capella de S. José da cidade de . . . , sem luxo e ostentação alguma, o casamento de Luiza com Carlos, esse joven que soube definir o que é o amor da patria.

S. Luiz, abril de 1877.

Nozulelm.

Minh' alma.

Não sei porque, mas a minh' alma é triste.
C. d'Abreu.

Immersa no penar passa minh' alma,
Contando do viver seu cada instante
C'um ai de desventura.

Não banha-a d'alegria um santo orvalho,
Não acha mais no mundo um só sorriso,
Chorando sempre e sempre!

Assim como soluça a rôla afflicta,
Cantando lá no bosque os seus queixumes
Em noites invernaes;
Minh' alma entrestecida assim suspira,
Gemendo o seu penar, as maguas suas
Nas trevas da tristesa.

E qual o rouxinol que triste entôa,
Em noites de verão na solidade,
O canto seu plangente;
E o pobre que soluça abandonado,
Suspirando do lar ternas saudades
No claustro do exilio;

Minh' alma solitaria amargurada
Soluçando desdobra em ais sentidos
O canto seu de dôr!
Um suspiro traduz uma saudade
Dos rizos seus passados que hoje chora
No ermo da tristesa.

Assim como entre os faustos da riqueza
Passa o pobre de todos ao abandono,
Seu fado a lastimar;
Pobre d'alegria assim minh' alma
Entre os gozos ao desdem de todos vive,
Chorando o seu fadario.

Immersa no penar passas, minh' alma,
Contando do viver teu cada instante
Co'um ai de desventura!
Não sorves d'alegria uma só gôta,
Não achas mais no mundo um só sorriso!
Oh! chora eternamente.

F.

A M.

Bate as azas borbuleta,
fende os ares com ardor,
deixa as flores, meu suspiro

vai levar ao meu amor,
fende os ares
no adejares
pousa ao collo de . . .
e em segredo
sem ter medo
conta a dor que aqui soffria.

Bate as azas borbuleta,
vence o espaço por favor,
passa a alcova, ao leito vai
accordar ao meu amor,
em suas faces
bem vivaces,
(cumpre em tudo meu desejo)
de belleza,
de grandeza,
deixa então meu pobre beijo.

Diz que é minha pobre offerta
nascida do coração
que receba nos meus beijos
provas puras de affeição.
Deixa as flores,
teus amores
Mas se acaso minha bella
der-te um beijo;
em seu desejo
Vem trazer-me o beijo della.

P. L.

Poesia,

*Dedicada a uma bella que vi por
ocasião de uma soirée em casa de um
amigo.*

OS OLHOS D'ELLA.

Uns olhos, que eu vi, eu amo;
A côr, que tinhão, não sei;
Eram mui lindos fagueiros,
Dentro do peito os guardei.

Não são azues côr do ceu
E tambem verdes não são,
Castanhos tambem não erão
Que desgostão o coração.

Ah! já sei, a côr da noite
Imitavam, são iguaes:
Grandes, alegres e bellos,
Formosos sem ter rivaes.

São pretos, oh! que doçura
Tinham n'um languido olhar;
Em meu peito senti logo
Ardente chamma lançar.

São pretos e tão amaveis
Me attrahiram o coração;
Que por elles sinto ainda
A mais ardente paixão.

São pretos e quando os vejo,
Eu conheço estremecer;
Qual esp'rança de ventura
Que quer meu peito acolher.

Mas não foi só de seus olhos,
Que minh' alma s'enlevou,
Que o seu todo era tão bello,
Que meu peito captivou.

Oh! Era assim seductora,
Vista de frente ou perfil,

Que não sei s'outra deidade
Encontrarei tão gentil.

S. Luiz, março—1877

M.

À EXM.^a SNR.^a D. R.

Desejos.

Quando tu vens á tardinha
Do tocador á janella
Reclinar-te sinhasinha
Brilhante qual linda estrella,
Trazes na face a belleza
No semblante a sympathia
No nivio collo a pureza
Na falla doce harmonia.

Trazes nos labios o riso
De meiga e linda creança,
Em teus olhares diviso
A mais fagueira esperança;
E nessas negras madeixas
Embaladas pelo vento,
Hei de encerrar minhas queixas
Derramar meu pensamento.

Acceita donzella o canto
Do travador infeliz,
Acolhe em teu seio o pranto
Que meu futuro prediz;
Conserva bem dentro d'alma
Esta lembrança de amor;
Que dos ceus terás a palma
Junto ao throno do Senhor.

S. Luiz, março 1877.

J. S.

COUSAS E LOUSAS.

Minhas senhoras e meus senhores (é a saudação usada) tenho a honra de cumprimental-os. Caro *Noziulelm*.

Ja tenho medo de fallar, porque si na conversa se pronuncia *Deus*, sahem logo quatro sujeitos a apontarem chamando Jesuita. Conquanto não seja insulto, mas a gracinha de ver-se a gente com quatro guarda costas a gritarem: Jesuita, Jesuita, não é la boa cousa, põe a gente da *sala para a cosinha*.

Terminaram-se os actos da Quaresma. Pregou na Sé, na sexta-feira santa, o reverendo Purificação. Na difficil missão de revistir do caracter de novidade um assumpto por demais tratado e descuido no correr dos seculos, o reverendo Purificação Jêu uma prova solemne de sua robusta intelligencia. Cada palavra, cada phrase que pronunciava o orador, na narração dos martyrios de Jesus Christo para nossa salvação, parece que se ia gravar viva e animada nos corações dos ouvintes. Oxalá fosse sempre a tribuna sagrada occupada por oradores como o reverendo Purificação.

E' lamentavel que ainda se veja as imagens que sahem em procissão irem fazer cortezia ao quartel. Louca vaidade!

E no entanto se admiram de Herxes castigando o mar.

Caro *Noziulelm*. Pasmeei deante do desrespeito que se observou no tracto da procissão de S. Benedicto. Vinte e quatro pessoas, poude contar, fumando. E o que é mais de lamentar é que n'este numero entrem algumas pessoas de idade avançada.

Dir-me-has talvez que cousa mais condemnavel se dêo; e é verdade.

Um homem, alto, magro, que usa suissas e que trajava de lucto, conservava-se de chapéo na cabeça quando o andor ia a poucos passos de distancia. Sendo avisado de que estava empropriamente de chapéo na cabeça, começou a resmungar em tom ameaçador. Ora, isto n'um rapaz não é descupavel, quanto mais n'um homem de idade.

Este homem não se envergonhará quando lembrar-se do seu acto?..

Como este, fez um Alferes do 5.^o batalhão; com a unica differença que aquelle fel-o no largo do Carmo, e este na rua dos Remedios, e ninguem lhe lembrou que indvidamente tinha o bonet na cabeça.

Recebemos o Alabama, Jornal que se imprime na Bahia, e o Orvalho, na villa da Vigia, Pará. O primeiro é jornal já conhecido; o segundo, novo na arena, longa vida lhe desejamos. Bem redigido, contem alguns artigos interessantes. E' sempre louvavel o apparecimento de um jornal, essa tribuna que tanto tem contribuido para o progresso da humanidade.

Pintaram-se os bancos das aulas do Lyceu, porem de tal forma que a tinta vai sahindo nas calças e palitots dos alumnos que nelles se sentam.

Pedimos a attenção da Exm. Camara Municipal para a rua das Hortas, onde por falta de calçamento tem os donos das casas soffrido prejuizos com as chuvas.

A sociedade Recreação Litteraria está em uso de Oleo de bacalhao.
Desejamos se restabelessa.

Tomaram posse os recém-approvados Machado e Caldas, na Sociedade União Juvenil.

Acham-se em poder dos socios os srs. Guilherme Tell, Domingos Machado, Plinio Lima, Nina, Berredo e Bacellar. 6 theses. Em discussão uma, do sr. José Gregorio.

Numa discussão na sociedade União Juvenil um socio, disse que os romances, os trechos latinos e poesias é que tirava o valor aos jornaes litterarios. O que mais é para admirar é que elle gosta de empregar o seu latinsinho quando em alguma discussão. *Sibi non cavereliis consilium dare stultumaesse*, lhe diremos d'aqui.

Como se poderá chegar á perfeição em tal materia sem primeiro passar pela imperfeição?

Pensará esse senhor que os grandes escriptores que hoje admiramos, nasceram com todo o saber que lhes reconhecemos actualmente?

A poesia, nunca jamais poderá trazer a ruina de um periodico, ou mesmo de um paiz.

Si assim é, porque então veneramos e respeitamos a Homero, Virgilio, Lucano, etc, porque é que Alexandre que tinha tanto poder e tantas glorias, almejava no entanto as de Achilles?

Porque é que a Inglaterra e a França, tão poderosas e ricas, uma dominando pela riqueza e abundancia de seu commercio, outra pela industria, artes e litteratura, elevam estatuas a seus poetas, pronunciam com orgulho e respeito os nomes de Milt n, Byron, Racine, etc.?

Porque será que chamamos a patria de Camões em vez de Portugal, será porque esse nome tenha mais valor do que o da propria nação?...

E esse valor que tem os poetas será por tão somente dar a ganhar aos typographos, gastar papel occupar estantes?

Será por isso que se operou entre tantas cidades gregas a disputa de possuir o berço do auctor da *Ilíada*?

Serão ephemerous caprichos?..

Certamente que não, porque a ideia do bello, que é a perfeição almejada pelo homem, jamais se apagará; jamais se acabará, pois nella é que está a civilização e o progresso da intelligencia humana.

O *Poder do ouro* é o drama que foi levado á scena em beneficio da actriz d. Maria Bahia. De facil enredo, contendo no fundo uma critica delicada. A primeira vista parece mau pelos actos que representa o Barão, Visconde de Gondomil, porem nesta encerra elle muita moralidade.

O fim desgraçado do barão foi a corôa de seus vicios, e sentimentos corruptos.

Os actores que no seu desempenho entraram, estiveram menos mal, sobresahindo o sr. Bahia e Santos. O sr. Lima pela primeira vez que se occupou com papel de importancia, não foi mal.

No beneficio do empresario Vicente deram-se algumas imperfeições sensiveis na execução dos diversos papeis. A rainha Crinoline contem uma critica fina e delicada. Não podia haver no nosso entender, occasião melhor para sua representação, doque na actualidade, quando mais se agita a questão da educação da mulher.

A sua execução correu bem.

A sociedade novamente criada, pelo exm. sr. dr. Sá Benevides, é indubitavelmente de grande vantagem para as classes desfavorecidas da fortuna. É preciso e essencialmente que um interesse vivo anime os dignos membros das respectivas commissões, sem o que não servirá senão para attribuir-se ao exm. sr. Dr. Benevides intenções que certamente elle não teve.

Permitta Deus, não fique como a sociedade Onze de Agosto; que as intenções de sua exc. sejam tambem interpretadas e comprehendidas, quanto grande é o beneficio que encerram.

Concluiu sua commissão nesta provincia o general Mesquita; retirando se satisfeito pela boa ordem em que achou os diversos objectos de sua commissão.

Com a chegada do vapor, espalhou-se a noticia de que tinham sido extinctos os exames geraes. Os estudantes puzeram a *boca no mundo*; uns approvando tal resolução, outros reprovando, abundavam cada qual em seus argumentos. Uns viam neste acto a separação forçada que em breve iam soffrir, outros um obstaculo a sua felicidade. Entre estes o que mais me commoveo, foi o *Noziulelm* que me appareceu queixando-se que não veria a festa dos Remedios, pois antes tinha de retirar-se, afim de chegar a tempo dos exames na Bahia.

Forão eleitos na sociedade União Juvenil para comporem esta redacção os snrs. Luiz V. Jansen Vieira de Mello Julio Archimedes Bacellar e Plinio Francisco Mozart de Souza Lima; aos quaes poderá ser dirigida qualquer reclamação, relativamente a este jornal.

Zarmot

REVISTA JUVENIL.

JORNAL LITTERARIO CRITICO E NOTICIOSO

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augetur scientia.

BACON.

Publica-se 3 vezes por mez.—Assignaturas adiantadas.—2\$000 rs. por trimestre,—Numero avulso 300 rs.

ANNO I.

Maranhão,—Domingo, 29 de Abril de 1877.

NUMERO 10

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO, 29 DE ABRIL DE 1877

Inspirada somente no louvavel empenho de offerecer aos seus associados um meio de proseguirem no cultivo de seus espiritos e no desenvolvimento de suas intelligencias e á despeito de mil difficuldades, tomou a União Juvenil sobre seus hombros este pequeno jornal, a que deo o nome de *Revista Juvenil*.

Para redigil'o foi eleita uma commissão de tres socios, estudantes que nas suas horas vagas procurão cumprir com dedicação esse espinhoso encargo.

Não desconhecendo os obstaculos, que tinha a superar na ardua tarefa que ousava emprehender, a Sociedade União Juvenil não trepidou um só instante no firme proposito de apresentar ao publico o fructo abençoado das locubrações de seus associados, julgando que não deixaria de ser attendida n'uma tentativa em todos os pontos progressiva.

Estamos convencidos de que não houve engano n'este juizo. Provas mais

que evidentes de que pelas pessoas illustradas é bem acolhido o nosso jornal, temos recebido, e é d'essas pessoas que ambicionamos o beneplacito.

Podemos prezar o conceito só d'aquelles que á altura estiverem de nos louvar, se dignos formos de elogio, ou de nos censurar, se errarmos.

Ardentemente desejamos a approvação das pessoas cultas; desprezamos com tedio o ataque de individuos, cuja estulticia e malevolencia não podem gerar senão torpes argucias.

Estas são as ideias que temos seguido e havemos de seguir; possuidos d'ellas formulamos o nosso programma, ao qual ainda não faltamos e cuja immensa latitude nos não permittio poder dar-lhe o devido desenvolvimento. Resta-nos um immenso campo a percorrer—o da instrucção popular, base de todo o progresso, e só poderemos exploral'o bem, quando animados por vozes benevolas e pelo apoio do publico, conseguirmos o meio de firmar esta empreza.

E' porisso que ainda uma vez, ó publico pgressista, vos dirigimos um ap-

pello. E' só com o vosso apoio, que podemos lograr o premio do nosso trabalho e portanto favorecei a *Revista Juvenil* com um acolhimento benevolo.

Em troca da leitura das suas columnas dai-lhe o obulo das vossas assignaturas e animai-a com as vossas luzes.

A verdadeira expressão da civilisação de um povo é o seu jornalismo e nó paiz aonde não póde existir um jornal litterario, é porque n'esse paiz não se preza, nem póde haver a litteratura.

A mocidade é a vanguarda das nações, e a ella é que deve-se a iniciativa nos grandes movimentos civilisadores.

E nós pertencemos a mocidade e tambem sentimos girar-nos com ardor o sangue nas veias, todas as vezes que as palavras—progresso e civilisação—vêm echoar aos ouvidos. Eis porque, ó publico, querendo precipitar-nos nas lides progressistas, rogamos a vossa valiosissima protecção, porque sem ella infructiferos e inuteis serião certamente os nossos esforços.

Ja não ha felizmente quem desconheça as grandes vantagens que um jornal lite-

FOLHETIM

BERNARDO TRENCVELLO

POR

LAVALLÉE

TRADUÇÃO DO FRANCEZ POR * * *

Conclusão.

—Então! minha pombinha brava, disse elle, corresponderéis hoje ao meu amor? Querereis hoje me acompanhar?

—Quem sois? bradou Namfos, cuja voz tremia de colera, para atrever-vos a penetrar assim em casa de gentes que não vos esperam nem vos chamam.

—Que te importas? replicou o guerreiro, com que direito ousas me interroiuper e interrogar?

Estou em minha casa. Estarei amanha quando menos, porque Sisená é minha noiva e amanha será minha mulher.

Mentes! Sisená é muito bella para ser mulher de um rustico e tu não ousarias disputal-a a Bernardo Trencavello, conde de Besalu.

Namfos que ja estava no auge do furor, fez ouvir, antes uma especie de mugido, do que uma resposta. Porem elle apertava convulsivamente o cacête.

—Minha filha continuava Trencavello, convem ir, tu irás hoje; eu o tenho assim resolvido, e toda a resistencia será inutil; depois elle agarrando a moça que queria se agarrar á uma mesa que se achava perto d'ella, pol-a sobre o braço esquerdo, como a ama faz com uma criança amuada. Desesperada, desolada ella estendia as mãos para o seu noivo. Este, postado diante da porta disputava a passagem ao raptor; sua massa de nespreira se agitava no ar; mas Trencavello, sem deixar sua presa se limitava a desvial-a com a mão que estava livre. Afinal elle poude parar e tomar o pau entre seus ded s, que brou-o como se fosse um fragil canço. Depois, agarrando Namfos pelo peito, levantou-o e balançando-o no ar, lançou-o contra

o barrote que sustentava a porta. Todos os ossos do desgraçado estalaram. O sangue esguichouse de seus narises, dos olhos e da boca. Cahio, sem vida, atravessado na porta. Trencavello affastou com o pé este obstaculo inanimado, levaddo a outra vitima, cujos gritos imploravam socorro e pediam vingança.

Eram ja passadas algumas semanas e o tempo não fizera mais que augmentar o dio de Sisená contra o seu raptor. Ella implorava uma vingança do céu, que não esperava dos homens, porque predisseram que Trencavello não pereceria nem pelo ferro, nem pelo venêno. E alem disso o que podia ella, fraca criança contra um homem que quebrava o ferro com as mãos? Resignada ella esperava. As veses acompanhada de Bernardo, ella se destrahio, nas campinas, de suas maguas e de seus infortunios. Este, a quem o desprezo de seo captivo o tornava mais amoroso ainda, se esforçava o mais possivel, para merecer o seu amor.

—O que é preciso que eu vos faça para me amardes? Tudo vos farei. Vosso coração entretanto não é insensivel, um outro soube

ario traz a mocidade; mais ainda não se extinguiu de todo a indiferença pelo que justo e bom. Neste caso está um jornal litterario.

Não cessaremos, pois, de pedir ao publico illustrado d'esta capital a valiosa protecção, que sempre dispensa aos committimentos nobres, e aos nossos assignantes o obsequio de satisfazerem seus debitos. Grandes são as difficuldades com que lutamos para que possa ser regularmente publicado este jornal; sêde portanto pontuaes e contaes tambem com a nossa grata sollicitude em collocarmo-nos na altura do favor com que nos honraes.

VARIEDADE

Um casamento infeliz. *

Existia no interior da provincia de... um velho lavrador, chamado Anastacio; era casado com Josephina, de cujo consorcio teve um unico filho, ao qual deu o nome de Francisco.

Francisco, apenas contava 14 annos, foi obrigado a retirar-se para a capital, afim de receber uma bôa educação.

Chegando á capital procurou a Itelvina, viuva abastada e amiga de sua mãe, de quem trouxera uma carta de recommendação.

Itelvina o recebeu com muito agrado, offerecendo-lhe casa e mais arranjos, e apresantando-o a seu filho, cujo nome era Augusto.

Depois de fallar com o mestre, man-

* Este trabalho o auctor dedica ao seu particular amigo e collega, o snr. Luiz Venancio Jansen Vieira de Mello.

toca-o—Elle me amava, replicou ella, sua ternura, sabia advinhar meos desejos, sabia satisfazel-os, sem que fosse preciso declaral-os. Todos os dias suas mãos enfeitavam minha janella com—Flores! exclama o conde lançando um olhar em torno de si; mas de um lado via a terra quasi nua, que apenas começa a reverdecer; de outro as aguas do Fluvia, que, convertido, pelos geleiros, em torrente impetuosa rolava suas profundas e furiosas aguas.—Elle sabia achal-as, acrescentou Sisena.

Depois, no lugar onde a margem é mais excarpada, á alguns passos d'agua somente, ella apercebeo uma fragil roseira.—Uma rosa, uma rosa, exclamou ella, primeira do anno! mas com profundo suspiro acrescentou:

Namfos a teria visto primeiro que eu.

—Se eu vol-a offerecesse, disse Bernardo, o aceitariais com praser? me amariais um pouco? Ella corou, mas não respondeo. Prometteis-me de não me deixar jamais, e de partilhar de minha sorte? Eu vol-o prometto, respondeo ella e seus olhos brilharam mais do que de costume.

dou-o para aula em companhia de seu filho que, então, contava 16 annos; o lente mostrou-lhe muito agrado, dando-lhe bons conselhos e promettendo-lhe fazer em seu beneficio tudo quanto estivesse ao seu alcance.

Francisco voltou da aula muito satisfeito, e escreveu depois á seus pais, que receberam com muito prazer a sua carta, na qual lhes communicava o excellente acolhimento, que tivera de Itelvina.

Comparecendo sempre á aula, onde mostrou o seu talento, foi premiado pelo lente; ao passo que Augusto foi castigado por quasi nunca estar presente ás licções e leval-as sabidas.

Este, contrariado, disse a sua mãe que vingar-se-hia do seu companheiro, visto como era elle o que devia ser premiado, e não o que frequentava ha poucas semanas á aula.

Sua mãe, não só pelo direito como pela amisade que tinha a Francisco, reprehendeu-o, dizendo-lhe que, se tal aconteceu, foi porque elle não imitou-o, levando suas licções como devia.

Augusto, cada vez mais indignado, respondeu-lhe que, se agora não se vingasse, mais tarde fal-o-hia.

Neste interim chega á capital a noticia do fallecimento de Josefina, o que muito acabrunhou a Francisco; e, não obstante o golpe que soffreu, continuou a estudar, conseguindo terminar sens preparatorios no fim d'esse anno.

Depois recebeu uma carta de Anastacio, na qual elle lhe dizia que seguisse para outra provincia, onde houvesse academia, afim de formar-se no que tivesse vocação.

Não era sem perigo que se podia chegar, até a flor, objecto de seos desejos. A margem do rio, era formada por um rochedo ingreme e elevado, onde nem o pé nem a mão podiam achar apoio. Porem Bernardo se fiava em sua força e agilidade, Vergando um comprido galho de olmeiro que pendia para o abismo, se servio delle como de uma corda para decer até a roseira.

Quando Sisena o vio assim suspensa por esse ramo, sobre a torrente, lançou mão do largo sabre que tinha deposto á margem do rio se poz a cortar com todas as forças o galho da arvore que o sustentava.—

Pára, eu t'o supplico gritava Trencavello, se esforçando por sobir, cessa de cortar, repelia elle; eu te accumularei de riquezas, te restituirei a liberdade; tem piedade, tem piedade de mim!—Não, não, tu não tivestes piedade de meo noivo. E se ouvia o ferro que feria a madeira.

Ja mais dos tres quartos da espessura do ramo ostavão cortados; elle ja tinha estallado, mais ainda resistia, quando, para cortal-o por um derradeiro golpe, Sisena levantou sua

Elle immediatamente cumprio ás ordens paternas, visto ser este o seu mais ardente desejo.

Quando já tinha cinco annos de curso medico, viu-se obrigado a voltar á sua provincia, afim de dirigir os negocios de seu pai, que havia fallecido.

Chegando á capital da provincia de... dirigiu-se á casa de Itelvina, onde esteve hospedado por algum tempo; encontrou ainda Augusto, á quem fez muito agrado, alem de offerecer-lhe uma rica obra litteraria.

Augusto, que não era amante da litteratura, pouco ou nenhum caso fez do presente que, com prazer, lhe havia dado o seu amigo.

Francisco, concluindo os negocios, voltou á academia para concluir seus estudos, o que conseguiu.

Como se achasse só, entendeu dever procurar uma companheira, o que fez, unindo-se á Amelia, sua comprovinciana; e, como quizesse ser reconhecido á Itelvina, convidou-a para testemunha de seu casamento.

Augusto, que ainda conservava em seu peito essa cruel e injusta vingança, disse á sua mãe:

«Agora é occasião de cumprir a minha vingança.»

Como, disse Itelvina, ainda não mudaste de resolução?!!

«Vm.ºe verá,» respondeu-lhe Augusto.

Francisco, no dia seguinte ao de seu casamento, convidou á Itelvina para ir passar o dia comsigo; ella acceitou o convite, levando em sua companhia seu filho.

Passado o dia na maior alegria pos-

arma, reunindo todas as suas forças; porem o sabre deo em falso, e a lamina se quebrou, antes de cortar inteiramente o galho.

Entretanto Trencavello ia attingir o cume; alguns instantes mais elle estaria salvo—Eu sei, disse a donsella, o ferro não pode nada contra ti

Porem se o galho é assaz forte para supportar teo corpo, elle deve ceder ao nosso peso reunidos. Ella o agarrou com ambas as mãos; depois se suspendendo nelle, se lançou sobre o abismo. O ramo quebra; a noiva e o assassino de Namfos, desaparecem ambos nas aguas.

Pensou-se que o accaso só podia ter dado a morte ao conde, e Tomich, em sua chronica dos condes de Barcellona se esprime assim:

Quando vivo esse conde Bernardo Trencavello foi conde de Besalu. Elle foi chamado Bernardo Quebraferro, por ser demasiadamente valente. E o dito conde Bernardo Quebraferro, por sua desventura, atravessando um rio morreo affogado em o anno de N. S. de 1024.

sivel, depois do jantar, que teve lugar as 6 horas da tarde, Itelvina perguntou a Francisco:

«Então, estaes satisfeito hoje, Francisco?»

Elle respondeu-lhe que sim, visto como se achava junto do ente á quem muito idolatrava.

Francisco, disse Augusto, esta satisfação não te ha de durar muito!

Porque? perguntou Francisco!!

Augusto, tirando um revolver de dentro do bolso, dispara um tiro em Amelia, e depois outro em si, tendo apenas tempo de dizer «vinguei-me.»

Francisco, disse Itelvina, viste que scena triste acaba de ser theatro tua varanda?!

E, olhando para o cadaver de seu filho disse:

«Meu filho, tu fizeste o mesmo que Caim á Abel!»

Francisco, resigna-te, porque o mesmo eu farei; cre que te estimo muito, e tratar-te-hei como meu filho.

Senhora, disse Francisco, muito vos agradeço, e ser-vos-hei sempre grato, já que tive «um casamento infeliz!»

S. Luiz, 23 de Abril de 1877.

Tossan.

Paraphrase.

Quem eu sou?...
Ningnem!
Garrett.

Quem eu sou?—nota perdida
D'um threno que fim não tem;
Onda batida na praia
Onde louca morrer vem
Luz triste, sem reverbéro
Eu, poeta, sou tambem;

Sou folha errante que o vento
Do verde tronco arrancou;
Chamma ardente que brilhava
Mas que o tufão apagou;
Rosa mimosa dos valles
Que a calma lenta crestou;

Baixel sem remos, sem rumo,
Que flutúa sobre o mar;
Ave terna que seu ninho
Veio o milhafre roubar;
Joven que vio toda esp'rança
De su'alma se acabar;

Brisa indolente da tarde
Que passa sobre o rosal;
Homem perdido descrente

P'ra quem nada o mundo val!
Navio que as ondas batem
E não encontra um fanal;

Poeta que triste chora;
Criança que muito amou;
Homem que fel e absintho
A largos tragos libou;
Hoje de ti despresado
Não mais perguntes—quem sou!...

Janeiro 27 de 77.

Alfredo Galvão.

Acrostico.

Escisar quisera do peito
— infeliz o nome teu,
— enho, porem, bem gravado
— mal-o é destino meu.

V.

Poesia.

*Offerecida ao meu amigo Julio A.
Bacellar.*

Amigo Julio
Te vou offertar
Com uns versinhos
Que fiz ao luar.

Não repares, amigo,
Na offerta d'amizade;
Pois é dictada d'alma
Que só tem sinceridade.

Se acaso achares erros
No meu debil, humilde canto,
Não repares, nem te canses
Com cousa que não vale tanto.

Amigo, não sou poeta,
Nem tal pretendo ser;
Senão eu teria versos
Para de mimo te offerecer:

Porem a amisade me faz
Quebrar o triste silencio meo
Para apresentar-te uns versos,
Que o engenho me offereceo.

Que anjo! Meu Deus! Que anjo.
Se apresenta a minha vista!
Será por acaso um sonho
Ou dos homens uma conquista?

Será um anjo desfarçado em mulher,
Que vem ao encontro meo?
Ou será uma simples visão,
Que na terra appareceo?

Não, não é uma simples visão
Esse bello e formoso archanjo,

E' uma mulher, que dissimulada
Appareceo como um lindo anjo.

Seus olhos erão grandes e lindos,
Como duas perolas á brilhar,
O seu nariz, os seus labios
Quão formosos para se pintar!

A sua tez côr de rosa
Parecia-se á um fino carmim,
A sua cintura delgada,
Os seus dentes de marfim!

Os seus pés delicados,
N'um lindo e branco sapato,
Erão asim encantadores,
Qual folhinha n'um regato.

Suas mãos alvas e pequenas,
Nos dedos anneis d'ouro;
Dava tudo n'esta vida
Para obter esse thesouro.

O seu todo era elegante,
Como tal eu nunca vi:
Qu'ardente chamma no peito
Atear-se-me logo senti.

Porem quando eu contemplava
Esse formoso anjo dos Céus,
Eis que tão repentinamente
Fugio dos olhos meus,

Bem julgava ser vizão
E isso não me enganou;
Pois era tamanha lindeza
Que os meus olhos captivou.

S. Luiz, 17 de Março de 1877.

M.

O teu nome.

É nome que meu peito alenta e aquece
E que murmura a sós o de Maria.

(Dr. F. Vieira de Souza)

Teu nome singelo,
Tão puro e tão bello
Eu tenho gravado
Com dor e com pranto
D'amor por encanto
No peito abrasado;—

Não acho expressão,
Que pinte o condão,
Com que elle arrebatá,
Contigo ligado,
Fazendo lembrado
Teu nome que mata.—

Em vão eu procuro
Teu nome tão puro
Nas cordas achar
Da lyra afinada,

COUSAS E LOUSAS.

E a corda encantada
Não pude encontrar!—

E a doce harmonia,
Que a lyra exprimia.
Não tinha a belleza
Do nome singelo,
Tão puro e tão bello
De tanta puresa!—

Com pallidas cores,
Ou vivos fulgores,
Incerta no céo,
A luz d'uma estrella
Em noite singela,
Brilhando sem véo,—

Tão linda e formosa,
Tão casta e mimosa,
Em mim não produz
O effeito saudôso
Do nome ditoso
Que tanto seduz!—

E a brisa que passa,
Que morna esvoaça
No valle o no prado
Sussurra com mêdo
E como em segredo,
Teu nome adorado:—

E a fonte quixosa,
Que vae preguiçosa,
Da margem fingindo,
Com doce arruído,
N'um frôxo gemido
O vae repetido;

E o nome singelo,
Tão puro e tão bello,
O nome querido.
A sua doçura
Imprime a natura,
Assim repetido.—

Que a brisa amorosa
A fonte queixosa
E a pallida estrella
E a lua brilhante
E o canto distante
E a noite tão bella,

Em si resumindo
Teu nome tão lindo
Que tanto seduz,
Em breve pintura,
A sua doçura
Assim reproduz.

Amabilissimos leitores, nós vos comprimentamos; saude e felicidade é o que vos desejamos.

Teve lugar no dia 12 do corrente na casa do commandante do 5º batalhão uma esplendida soirée, offerecido pela officialidade do mesmo batalhão ao sr. general Mesquita, que deu por finda a inspecção, no dia antecedente, que veio fazer nesse batalhão. Dias depois embarcou para o Pará com o mesmo fim.

Assistimos a essa soirée, não como redactor deste jornal, como disse o nosso illustre collega redactor do «Apreciavel,» a quem pedimos venia para retificar este engano, mas sim como um simples particular.

Reinou muita harmonia e familiaridade entre os convidados que pareciam estar muito satisfeitos.

Admiramo-nos em ver uma moça, que declarou a um nosso collega não dansar com estudantes, dansar com um.

Emfim basta dizer que a soirée foi tão nobre que vimos um tocar, á entrada do general, foguetes de lagrimas.

Os homens da Recreação Litteraria tomarão a graça do compadre Zarmot em sentido opposto ao em que foi dito por elle. Não contem a comparação sentido offensivo. O compadre, sabemos, é muito dedicado tanto a associação como a maior parte de seus membros. Estabeleceo elle tão somente a comparação entre o estado em que esteve e o em que se vae pondo essa sociedade: essa foi a sua intenção.

Movidos pela noticia que deo o «Jornal para todos,» fomos ver os ramos de maravilha, obra do sr. Lima. Podemos affiançar que é um trabalho delicado e lindo.

Pela falta de chuvas tem alguns vigarios do interior convidado os fieis a reunirem-se nas igrejas para dirigirem suas preces ao Altissimo, implorando a sua misericordia.

Consta-nos que aqui já o tem feito uma das irmandades erectas na igreja de S. Antonio.

O Ceará passa por uma crise bem digna de lastima. A pobreza vê-se a braços com a fome; pelo que a redacção do «Diario do Maranhão,» possuida dos mais puros sentimentos de piedade christã, abriu uma subscrição, cujo producto será applicado em beneficio dos infelizes. As pessoas que possuem um coração que se enternece pelas desgraças do proximo, encontrão n'este acto um meio de serem uteis aos nossos irmãos e viuuhos que ali estorcem-se sob a agonia da dor e os horrores da fome.

O dia 21 de abril celebrizou-se por mais de um motivo.

N'esse dia subio, heroica e corajosamente ao patibulo o martyr da liberdade, *Tiradentes*.

Tão nobre era a causa da sua morte como grande a coragem de tão denodado campeão da liberdade.

292 annos antes, Pedro Alvares Cabral descobria os primeiros signaes da terra de Santa Cruz.

Na sociedade Recreação Litteraria, discutio-se na sessão de 22 uma these sobre a imprensa de que foi dissertador o sr. Antonio Godoes que descutio-a mui vantajosamente.

Na Sociedade União Juvenil discutio-se na sessão de 26 uma these sobre a apparencia e movimentos dos cometas, dissertada pelo sr. José dos Reis. Os rapazes estiverão fracos, devido isso á não terem alguns ainda estudado a astronomia.

Na mesma sessão os snrs. Domingos Machado, Plautilio Lima, Domingos Leite e Plinio Lima pedirão suas dimisões de socios, que, depois de prolongadas discussões, forão negadas pela casa.

Porem esses snrs. dizendo que fizerão taes pedidos, levados por uma causa, e que logo que esta continuava, não podião elles ficar no seio da sociedade, derão as suas dimisões.

O primeiro não desempenhava cargo algum; o segundo desempenhava o de membro relator da Commissão Fiscal; o terceiro o de membro relator da Commissão de Redacção; e o quarto, o senr. Plinio Lima, os de Orador da Sociedade e de um dos redactores d'este jornal, que muitas vezes vio as suas columnas esmaltadas pelos escriptos do senr. Plinio Lima, que por sua modestia assignava-os com o pseudonimo de *Zarmot*.

Eu, não só como seu amigo, mas como redactor, seu collega, sinto bastante a sua retirada e lastimo a ausencia de um companheiro que sempre tinha ao meu lado, pugnando pela santa causa da instrucção; que varias vezes abandonava os seus estudos e os seus interesses, para ajudar os seus collegas á levarem avante esta empreza.

A noticia da suspensão dos exames geraes n'esta provincia poz em sobresalto os rapazes, que encontravam-se em todas as partes, principalmente na Bibliotheca Popular, Hotel, e na botica do senr. Pinheiro. Fallando serio, o negocio nos encommodou, pois viamos os nossos bellos planos frustrados; não podiamos assistir (estão de accordo connosco todos os jovens, que, como nós tem de se retirarem no fim do anno para Pernambuco, Bahia ou Rio de Janeiro alim de lá se matricularem nos cursos superiores do Imperio) a popular festa de N. S. dos Remedios, uma das mais brilhantes e pomposas que se fazem n'esta provincia.

Mas o Redactor do Paiz, que tem-se mostrado accerrimo defensor dos exames geraes n'esta provincia, consolou-nos, dizendo que ha exames em Dezembro e talvez em Junho.

Deus permitta que assim succeda.

A redacção d'este jornal é composta dos snrs. Luiz Venancio Jansen Vieira de Mello, Julio Archimedes Bacellar e Alfredo Raposo Barradas, aos quaes pode ser dirigida qualquer reclamação relativa a este jornal.

Nozulelm.

REVISTA JUVENIL.

JORNAL LITTERARIO, CIENTIFICO E INSTRUCCIONAL

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augebitur scientia.

BACON.

Publica-se 3 vezes por mez.—Assignaturas adiantadas.—25000 rs. por trimestre,—Numero avulso 400 rs.

ANNO I.

Maranhão,—Quarta-feira 23 de Maio de 1877.

NUMERO II

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO, 28 DE MAIO DE 1877.

Sociedade União Juvenil.

THESE.—*Sobre a apparencia e movimento dos «cometas» dissertada pelo socio José G. dos Reis, e discutida na sessão de 26 de Abril de 1877. — Offerecida ao seu amigo Domingos Pedro dos Santos.*

The hand that made us is divine.

(Adison.)

Os homens sempre se tem julgado mais importantes do que realmente o são encarados sob o ponto de vista da ordem universal.

Possuidos da idea de serem os privilegiados da Creação, elles antigamente tomados de uma sorte de terror olhavam como um aviso do céu o apparecimento dos cometas, esses mysteriosos habitantes do infinito.

Relativamente a cor, comque se mostravam no firmamento esses terriveis e ameaçadores phantasmas celestes presagiavam diversos acontecimentos, cada qual o mais funesto. Si' o astro errante tivesse a cor esbranquiçada annunciava necessariamente as lethargias e outras molestias; si avermelhada nada menos que a febre amarella vinha flagelar a pobre humanidade; si negra finalmente era o presagio indefectivel de meteoros que haviam de chover na superficie da terra, causando males incriveis, e assim a proporção.

Algumas veses eram os cometas indicios fataes de um diluvio.

Todas as vezes que tinha lugar algum acontecimento extraordinario se accusava disso a má influencia do cometa que o tinha antecipado. A morte de Julio Cesar, a morte de Luiz I de França, o Bonachão, a invasão da Inglaterra por Guilherme o Conquistador, a tomada de Constantinopla por Mahomet II, o schisma de Henrique VIII ou a Igreja anglicana, a conquista do Mexico etc. foram presagiados por esses sinistros mensageiros do destino, inflexiveis e fataes como elle.

Era tão arraigada a crença dos homens na influencia dos cometas que não ha

quasi factos notaveis na historia que não tenham sido assignalados pelo apparecimento brusco de um desses astros vagabundos.

E' assim que até o ultimo seculo se acreditava nos agouros presagiados pelos cometas: porem hoje, graças á benevola influencia da sciencia esses Ashaverus da Astronomia tem perdido quasi todo o seo prestigio.

Mas infelizmente, como no tempo do Poeta Mantuano, ainda não se pôde dizer. *Felix qui potuit rerum cognoscere causas.*

De todos os povoadores do espaço, são estes astros os que tem dado origem a maior numero de hypotheses.

Mas aptes de entrarmos nas theorias modernas sobre os cometas, seja-nos permitido percorrer um pouco sobre as opiniões de alguns philosophos, algumas das quaes são outras tantas opiniões absurdas e arrojadas, que todavia assim mesmo iriam passando a posteridade, si outro caminho mais brilhante e scientifico não fosse aberto pelo genio de Newton.

Aristoteles, o creador da ceita peripathetica (dos peripatheticos, isto é, passeiadores) disia que os cometas, eram apparções reaes formadas das exhalações da terra, que se elevando até as regiões superiores da athmosphera, ali se condensavam e se inflamavam tanto pela influencia dos astros como pela acção dos ventos e influencia dos movimentos.

Afirmavam tambem os seus discipulos ou sectarios, os peripatheticos, que Marte e Saturno eram os geradores da substancia cometaria em virtude da acção de forças contrarias; o que explicaram elles dizendo que Marte abria os poros da Terra para dar sahida as dimanações, enquanto Saturno fechava-os, condensando-as.

Pythagoras era de opinião que os cometas descreviam orbitas como os planetas, posto que mais alongadas, rasão porque só eram visiveis em uma pequena porção do seu curso, passado o que perdiam-se talvez para sempre nas raias do ceo visivel. Esta acertada opinião foi seguida por Eschillo e Hypocrates.

Seneca considerava os cometas como planetas muito distantes, que em virtude de certas leis visitavam-nos de quando em quando ficando encobertos durante o

resto de seu trajecto. Disia ainda este philosopho, que para o futuro o curso d'aquelles astros havia de ser observado, calculado e sujeitado a regra como o dos planetas. Esta profecia tem sido modernamente realisada. Esta opinião foi seguida por Apollonio do Myndo.

Hyparco que primeiro applicou a Geometria á Astronomia, e creou a Trigonometria e que primeiro tambem observou a precessão dos equinoxios, catalogou as estrellas e predisse o curso dos planetas e dos eclipses, e Ptolomeo que fundou o systhema planetario que traz o seu nome e que subsistio por tantos seculos até que foi derribado pelo de Copernico, ambos philosophos da escola de Alexandria conferiram os cometas como meteoros e apparções esporadicadas de natureza inteiramente diversa.

Os Chaldeus sabiam que os cometas eram astros da especie dos planetas, cujo curso disem, chegaram á calcular.

Disiam alguns philosophos serem os cometas meras illusões opticas, isto é, ter-se tomado por isso falsas apparencias causadas pela reflexão e varefracção da luz, deixando, comtudo, de explicarem como podem haver reflexão e varefracção sem corpos que os causem.

Disem outros finalmente que os cometas não eram outra cousa senão o producto de feixes de rayos luminosos de grande numero de planetas, cujo encontro ou mesmo proxima visinhança, fasia se confundir ou tomar por um só corpo.

Assim como estas, outras opiniões absurdas ha, que em vez de duplicarem, escurecem mais o que se procura saber, como por exemplo esta ultima ditada por Anaxagoras e Democrito.

Segundo Descartes, philosopho francez, os cometas no seu principio foram sóes fixos no centro de um vortice particular, que sendo transformados em cometas por uma cousa qualquer e não podendo ficar nos ditos vortices, tornam-se vagabundos ou errantes até acharem um vortice respectivamente apropriado. Assim pois elles só podem ser visiveis na terra, quando se demoram em nosso systhema solar durante um tempo variavel.

Galileo não admitia os cometas no numero dos astros.

Segundo Clairaut os cometas são su-

jeitos ás leis de gravitação universal, como os planetas. Appiano, Ticho Brahe e Cardan eram de parecer que os cometas estavam situados alem da lua com as caudas oppostos ao sol.

Newton disia que os cometas eram contemporaneos dos planetas e que sua luz dimanava do sol e que descreviam ellipses excentricas no vacuo, obedecendo ás leis de gravitação. Newton disia ainda que esses astros acabariam por se aproximar de tal maneira do sol, que afinal não podendo se abstrahir á preponderancia de sua attracção n'elles cahiriam uns após outros, servindo assim de alimentação ao calor que elle derrama no seu dominio.

Kepler disia que da mesma sorte que o mar tem os seus monstros, as baleias, assim o espaço tem os seus, os cometas; porrem elle explicava como esses astros são formados do excremento do ar pela faculdade animal.

(Continua)

A perfectibilidade humana.

Abalado pela torrente dos caprichos, os esurios da decadencia podem muitas vezes adulterar os direitos sacrosantos da descoberta de Gutemberg, ou sustentando paradoxos, ou impugnando absurdos; mas quem cede á voz da razão; quem estimulado por laivos de nobre orgulho povoca a luta, a discussão, a pugna, apenas levado pelo aferro ao embaite das ideias, ao choque das opiniões, a refrega dos combates, pode negar essa questão tão grandemente discutida e pelos vultos da *Historia das letras* considerada veridica—*a perfectibilidade humana*. Porque negar a *perfectibilidade*, é negar o progresso, é negar os direitos da synthese da creação, é negar o desenvolvimento da especie humana; por que é rebaixar o homem hodierno, degradal-o, collocal-o emfim revel com os outros animaes!

A perfectibilidade existe; tudo prova.

A voz cujos sons cadentes e plenos de harmonia todos admiram, a mão por alguns nomeada o sceptro, a soberania do homem, e tão considerada por Cicero e Aristoteles; sua divisão em cinco dedos que adequão-se ao objecto que procuramos conhecer; todos esses dons alem de lhe outorgarem o título de rei do universo, collocam-n'o nas condições mais preclaras para conseguir utilidades e afastar impecilhos, a que jamais chegarão as forças, combinadas de todos os seres; dizem por tanto em uma palavra e provam por meio de um só termo, não só a grandesa do homem, sua omnipotencia, seu valor, mas que é elle por natureza perfectivel. É por isso que um escriptor sentindo a impossibilidade de estreitar as raias da perfeição de que é susceptivel a humanidade, chegou a aproximar o homem pelo attributo de immensidade á natureza do proprio Deus!

Nós porem, acostumando-nos a Santo

Agostinho, iremos mais adiante, diremos:—*Est quod futurus est.*

Sim; descrever o circulo do aperfeiçoamento percorrido pela intelligencia humana, restringir ou nomear os productos do seu intellecto, e enunciar os immensos achados que tem enchido de conveniencias e enriquecido de sciencia as descendencias passadas e de hoje, e que assignão um futuro emprido de felizes augurios ás idades por vir, é uma tarefa tão grandiosa quão impossivel de ser preenchida; quando a humanidade marcha incessante, ao progresso indefinido e quando as circumstancias nos convencem de que se não vivemos na infancia, quando muito, vivemos na puberdade do seu desenvolvimento.

Sim; as faculdades humanas parece que tocam ao infinito, não sendo possivel assignar limites, nem aos vãos da intelligencia, nem aos estímulos da vontade, nem aos votos do coração.

Darwin provando que o homem não é uma creatura separada, creada de uma maneira especial e diferente dos outros animaes, mas o producto do mais alto desenvolvimento da serie animal, *progressivamente aperfeiçoado* pela selecção natural, da-nos assim uma ideia alta e sublime da perfectibilidade humana indefinida.

E assim tudo o mais.

Pelettan n'este lance:—*Le monde marche—vôa alto.*

Condorcet, este astro radiante que offuscou o mundo com seus principios luminosos, que dissipou em parte as trevas da Philosophia, Condorcet, o amigo querido, o discipulo idolatrado de Voltaire, e uma das estrellas da revolução de 1789 da-nos nos seus *Bosquejos dos progressos do espirito humano* traços suscintos, mas arrojados do que é perfeição.

Quem é que negará os immensos progressos feitos em todos os ramos de conhecimentos humanos?

Não ha, nem pode haver provas que destruão a perfectibilidade humana; não é possivel.

Imaginal, diz Cousin, um ente que tivesse assistido aos primeiros dias do Universo e da vida humana, e visto a superficie da terra ao sahir das mãos da natureza, e todas as bellezas d'estes antigos dias, o qual tivesse observado as bellas formas apresentadas pela natureza, ouvindo os harmoniosos sons soltados por ella; em summa, um ente que assistisse ao spectaculo do mundo primitivo, e o qual ressuscitasse hoje, não ser-lhe-hia quasi impossivel, em seu enleio, contemplando os prodigios de nossa industria, instituições e artes reconhecer a antiga morada do homem? Não supporia que uma raça superior viera occupar a terra e a metamorphoseara?

Cousin nos dá n'esse lance uma ideia verdadeira, atrevida e perfeita por assim dizer da perfectibilidade humana.

A humanidade pois não é, não pode ser impertectivel; não.

Para que a humanidade fosse imperfectivel era necessario que a verdade começasse hoje e acabasse amanhã. «Mas o que começa em um dia e acaba no outro são as differenciás, isto é, os erros.»

Era preciso que não existisse a guerra, que não é outra coisa mais senão um cambrio sangrento de ideias a golpes de sabre e a tiros de canhão, como diz Cousin; senão o combate do erro e da verdade; senão a victoria da verdade de hoje sobre a verdade de hontem, convertida já em erro. Era preciso, para que a humanidade fosse imperfectivel, desmentir o testemunho dos factos e da razão, como diz Volney; era preciso, se nos preteritos factos se nota o resaiço do equivoco, desmentir o facto existente da organização do homem; era preciso provar que elle nasce com esclarecido uso de seus sentidos; que sabe sem experiencia, separar o alimento salubre do venenoso; que o menino é mais atilado que o velho, o cego mais affeito e impavido em seu caminho do que o ente de subtil e agudo engenho; que o homem civilisado é mais desditoso que o anthropofago, em uma palavra, que não existe escala progressiva de experiencia e instrucção.

Mas assim não é.

Não basta por tanto continuamente repetir que a humanidade não progride; é necessario, importa dizer em virtude de que lei ella não caminha; porque falar e nada dizer é imbecilidade.

—Contando com um adversario aqui ficamos, tendo apenas tratado ligeiramente do thema grandioso que apresentamos; mas depois desta curta analyses, e quando tivermos sido refutado, entraremos na apreciação natural do homem, e nos entranharemos nas grandes, profundas e immensas descobertas feita pelo espirito nas sciencias naturaes; iremos visitar os tumulos dos nossos predecessores, e nas suas ossadas iremos buscar dados para estabelecermos a base do nosso edificio; e então mostraremos, assignaremos como teve logar o apparecimento do homem em face da terra,—não buscando na Bibila ou n'um Adão degenerado provas para isso, mais procurando nas cavernas e nas grutas, nas madres dos rios e nos leitões dos mares indícios solemnes da sua passagem.

Demo.

Sobre as causas dos nossos erros.*

A primeira necessidade, assim como o primeiro bem do homem deve ser a verdade; verdade na moral, que determina os deveres que têm os homens a cumprir n'esta vida: verdade na Religião,

* Este trabalho o auctor, em prova de amizade, dedica ao seu particular amigo Julio A. Bacellar.

que, dando-nos idéas elevadas da Divindade, nos ensina a prestar-lhe cultos dignos d'ella; verdade nas letras e artes, que as preserva do máo gosto e dos falsos ornatos como dos falsos pensamentos; verdade nos tribunaes, que assegura a innocencia e conduz a justiça ao triumpho; verdade na educação, que faz que os instituidores não sejam menos modelos que mestres da infancia e da mocidade; em fim verdade antes de tudo e verdade em tudo; eis aqui exactamente o que todo o genero humano procura por intimos desejos do seu coração; tanto elle tem comprehendido que a verdade é util e que o erro é prejudicial!

Para a sociedade a verdade é um principio de vida; ella era tão respeitada e venerada por Epaminondas, que, refere a historia, nem gracejando de seus labios sahira uma mentira, e certamente este é o maior elogio que se pôde fazer a um homem. Se, pelo contrario, o erro, que é um conceito falso que o espirito admite sem examinar se é falso ou verdadeiro, chega a dominar nos espiritos, elle os extraviará e os lançará em falsos caminhos; e corrompendo os pensamentos, os sentimentos e acções, virá a ser um principio fatal de dissolução e de morte. Apesar d'este amor secreto da verdade, que está nos corações de todos os homens, o erro se tem espalhado tanto e tem feito desviar tanto o sabio como o povo. Remontar ás causas dos nossos erros, conhecê-las bem, para evitarmos sua influencia, não será possível? Eis o designio, que tive, de vos entreter hoje sobre as causas ordinarias dos nossos erros.

Estas causas são o fraqueza da razão, a ignorancia, as paixões, etc. Tratarei só d'estas visto o espaço não permittir para mais.

A fraqueza da razão.

O homem deixa ver pelas suas faculdades muitos signaes de semilhança com o seu divino autor; mas da mesma maneira partilha das imperfeições e da miseria de tudo que é creado. Não obstante ser intelligente, a sua intelligencia é limitada; não tem uma absoluta impossibilidade de conhecer a verdade, mas não lhe foi permittido vêr e conhecer tudo: elle nunca saberá destruir os limites da sua razão, embora o seu orgulho murmure contra elles; dar-se a si mesmo uma intelligencia infinita lhe é tão impossivel, como possuir um corpo immortal, e se elle (o homem) é finito, como estranhar-se que seja fallivel?

Qual foi o historiador, por mais attento e exacto que tenha sido, que não se illudisse algumas vezes nas circumstancias de suas narrações historicas?

O homem está condemnado a pagar tributo a fraqueza da sua natureza; o unico meio de sanar esse mal é buscar esciarcer-se cada vez mais, todas as vezes que pôder, sobre aquillo que tem obrigação de saber, acautelar-se contra toda a illusão e

fortificar a razão pela experiencia e raciocinio.

A ignorancia.

Como ja disse, não sómente o espirito é limitado nas cousas que conhece, e sujeito á formar idéas falsas, incompletas e inexactas; mas quantas cousas não ha que elle ignora completamente!

A sciencia é um vasto campo, que o Céo confiou aos nossos cuidados e trabalhos; em alguma parte dá fructos sem cultivo, mas na maxima parte o homem com o suor de seu rosto o fertilisa e jamais um homem só o poderá rotear todo.

De que maneira elle poderá com acerto julgar d'aquilo que ignora? Por exemplo o povo, que desconhece as mysteriosas molas da natureza, as leis physicas que regem a harmonia e ordem do universo; não fez estudo algum que o podesse esclarecer sobre estas matérias; n'ellas facilmente poderá inventar cousas extravagantes; e d'aqui surgem as opiniões ridiculas ou até supersticiosas e quantos homens não ha que decidem sobre aquillo que ignorão?

São raros os homens universaes; e se alguém quizer ultrapassar a esphera de seus conhecimentos, poderemos admirar que erre? Julgue sómente cada um d'aquillo que sabe bem e suspenda a sua opinião nas cousas incertas; e a maior parte das falsas opiniões desaparecerá.

As paixões.

As paixões são como uma densa nuvem que entenebrece a intelligencia e que se colloca entre a razão e a verdade; perturbão a alma, e fazem-lhe perder essa attenção continua, essa imparcialidade austera e a rectidão, que desvião o erro e a illusão. As principaes das paixões são a cobiça e o orgulho que são a origem dos desvarios e dos falsos juizos dos homens.

A cobiça de todas as paixões é a mais cega e a mais fecunda em opiniões erroneas e em acções injustas; eis aqui a prova. Se somos consultados e perguntados sobre um negocio extranho e desinteressado, veremos as cousas como ellas são, sem paixão e o parecer dado, se não infallivel, será pelo menos inspirado por um amor sincero da verdade. Mas se se trata de um negocio que nos interessa, somos levados a inclinar a balança em nosso favor; d'aqui procedeo a maxima popular que *ninguém deve ser juiz em causa propria*.

O homem de alguma sorte se identifica com o que possui; só por uma especie declaceração é que se separa dos objectos, de que gosa; emprega pretextos para os manter; e eis violada pelo interesse essa regra de equidade e de verdade, que recebemos da natureza.

O orgulho é outro inimigo bem temivel da verdade; o homem ama-se naturalmente a si mesmo; d'aqui vem esse amor cego para com as opiniões e produções do proprio espirito; essas illusões, que nos fazem vêr bellezas n'aquillo,

em que todos vêm defeitos; e signae de raiva e inveja nas reflexões da certeza mais doce e a mais racionavel.

Pelo orgulho queremos dominar os espiritos e os seus pensamentos; desprezamos as luzes dos outros, a autoridade dos sabios e da experiencia e preferimo perder-nos caminhando sós, do que tri-lhar as veredas já abertas pela sabedoria.

O orgulhoso procura, primeiro que tudo, ganhar e distinguir-se da multidão; o amor da verdade toca-o menos que o do seu renome.

E' do orgulho que nasce o espirito de seita e de partido, que têm enchido o mundo de dissensões e disputas sanguinosas.

Não espereis fazer voltar estes espiritos ousados com maximas d'uma razão sã e moderada, fazel-os dobrar sob o peso da autoridade, ou contel-os com o temor de tudo destruir em no mundo religioso e politico; nada, ganhareis sobre o seu orgulho *intratavel*.

E' facil amar a verdade que nos lisonjeia, ou que nos instrue sem impôr deveres; porem saibamos amal-a mesmo quando ellas nos condemna, e quando as nossas inclinações não estão d'accordo com ella.

Cada um poderá applicar a si o que lhe convier.

S. Luiz, Maio de 77.

L. M.

Instrucção.

Confiado demaziadamente em nossas forças, vamos aventurar algumas palavras sobre este importante assumpto. Uma pleiade de homens distinctos, em todos os tempos, tem alçado sua voz eloquente em favor da Instrucção. Na verdade ella o merece.

Suas vantagens são por demais conhecidas. Quanto ao homem suas vantagens são:

Esclarece as luzes do espirito, desenvolve e alarga a intelligencia, torna-o pacifico e prohibe-o de fazer crimes. S. Paulo uma das distinctas intelligencias do christianismo, disse: abrir escolas é fechar cadeias. Faz o homem comprehender, amar e servir melhor o Creador. Quanto as nações faz ordem, paz, prosperidade, civilisação, industria, commercio, letras, artes, sciencias. E' amiga da civilisação e irmã da liberdade. Dissimos que fazia a ordem entre as nações; é da nossa opinião Dantom. Quando em 1793 Collot d'Herbois retumbou sua voz eloquente contra Dantom interpellando pela revolução da Vendéa este respondeu-lhe: haverá revolução em quanto não houver instrucção.

Ha somente um grande talento, de quem a França ainda hoje se ufana, contra a instrucção, é o de J. J. Rausseaux.

Nos paizes mais adiantados, a França, Inglaterra, Alemanha e Italia, ella brilha com todo o fulgor.

No Brazil ja vai caminhando a passos

argos na vanguarda do progresso. Já temos brilhantes illustrações, como as Ottoni, Alencar, José Bonifacio, Visconde de S. Leopoldo, de Cayru. etc.

Ao acabar este artigo, pedimos ao publico, que o ler, desculpa dos nossos erros e protecção para este jornal.

Corast.

Amor infeliz.

POESIA DEDICADA Á JOVEM—J. V.

Fizestes soffrer um peito,
Que te amava. Foste ingrata.
Mas com firmeza, e lealdade
Te confesso: hei de vingar-me
Hei de dar um lenitivo,
Á minha dôr!...

Zombaste! De mim zombaste
Sem ter dô—sem ter piedade!...
Mas qual proscripto, hei de errar,
—Vagar— pelas solidões
Em procura de um conforto
Á meu penar!...

Foste cruel! Foste perfida!
—Commigo sempre direi—
Mas meu peito, que te amava
Ha de amar-te até morrer
Muito embora me desprezes
Me detestes!...

Pôdes ficar certa d'isto...
Em mim não ha falsidade
Mesmo quando m'illudias
Presei sempre á realidade,

Amei-te sem ser amado
Rendi culto a tua belleza
Passei noites, passei dias,
Engolphado na tristeza!....

Em Maio, de 1877.

Toti Nhozimou.

FACTOS E BOATOS

Presados leitores e amabilissimas leitoras.

Saude, paz e patacas, eis tudo o que vos desejamos. A minhas leitoras, conquistas e felicidades. Amantes, como somos, do bello sexo, d'aqui rendemos preito e homenagem as filhas de Eva

Teve lugar nos salões em que funciona o Club Familiar o concerto dado em beneficio do bem conhecido professor de pianno Theodoro Guignard. Houve grande animação achando-se representadas algumas nações Europeas por jovens francezas, etc. e até a propria Russia apesar do rompimento de hostilidades no Oriente, enviou sua diplomata, joven imberbe chegado ha pouco tempo pelo Brunswick.

A rapasiada do Lyceu, apezar dos ditos

de certas mocinhas vaidosas, dançou e divertiu-se perfeitamente.

Findou a reunião depois de meia noite, retirando-se todos penhoradissimos pelas maneiras affaveis de que é dotado o sr. Guignard e ás quaes deve elle o subido apreço que, de certo, gosa entre nós.

A falta de chuvas tem alvoroçado nosso povo. Dizem os padres que, lá no céu, o Padre Eterno, está furiosamente zangado conosco e por isso quer nos privar até da propria agua.

O que nos parece é que não tem lá muito bom gosto. Fazer-nos aqui morrer de goella secca não é das melhores. Mas o que nos consola é que tambem os padres morrem, salvo se para elles houver um outro Moysés que faça brotar agua de algum rochedo. Parece-nos que aqui no Maranhão não ha um nestas condições...

Alem disto a nossa lavoura fica em atraso, e bem assim nosso commercio e industria. Todos nós podemos ajuizar que males nos trarão ao progresso e á sociedade. E eis Deus, por uma hypothese absurda, inimigo da civilização e da humanidade.

Mas o nosso povo que não attenta, em sua simplicidade e ignorancia, á nenhuma d'essas considerações, ouve os padres e corre pressuroso ás preces. É chegar a noite está tudo em alvoroço.

Não somente nas igrejas mas em cada rua, em cada canto ha uma resa, muitas vezes de frente d'um baile de S. Gonçalo, protesto vivo contra o celibato e a esterilidade.

Estes frades, estes frades...

Enfim o homem é feito de pó... (*pulvis est*)

O mez Mariano tem corrido regularmente. Em Santo Antonio é que ha maior concurrencia, segundo temos observado, isto devido á não haver este anno a festa do convento do Rosario

Não sabemos porque, mas parece-nos que o nosso povo gosta mais de ir ao convento das freiras do que aos dos frades.

Este nosso povo tem coisas...

Organizou-se sob os auspícios de sua exc. o sr. dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, muito digno presidente da provincia, uma associação protectora de familias pobres

Tem por fim angariar subscrições em favor d'aquelles meninos, que, por falta de meios, não podem frequentar as escolas publicas, deixando assim de receber aquella instrução tão necessaria para o futuro de sua vida. Com o producto das assignaturas, comprar-se-hão os objectos mais necessarios, fatos, calçados, livros, etc.

Admiradores que somos das ideias sublimes e generosas, em nome d'esta redacção, acompanhamos os sinceros votos de todos os Maranhenses, de verem coroados do maior exito os desejos.

Consta-nos que já se estão confeccionando os respectivos Estatutos

Aqui andamos nós como ovelhas desgarradas, sem pastor. O nosso bispo, exm. revm. sr. D. Frei Alvarenga parece que não quer ver tão cedo. Ha dous vapores que o

esperamos e nada de sua exc. revm. chegar.

Prasa aos ceus que S. Exc. Revm. traga sob a veste sacerdotal a caridade e a mansidão recommendadas pelo Evangelio aos ministros de Christo na terra e não aquella mascara de hypochrisia, aquelle espirito de revolta de que se arrogão certos sacerdotes, que, por sua alta posição social, se julgão illesos das censuras de seus *feis catholicos*.

E nós temos tantos d'estes...

Para aquelles as benções do Senhor, para estes o anathema dos povos!

Na Recreação Litteraria foi dissertada pelo jovem e talentoso Luis de Sá Lima a these: Qual dos dois governos é melhor, a Realesa ou a Democracia?

Como era de esperar o dissertor opinou absolutamente. Na nossa humilde opinião, não é tanto assim. Para certos povos como a Inglaterra, a Hespanha, Portugal e o nosso pobre Brazil, apesar de cercado de republicas, a forma democratica é incompativel com o caracter do povo.

Isto é devido, sobre tudo, (fallamos do Brazil) á raça de que descendemos, e ao fanatismo predominante, que é incompativel com a liberdade e o progresso.

Não queremos entretanto dar ao dissertador pobresa de idéas, antes pelo contrario d'aqui lhe enviamos um alentado aperto de mão por seu bem elaborado trabalho.

Na União Juvenil procedeu-se ás votações para diversos cargos deixados vagos pelos snrs. Domingos Francisco Leite Junior, Plautillo José Hahnmand de Souza Lima, que pedirão a sua demissão. Depois de diversas votações, forão eleitos os seguintes snrs: 2.º suplente do secretario, Tito Mousinho; Orador, Guilherme Tell da Purificação; Para comporem a commissão fiscal Domingos Pedro dos Santos e Bernardo Pereira de Berredo e para a de Redacção Deoclecio Joaquim de Lemos, Julio Archimedes Bacellar e José Lourenço de Moraes e Silva.

Na sessão p. passada foi dissertada pelo intelligente socio Guilherme Tell da Purificação a these: Si os Jesuitas forão ou não de utilidade para a civilização do Brazil? que a agradeu geralmente.

No presente numero vai publicada na secção competente a these dissertada pelo estudioso socio José Grigorio dos Reis, sobre a apparencia e movimento dos cametas.

Para ella chamamos a attenção dos nossos leitores.

A redacção d'este jornal é composta dos snrs. Julio A. Bacellar, Luiz Venancio Jansen Vieira de Mello e Alfredo Rapozo Barradas, aos quaes pode ser dirigida qualquer reclamação retaliva ao mesmo.

Vosso afeiçoado.

Porporato.

ADVERTENCIA

Pedimos aos senhores que se dignaram remetter-nos artigos para serem publicados, queiram desculpar não sahirem n'este numero, por falta de espaço, o que faremos no seguinte.

Typ. do Frias.

REVISTA JUVENIL.

JORNAL LITTERARIO CRITICO E NOTICIOSO

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augetur scientia.
BACON.

Publica-se 3 vezes por mez. — Assignaturas adiantadas. — 25000 rs. por trimestre. — Numero avulso 200 rs.

ANNO I.

Maranhão, — Sexta-feira 22 de Junho de 1877

NUMERO 12

REVISTA JUVENIL.

MARANHÃO. 22 DE JUNHO DE 1874.

Sociedade União Juvenil

THESE—*Sobre a apparencia e movimento dos «cometas» dissertada pelo socio José G. dos Reis, e discutida na sessão de 26 de abril de 1877.—Offerecida ao seu amigo Domingos P. dos Saatos.*

(Continuação)

«Cometas» (do grego *kebetes*, coma ou cabeleira) são astros que apparecem de subito, descrevendo no espaço orbitas mais ou menos extensas e desapparecem depois pouco á pouco, para voltarem em tempos determinados ou para fazerem-no d'ahi á milhares de annos ou para nunca mais serem vistos, escapando assim muitas vezes á observação humana. Estes astros são de ordinario acompanhados de uma —nebulosidade— que se transforma algumas vezes em um rastilho de luz.—Esta nebulosidade é o que os astrónomos chamam «coma ou cabelleira» da mesma sorte que a esse rastilho «cauda». O—centro— rodeado dessa materia luminosa recebeu o nome de «nucleo», que com a aureola brilhante que o circunda tomou o nome de «cabeça do cometa».

As formas, as dimensões apparentes e reaes dos cometas e as formas e dimensões de suas caudas, são extremamente variadas. Tem-se visto cometas de varias caudas como o de Cheseaux de 1744. Ha-os tambem com cauda e sem nucleo luminoso.

Os cometas da mesma sorte que os planetas, ao menos durante o seu periodo de visibilidade, gravitam em torno do sol, centro do nosso systema planetario, percorrendo com rapidez variavel elykses extremamente alongadas, parabolas e hyperboles, o que é um dos seus caracteres. D'ahi resulta que elles só podem ser vistos ou observados em uma pequena porção do seu curso, quando elles se acham mais proximos do sol e da terra.

Em consequencia dos tempos de suas revoluções serem tanto mais longos, quanto mais consideraveis forem as dimensões de suas orbitas, apenas se tem po-

didido verificar a volta de um muito limitado numero desses astros.

Os cometas que descrevem orbitas ellypticas mais ou menos allongadas de que o sol occupa um dos focos, devem voltar em epochas mais ou menos remotas mas determinadas, salvo algumas perturbações occasionadas em sua passagem pelo encontro de algum corpo que possa mudar a forma de sua orbita, como aconteceu com o cometa de Lexel, de que adiante trataremos.

Os que descrevem orbitas parabolicas empregam tanto tempo em fazer a sua revolução que não se pode precisamente determinar sua volta, porem em vigor essa volta pode ter lugar. Realmente esses astros descrevem ellipses sobre modo alongadas que se confundem com a parabola durante o periodo de sua visibilidade por se afastarem os seus dois braços infinitamente e não voltarem mais sobre si mesmos. Finalmente os que descrevem orbitas hyperbolicas, depois de terem feito parte do nosso systema solar se auzentam d'elle para procurar no infinito outro sol que abandonam mais tarde em busca de um outro. Os dois braços da hyperbole são infinitos e se distinguem inteiramente da elyipse, ao contrario da parabola que tem muita analogia com ella, porque se afastam demasiadamente da forma reintrante que caracteriza a elyipse com a qual uma porção da hyperbole não pode se confundir senão muito perto do cume commum.

Ao contrario dos planetas cujas orbitas são comprehendidas em estreitos limites, as dos cometas tomam proporções gigantescas d'onde veem que ellas cortam em todos os sentidos a aboboda celeste, em quanto aquelles astros nunca se afastam muito em seu caminho do Zodiatico.

Todos os planetas do nosso systema se movem regularmente do occidente para o oriente em torno do centro commum, ao passo que os cometas se movem em sentido contrario, isto é, em sentido directo e retrogrado.

Estes são outros tantos caracteres de cometas.

Tem-se suscitado varias hypotheses para a explicação dos phenomenos come-

tarios, principalmente para explicar-se a formação do desenvolvimento das caudas dos cometas de que fallamos um pouco mais superficialmente.

Pouco se sabe sobre a materia que compõe os cometas, senão que sua massa é de tal maneira fraca que, soffrendo esses astros a attracção de todos os planetas, são incapazes de lhes fazer soffrer algum desvio.

Segundo Appiano, Cardan, e Ticho Brahe as comas dos cometas são simples apparencia optica causada pela rarefacção que a luz do sol soffre quando atravessa o meio gazoso e transparente da nebulosidade que cerca o nucleo dos cometas.

Porem parece mais provavel, diz Guillemin, que as caudas tenham uma existencia real e que sejam formadas de um aggregado de corpusculos destacados da aureola que circunda o nucleo, cujo movimento seguem em virtude do movimento de sua rapidez. A levesa e a extrema diffusão dos cometas nos leva a crer que elles nada influem sobre os planetas, que pelo contrario são demasiado innocuos. Da mesma sorte que as nuvens atmosphericas cuja grandesa, forma e cor variam á capricho dos ventos e do jogo fortuito dos rayos do sol, as agglomerações vaporosas que constituem os cometas tomam todas as formas imaginaveis sob o impulso de forças cosmicas mais ou menos intensas.

A' approximaxão do sol, a substancia cometaria se dissolve ou desfaz e se derrama por varios milhões de legoas, de tal sorte, que um rayo do sol lhe pode dar todas as formas phantasticas, como aconteceu ao cometa de 1862.

Hoje os astrónomos parecem bem socegados á respeito do encontro de qualquer cometa com o nosso globo, nem só, dizem elles, a possibilidade do choque é tão fraca que ningem deve ter inquietações a esse respeito, visto a massa do maior cometa ser tão pequena fracção da do nosso mundo que o maior choque seria quasi insensivel. O que approva o caso que se deo com o cometa de Lesal, que passando em maio de 1767 nas immediações de Jupiter, foi perturbado pela massa d'este planeta e foi modificada a sua orbita no ponto que era periodico. O cometa não voltou do seu perihelio em

junho de 1770 e não foi visto em 1776. Na sua volta de 1779 passou de novo perto do mesmo planeta e sua orbita ficou de tal maneira alterada que não tornou mais a ser visto; entretanto o planeta nada soffreu em sua revolução.

Antes de concluir este trabalho sejam permittido ainda nomear os cometas mais importantes, cuja periodicidade tem sido determinada pelos astrónomos que lhe deram os seus nomes. O de Halley, o unico de todos os cometas de longa revolução que tem sido melhor observado, faz sua revolução em 76 annos e um mez, o de Gambart ou de Biela (que se tornou duplo) em 6 annos e 8 meses o de Fay em 7 annos e meio, o de Brorsen em 5 annos e meio, o de Encke, descoberto por Pons, cognominado o *caçador de cometas* em 6 annos pouco mais ou menos (6^a 0, 3,) o de Vico em 5 annos e meio pouco mais ou menos, o de Arrest em 6 annos e meio, o de Wumeck em 5 annos e meio pouco mais ou menos, o de Mechain em 13 annos e 8 meses pouco mais ou menos, e outros muitos porem telescopicos e menos importantes.

Este capitulo é apenas destinado a observar, que n'este trabalho nos guiamos pelos snrs. Guillemin, Flammarion e Emmanuel Liais &. Aproveitamo-nos da occasião para pedirmos venia á Casa pela ma execução do nosso trabalho.

Disse.

Maranhão 22 de Maio de de 1877.

Recreação Litteraria

Discurso proferido pelo relator da sociedade União Juvenil, na sessão solemne da Recreação Litteraria.

Illms. srs. socios da sociedade RECREAÇÃO LITTERARIA.—Contemplada no numero de vossos convidados, vem a sociedade litteraria—União Juvenil—agradeer-vos essa prova de consideração que lhe dispensastes e saudar-vos no vosso brilhante terceiro anniversario.

Á mim, como orgam das expressões dessa joven associação, coube essa honrosa ao mesmo tempo que espinhosa tarefa, para cujo desempenho sinto arrefecer o ardor da vontade que exorta, chamando ao seu auxilio uma impotente intelligencia.

Mas o fogo electricante do enthusiasmo acaba de tocar em meu coração na veia medulante desse mesmo sentimento, á cujo contacto explosivo sinto um Etna convulsivo no peito e um tumultuar de pensamentos que, qual embravecidas vagas, se vêm chocar nas fontes do cerebro.

É forçoso ceder. Continuemos.

Vou, pois, manifestar as impressões produzidas pela justa, santa e sublime

causa desta festa de tanta magestade. Serão as minhas palavras o inintelligivel balbuciar da nascente sociedade que ora represento, dirigindo-se a vós, nossos companheiros no labaro da ideia,—argonautas do oceano da sciencia em busca do mesmo vello—Deus, patria e liberdade!...

Minhas senhoras, meus senhores.

Neste augusto templo, muito diferente daquelles do paganismo, em cujos altares se levantavam colossaes idolos, enriquecidos de pedras preciosas; neste templo muito diferente daquelle que lá naquella cidade da região transcaucasea alimentava as chammas que lhe consumiam o seio; neste templo, dizemos, ha um altar cuja simplicidade é tanta quanto é grande a sublimidade do symbolo que representa.

—Um livro! uma penna! e uma aureola brilhante que os circunda e illumina!

Oh! vós, que agora em vossas mentes figuraes essa trindade banhada em sua mesma luz, não vèdes Guttemberg, symbolizado nesse livro, a instrução que se expressa nessa penna e a idéa que, espargindo seus almos raios sobre a imprensa e a instrução, os une e apresenta imponentes ás vindouras gerações?

Como a alma para o corpo, está a instrução para a intelligencia. A intelligencia qual flor espuria nascida em terra inculta onde só nasciam emmaranhadas silvas, carecia da instrução que qual sabio segador foi de entre as cruas silvas arrancar mimosa florsinha.

A instrução, filha da ideia, logo depois tornou-se sua preceptora.

É a instrução a mão justiciosa que estabelece a igualdade entre todos os povos, entre todos os homens; a luz que devassa os esplendores dessa esphera luminosa e vae de globo em globo ensinando-nos sua estrutura e a lei, a ordem que ás preside; essa lampada de luz basta que se projecta na crypta dos abysmos e nos descobre suas negras entranhas; essas arterias electricas que são estreitos laços unindo os continentes, e por onde circula o progresso—o sonho dourado de todas as nações; é, finalmente, a instrução esse caminho unico que nos conduz a Suprema Sabedoria.

O culto da instrução nos foi aconselhado por Deus quando impoz ao homem o primeiro dos seus direitos—o direito do trabalho.

Desde então com a multiplicação dos povos foi esse culto crescendo; e grandes e pobres pequenos e ricos todos com ardor abraçavam esse pão da intelligencia, quando a escolastica—o algoz da sciencia na idade media—fez da instrução seu monopolio, condemnando o povo á ignorancia—a escravidão do espirito.

Mas quando assim opprimido gemia sob o jugo do despotismo d'aquellas eras,

esse povo que dormia, mas no somno da ignorancia, vio levantar-se do seu leito de neve e esmeralda, por sobre as altas montanhas da Allemanha, essa mulher fecunda e liberal—a imprensa que lhe marcava a aurora de sua redempção.

Foi então que se deram os principaes acontecimentos que foram o principio da civilização moderna.

Desde então restabeleceu-se e augmentou-se o culto da instrução.

De então para cá cada nação concorre com os seus esforços para esse trabalho de todos os seculos.

Cada uma dellas levanta uma columna inconcussa para sustentaculo desse grande templo, cuja aurea cupula se eleva aos pés de Deus!

E a vós, que hoje radiantes de alegria—colheis o abençoado fructo de um anno de continuo labutar, tocamos os maiores e mais sinceros parabens, pois concorreis de alguma forma para que este vasto imperio que vos vio nascer, seja um dos atlantes gigantescos que formam as colossaes columnas do soberbo, do augusto templo da divindade do culto universal—a instrução.

Terminando, sejam as minhas ultimas palavras:

Não desanimeis!!

Ao trabalho!!

Perseverança!!

G. Tell.

A Perfectibilidade humana.

(Continuação.)

Vivia a humanidade envolta nas trevas profundas da ignorancia, o homem vivia sepultado nas eças negras da negra estupidéz, a mercê d'essa horda dissoluta, d'esses vampiros da humaidade que sugavão o seo sangue para pasto das suas paixões;—vivia assim o povo—, automato dos padres, que oppunha-lhe como baluarte inexpugnável as penas terrificas do Inferno, proseguindo assim no caminho abjecto que todos elles teem trilhado, e que nenhum sequer jamais evitou;—vivião assim—, quando lá no horisonte d'esse ambito immenso que circula a humanidade, cingida a cabeça de uma aureola que espargia luz que offuscava, appareceu radiante como a aurora quando com seos raios louros rasga os bastos véos da espessa noite, esse genio que a sciencia sempre recordará com delirio, e de que a humanidade sempre tãobem se ha de lembrar com transporte. Eu fallo de Aristoteles.

Destinado pelas mãos da natureza aos grandes feitos e á sublimes commetimentos, não só como philosopho eximio, mas como naturalista distincto, Aristoteles conseguiu tropheos!—porque com seos principios luminosos e claros, e com suas doutrinas verdadeiramente positivas, conseguiu abrir caminho ás ambições e

as glorias brilhantes que chegou Bacon e Descartes a alcançar nos fins do seculo 17!

Então, decahida a religião do apogêo excelso a que se tinha elevado,—as sciencias positivas, tendo por base a experiencia e a observação e não a hypothese,—essa arma que brilha nas mãos dos espiritualistas, avançou—não um passo, mas attingio cêlere um gráu soberano na escala indefinida da perfectibilidade humana, e forneceo assim provas palpaveis e indestructiveis contra os bastardos da humanidade,—já descobrindo nas cavernas a morada do homem, como buscando nas grutas os signaes indeleveis da sua passagem gloriosa. Então, a Biblia, perdendo quase toda a sua veracidade, e decahindo portanto nos espiritos dos sabios, cedeo o logar do Adão degenerado ao homem primitivo das sciencias que se fundão— não sobre edificios construidos sobre areia movediça, mas sobre a observação e a experiencia, sobre a natureza, em uma palavra. Sim; não foi um pouco de argila nem um bocado de barro que nas mãos de Deos, *que é espirito*, tomou a forma do que chamamos—homem—, não;— a sua origem não é tão poetica, mas é mais verdadeira, não s'eleva tão alto, mas remonta-se ao ser mais altamente aperfeiçoada na escala progressiva dos animaes— ao macaco. Isto buscaremos provar mais adiante, por ora esquecendo-nos de outras considerações preliminares menos essenciaes, procuraremos começar d'esde já a apreciar os progressos immensos da perfectibilidade humana indefinida.

Entretanto declaramos, para melhor dirigirmos o leitor, o plano á seguirmos n'estas ligeiras e apressadas ponderações que pretendemos fazer,—declaramos não ser somente o nosso fim provar que o homem é um Adão degenerado, mas procuraremos tãobem em primeiro logar refutar a opinião d'aquelles que pretendendo mostrar a imperfectibilidade humana, quizerão mostrar a grandesa, a força e a alta intelligencia do homem primitivo, porque, cumpre-nos confessar, se tal tivesse sido o homem na sua primeira origem, a humanidade não teria progredido, teria retrogradado, não se teria aperfeiçoado, teria sim, attingido o zenith da degradação. E' preciso portanto não só provar que o homem na sua origem não foi um Golias, mas é necessario tãobem mostrar que elle foi pequeno, fragil e iguorante; cumpre-nos apreciar as phazes do seu aperfeiçoamento, o grande desenvolvimento da sua intelligencia,— ou não teremos feito nada ou nada teremos provado.

—Dos Imperfectibilistas o homem primitivo, esse homem que *contra as intemperies das esteções*, tinha o coiro das animais por vestimenta, e as mãos, os dentes e a pedra rudemente talhada por armas unicas contra o *magathérium* e o

mastodante, esse homem a quem um illustre proselito de Figuiet e um terrivel inimigo do Progresso estendeo a mão *atravez dos seculos* e disse:— «Salve, ser potente e intelligente que dominavas as forças que te cercavão, salve producto a mais perfeito das forças vitales do Universo, solve (!);»— esse homem, segundo a sciencia, não é mais do que um *pygmêo* tanto na figura como no espirito.

Sim; porque a opinião relativa a existencia de uma raça de gigantes sustentada com afan tamanho é completamente erronea, e se appoia apenas sobre o facto de ter sido achado ossadas de animaes gigantescos misturadas com ossos humanos.

Isto porem é tão simples como facil de explicar. Porque, como diz Vogt, Huxley, e muitas outros, esses animaes tinham antes a configuração simiana que humana; erão mais macacos que homens.

Pravado isto é claro e evidente que os homens quaternarios e terciarios erão todos de uma configuração grosseira e de uma estatura pequena. E senão citaremos a pequenez do punho das armas d'elles, os destroços achadas na *caverna d'Aurignac*, na *cova Frontal*, indicios fortes da sua fragilidade, como os ossos humanos encontrados nos numeros as cavernas belgas da provincia de Namur.

Sim, mesquinho de figura, mesquinho de espirito! E em prova, citaremos o craneo de Néar denthal por Broca e Huxley declarado o mais bestial e simiano até então conhecido, com o lance authorisado sahido da penna do immortal Büchner. que diz:—

«A dissimilhança entre os homens das epochas deluviaes ou terciarias e o civilisado de nossos dias é a mesma que existe entre o selvagem da Australia e o Europeo instruido do nesso tempo.»

De tudo isso, assim como de muitas outras descobertas d'ossadas humanas, se pode concluir seguro de não errar, que o nosso antigo antepassado— o homem primitivo, era infinitamente inferior ao homem actual, tanto intellectual como corporalmente; do que se segue que o homem de hoje não é mais do que um alto aperfeiçoamento do homem d'aquellas epochas.

Ahi está a *idade de pedra* comprovando tudo isto.

Büchner que a divide em idade *antiga media* e *moderna*, diz por outras palavras mais ou menos o seguinte:—

Que a primeira d'estas idades é tão falta de provas que mostrem o seo desenvolvimento, que Westropp a chama de *barbaria*; que a segunda se destingue pela profusão de armas trabalhadas com alguma delicadesa, e que a terceira finalmente é onde se pode dizer teve principio a verdadeira civilisação, por cuja razão a historia a assignala como a mais importante e como a mais digna do pri-

meiro logar na escala da perfectibilidade humana indefinida.

E assim é. O homem não é imperfectivel;— porque começar o homem por ser *grande* para ao depois tornar-se *pequeno*, nas opiniões dos maieres escriptores, é absurdo, visto que a lei sempre da criação das coisas humanas, é começar por ser *pequeno* para finalmente tornar-se *grande*.

Sem embargo ha uma legenda antiga e incompleta que sustenta a perfectibilidade do primeiro homem, e portanto, a imperfectibilidade humana tãobem.

Essa legenda— é a tradição biblica,— e os padres, os Miltons, os poetas, e defensores d'essa prodigiosa concepção humana.

Coisa impossivel! Se os homens d'nossos dias fossem realmente a posteridade degradada e degenerada de uma raça mais nobre e melhor, não se conceberia, diz Büchner, como podesse ainda durar o genero humano actual, visto ser um facto assaz observado pelos povos que os individuos degenerados ou degradados jamais têm uma longa existencia, mais desaparecem gradualmente.

O homem, é consequencia logica ao que venho de dizer, não é pois um filho do paraíso, mas ao contrario, na opinião do mesmo escriptor que acabo de citar, como todos os seres organisados, através das myriades de annos e de gerações sem numero, se dezemvolveo, aperfeiçoou-se, engrandeceo-se!

Não é um Adão degenerado, uma raça amaldiçoada; um filho degradado, mas apenas um macaco *aperfeiçoado*.

E se não vejamos.

No proximo n. deste jornal trataremos desta questão, pois a falta de espaço não nos permite o irmos avante, e nem tãobem a *preguiça* me concede mais tempo para continuar.

Demo.

Poesia. (*)

(escripta no album de meu amigo e collega Domingos P. dos Santos).

Amigo,

á linda donzella
que vier—mimosa e bella—
desdobrar a fina tela
d'este' album,
dize:—«Sinhá, nestas flores
de mil, suaves odores
e de tão mimosas cores,
ha uma,
que pelo tufão batida,
no fraco hastil já pendida,
tendo a cor emmurchecida,

(*) Publicada á pedido.

não tem...»
 Mas, se ella—pressurosa—
 de perguntar ansiosa,
 t'interromper—curiosa,—
 —«Qual é?»
 Então,
 á feiteiceira deidade
 responderás:—

AMISADE.

Sans le soleil les beautés de la nature nous
 seraient inconnues; sans l'amitié les charmes
 de la vie resteraient ignorés

Filha de Deus, dom celeste,
 que nossas almas reveste
 de doce, almo prazer,
 tu que a viver nos convidas
 e que minoras das vidas
 o longo, amargo soffrer;

tu qu'és mãe de exilado,
 que jaz da patria olvidado,
 tão sem carinho e sem pão,
 e do orphão que descrente
 do mundo, vaga indolente
 sem paternal coração;

tu que nos trances da vida
 facultas certa guarida
 aos que a sorte desprezou,
 e que—teus, seus sentimentos,
 partilhas dos soffrimentos
 á que ella os condemnou;

qual em Damão e Pithias
 á quem tão prodiga enchias
 de teus bens, oh! amizade,
 em minh'alma que te sente,
 repousa tu fielmente
 té lá na eternidade!

Setembro—1876.

G. Tell.

A D. * * *.

Vi-te um momento, deidade
 Bella, meiga, sem rival;
 E logo disse inspirado:
 «Eis ali meu ideal!»
 E sendo livre, curvei-me,
 No teu olhar inspirei-me,
 Prendeu-me os laços d'amor;

Tornei-me escravo, hei de amar-te,
 D'esse amor hei de fallar-te.

Que importa si não me amas?
 —Si me despresas talvez?...
 Serei sempre a tua sombra
 Que já o sou bem o vês...
 Não julgues pois que padeço,
 Sou-teu escravo, obedeço—
 Te seguindo anjo ou mulher.
 Te amo, deixa que o diga,
 Deixa tambem que te siga
 Como á tarde o rosieler!

Tu és p'ra mim, bella virgem,
 O mesmo que o sol para a flor!
 —De manhã, dá-lhe frescura,
 De tarde dá-lhe pallor!...
 Te amo e sigo caládo,
 Teus pés osculo curvado,
 Cumprindo assim minha sorte;
 Porem deixar de seguir-te,
 Ver-te, creança, e sorrir-te!...
 Isso não!... antes a morte...

Abril de 77.

Alfredo Galvão.

FACTOS E BOATOS

Um!...

Post tantos annos tantosque labores, com os pulmões a trasbordar de ar á *Revista*—alto e bom som —ainda pode gritar: Srs. assignantes, ainda não niorri!

É bem verdade que tudo á que falta alimento morre; e v. s.^{as}... não têm pena...; deixam que .. desfalleça... morra... Sim, sois vois que cravais o punhal na joven, vossa protegida, filha de Gutenberg! Sois vós *deshumanos*, que lhe dizeis: *Requiescat in pace!*...

Emfim... só resta á pobresinha dizer: *Fiat me secundum voluntatem tuam.*

Celebrou-se no dia 4 do corrente o terceiro anniversario da sociedade «Recreação Litteraria» no salão da escola da 1.^a freguesia, o qual apresentou nesse dia uma scena do seculo —uma festa litteraria. A concurrencia não foi grande; mas em recompensa, sobejou o enthusiasmo.

Dos jovens que deram expansão ás *suas* (com honrosas excepções) ideias, recorda-nos os snrs. Sá Lima, orador da sociedade, Godois, que recitou uma poesia, o Sá Vianna (!!!),

Leite Junior, Tito Lemos, Costa, Tito Mousinho, como espectador, Moraes e Silva e um *Mersupiais*.

Houve um destes, é sócio da Recreação, que tomado de subito de uma febre no cerebro improvisou um discurso (havia trez mezes preparado.)

Parenthesis: Por fallar em discurso improvisado... Vende-se na livraria do Magalhães um «*Almanack das Senhoras*» Creio não ser fôra de proposito fallar no almanak depois do tal discurso *improvisado*.

Ainda sobre o assumpto temos á dizer que um ou dois mezes antes já se encomendava prosa e verso para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco,—França, China, etc, etc.

Satisfeito temos á dizer que uma interessante menina leu um discurso em que ella e suas collegas se congratulavam com os jovens que festejavam o anniversario de sua associação, por vermos que no estabelecimento á que ella pertence (de N. S. do Rosario) ensina-se a lançar do animo esses oppressores preconceitos que fazem as senhoras entre nós tão acanhadas.

O sr. dr. Santos Jacintho, presidente honorario, tomando a palavra, leu um bem elaborado discurso de muita clareza e philosophia em que o muito honrado pae de familia dirigio salutarees conselhos aos jovens associados, condemnando os desvarios do materialismo e lembrando-lhes os deveres sagrados do homem para com o seu Creador.

O sr. Guilherme Tell da Purificação representou a sociedade União Juvenil com o discurso que vae estampado em outro lugar deste jornal.

Nos tres dias da festa de S. Antonio choveo... de dia, fazendo boa noite.

Não foi pouca a concurrencia;— não menos a ordem e as moças bonitas, porem... tão esquivas!

Enrabichada á aquella veio a festa de S. João, que vae correndo com muita monotonia, não admirando assim haver ordem.

Com esta ultima palavra—*ordem*—foi-se o ultimo átomo de ar, e, prostrada a Revista diz que, se não concorrerdes com vossas mensalidades, não haverá ordem em sua sahida, prejudicando assim os snrs. que pagam, e...

Jusqu'à...

Não se esquece

A actual commissão deste jornal, a qual devem ser dirigidas quaesquer reclamações, é composta dos snrs. Guilherme Tell da Purificação, relator, F. C. Mauriz e Tito Mousinho.

Typ. do Frias